

Grávida
DO MAFIOSO
QUE NÃO ME AMA

ALINE PÁDUA



Grávida
DO MAFIOSO
QUE NÃO ME AMA

ALINE PÁDUA

Copyright 2023 ©

1º edição – ABRIL 2023

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Edição: AAA Design

Ilustração: Letícia K. Designer

Revisão: Sônia Carvalho

Sumário

[Nota](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo I](#)

[Prólogo II](#)

[PARTE I](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[PARTE II](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Nota II](#)

[Redes Sociais](#)

[Outros Livros](#)

[UMA GRAVIDEZ INESPERADA](#)

[CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo](#)

[O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY](#)

[FELIZ NATAL, TORRES](#)

[UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO](#)

[GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA](#)

[O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ](#)

[A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA](#)

[GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO](#)

[UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO](#)

[GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA](#)

[UMA FILHA INESPERADA PARA O CEO](#)

[UMA FAMÍLIA INESPERADA](#)



Olá, minha gente!

Prontas para começar uma nova família, e dessa vez, com mafiosos?

Kalel Kang já deu as caras em UMA FAMÍLIA INESPERADA, mas de forma bem sucinta (só que impactante, quem aí já leu sabe rs).

Não é necessária a leitura de outro livro para o entendimento deste!

Um aviso importante é que os personagens são estrangeiros, e então falam várias línguas, e em alguns momentos será especificado qual estarão falando, e em outras não.

Espero de coração, para você que escolheu essa história, que seja um bom tempo ao lado dela.

Boa leitura!

Com amor,

Aline



Posicione a câmera do seu celular para ler o QR Code e conheça um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter acesso, clique [aqui](#)



**O ditado que ela não queria ter como uma realidade, mas era:
Hari que amava Kalel que amava Lea que não amava ninguém.**

Ele, conhecido com o diabo da máfia Kang.

Ela, a mulher apaixonada por ele desde os dezoito anos.

Ele, se apaixona por outra, mas acaba na cama *dela* no fim da noite.

Ela, acorda sozinha na cama, com a notícia de que ele abandonou a máfia.

Hari apenas quer seguir em frente após ser usada, porém se descobre **grávida do mafioso que não a ama.**

Prefácio

“Pegue minha mão, meu coração e alma

E eu só terei olhos pra você

E você sabe, tudo muda mas

Vamos virar estranhos se nós dois continuarmos desse jeito

Você pode ficar entre essas paredes e sangrar

Ou só ficar comigo, oh, Senhor.”

Hits Different – Taylor Swift



“Oh, irmão, nossa conexão é mais profunda que a tinta

Das tatuagens em nossa pele

Embora não compartilhemos o mesmo sangue

Você é meu irmão e eu te amo, essa é a verdade”^[1]

Existiam muitas especulações, teorias e dúvidas sobre o que os pertencentes à família Kang, de fato eram. Eles começaram nada mais como uma vingança. Dois adolescentes de uma família poderosa, que viram a família ser morta por dinheiro e ganância. Os mesmos adolescentes, acabaram por vingar um a um, todos aqueles que machucaram quem amavam. Até que não restou ninguém. Quando viram que existiam muitos outros que passavam pelo mesmo, e não tinham chance.

Os Kang nasceram para se vingar, e era o que faziam. Se vingavam por aqueles que não tinham como se defender. Assim como

eles, quando crianças, dois irmãos gêmeos, uma menina e um menino, que tiveram tudo tirado de si, e mesmo que não fosse possível recuperar, eles se reergueram, para ter sua vingança.

E transformaram suas mãos manchadas de sangue, para com aqueles que na visão deles, mereciam ser levados ao inferno, que apenas eles sabiam fazer. Se Ha-yun Kang e Dae-jung Kang não tivessem se vingado, talvez os Kang não existissem até os dias atuais. Porém, eles o fizeram, e firmaram seu nome no mundo obscuro e ilegal. Muitas vezes, os justiceiros de uns. Outras vezes, os diabos de outros.

Porém, o que poucos sabiam, era que existia uma família, que eles construíram a partir de si. Dos adolescentes e crianças que salvaram, aqueles que não conseguiam ver nada além da dor e sofrimento à sua frente, e não escolheriam seguir uma vida comum, eles tinham a opção – de ser um Kang. Entretanto, existia apenas um legado: não se nasce um Kang, se escolhe ser um. E todos tinham seu momento de escolha.

Todos os que carregavam o sobrenome e o brasão daquela família, o escolheram. Era uma vida difícil, se olhassem para as dualidades que enfrentariam, entre ser um monstro e um salvador. Mas e se para salvar, fosse necessário ser um monstro? Eles faziam o que era necessário.

— Um dia Vincenzo vai assumir a família — Jeon falou, tirando a camisa toda suja de sangue.

Fiz uma cara de nojo, mesmo que eu já estivesse me acostumando com aquilo. Fazia três anos que eu estava convivendo com aquelas pessoas. Fazia três anos que minha vida tinha virado de cabeça para baixo, e eu era protegida pelos Kang.

— E se Dove assumir? — Chae indagou, jogado num dos sofás.

Parecia uma conversa comum, entre irmãos, se não fosse pelo ponto maior, que eles comentavam sobre quem seria o chefe da máfia Kang, assim que Cha Oppa^[2] parasse, por conta de sua própria vida e saúde.

— Por que a gente fica pensando nisso? — intrometi-me, e senti o momento que um braço passou por meu ombro.

A sensação de casa que apenas Kalel me trazia.

Do primeiro olhar que eu encontrei quando atravessasse aquelas grandes portas, dois anos atrás, para o olhar que eu via como lar, quando um lar foi tudo o que tiraram de mim.

— Porque eles gostam de discutir até pelo que não lhes diz respeito.

Afastou-se, piscando um olho, e desviando-se da almofada que Jeon jogou em sua direção, e depois, da estátua que Chae jogou. Digamos que Chae era um pouco mais sem medida, naquele ponto.

— Não é como se os dois discutindo isso, fosse mudar alguma coisa. — Hinata provocou, encarando alguns papéis espalhados sobre a mesa de jantar, e sabia que era o nosso próximo alvo.

Cada um de nós tinha um papel ali, que encontramos, enquanto treinávamos para ser o que quiséssemos. A escolha sempre era nossa, de ser um Kang ou não. E todos nós, optamos por ficar. E de alguma forma, eu tinha conseguido um lugar naquela família, pequena e assustadora em alguns momentos, mas que era minha.

Hinata gargalhou alto, e sabia a parte que ela lia do relatório que eu tinha feito naquele dia.

— É sobre a gente, não é?

— Isso aqui é uma definição perfeita. — Ela então soltou um grito, como se tentando chamar atenção de todos, e os olhares estavam todos nela.

— Alguma morte que eu deveria saber? — Dove descia as escadas, com uma xícara em mãos, claramente sem entender nada.

— Dos mais novos para os mais velhos, eles têm definições sobre os Kang. — Hina limpou a garganta, e eu me aproximei dela, sorrindo. — Hinata, a que tem um sorriso fofo, porém é ardilosa, e parece que não te mataria, mas mataria em menos de dois segundos. — Encarou-me, e dei de ombros.

— Transcrevi exatamente o que disseram na gravação que fiz, sem uma palavra a mais.

— Ofendida pela parte de precisar de mais um segundo. — Reclamou, eu revirei os olhos, e ouvi meus irmãos reclamarem ao fundo.

— E vamos para Hari, a que tem um sorriso fofo também, mas as cores de cabelo são tão variadas quanto as formas que ela sabe matar.

— Achei um pouco exagerado, mas ok. — Fiz uma careta. — Não tem como eu ter alguma fama.

— Os cabelos são um marco — Chae falou, e eu não entendia a fundo. — É minha vez, vai Hina! — Chae falou de novo, e parecia realmente animado.

— Chae tem a expressão fechada, mas pode te esmagar como uma formiga. — Ele então parecia esperar por mais, e eu tive que rir de sua expressão desapontada.

— Continuando... — Hinata prosseguiu. — Kalel, tem um sorriso fofo, mas mentiroso, porque é o diabo que todos conhecem.

Meu olhar foi direto para o homem que era minha primeira paixão, e ele fez uma careta, mas não pareceu mexido com as palavras. A realidade era que existia uma grande diferença de quem éramos na máfia, e quem éramos como família. Mas o importante, era que não nos julgávamos. Nossa casa era um lugar sem julgamentos, a não ser claro, que fôssemos contra alguma regra.

— Estou me sentindo ofendido, como Hina falou. — Chae reclamou, e nem parecia o poço de terror que era fora daquelas portas.

— Parece até que são elogios, Chae — Dove comentou, sentando-se na poltrona perto da porta de entrada. — São pessoas de outra máfia descrevendo os Kang, o que esperava?

— Chamaram Kalel de diabo... — pareceu explicar o óbvio. — Eu faço coisas muito piores, e ele leva o nome ruim, Noona^[3]?

— Vou fingir que não ouvi isso, para não ter que te bater — Jeon falou, batendo uma das mãos na testa. — Pode pular o meu...

— Jeon Kang, o segundo provável chefe, caso Vincenzo não seja eleito. E bom, ele é como uma sombra. Não sabemos nada, a não ser, daqueles que o temem.

— Isso foi muito profundo — ele disse, como se estivesse surpreso.

— Dove Kang ou posso dizer rainha da máfia? — Hinata leu, me encarou e eu assenti.

— Foi realmente em tom de pergunta que o homem falou — explicou.

— Uma flor perfeita, mortal e cruel como a noite sem estrelas. — Foi a vez de todos olharmos para Dove, que parou com seu chá no meio do caminho.

— Que coisa cafona — reclamou, e eu ri alto.

Ouvimos o barulho na porta da frente sendo aberta, e Vincenzo passou por ela, mexendo em sua gravata, claramente cansado.

— Qual a piada?

— Nem queira saber, irmão. — Dove rebateu, ele a encarou, e depois a todos nós.

— Vá colocar uma roupa limpa, Jeon — exigiu, e veio para perto de mim, como se tentando compreender o que acontecia. — Leitura de relatório?

— Vincenzo Kang ou melhor dizendo Baba Yaga... Ele é realmente o pior pesadelo que alguém pode encontrar, em carne e osso.

Nunca seja um problema para Vincenzo Kang.

O silêncio tomou toda a sala, e Vincenzo parecia sequer ligar para aquilo. Existia algo nele, que não sabia se era uma bênção ou uma maldição – ele sabia ser completamente neutro, em qualquer momento que desejasse.

— Melhor do que diabo — Kalel falou, e então a sala inteira começou a rir, menos Vincenzo e Dove, que no momento tomavam seu chá.

Vincenzo caminhou até Hinata, encarando a folha que ela lia, e pareceu dar uma lida rápida.

— Bom trabalho, pequenas.

Sorri para ele, assim como Hinata o fez, e logo ele foi em direção às escadas.

— Nós temos que ir para o Brasil, em breve — Kalel disse, parando ao meu lado. — Pronta para rever a praia que tanto gosta?

Sorri para ele, completamente empolgada. Olhei ao redor, notando Vincenzo no último degrau, já indo para o seu quarto, e pensei sobre o quanto eram raros aqueles momentos, de todos nós juntos. E como seria um sonho, estar com todos eles, no meu lugar favorito do mundo.

— Como uma Kang? — perguntei para Kalel, que sorriu de lado. O juramento que fazíamos, sempre, e que era praticamente um bordão da nossa família.

— Como um Kang, sempre.

E sabia que todos nós seríamos, para sempre, daquela forma.



“Não consigo decidir se é uma escolha

Me deixar levar

Eu ouço o som da minha própria voz

Pedindo para você ficar”^[4]

Como você descobre que se apaixonou?

Como você entende que não está se confundindo?

Como você enxerga os sinais, mesmo quando não óbvios?

Eram as perguntas que se passavam em minha mente, olhando para o homem que se tornou meu melhor amigo.

Aos vinte anos, descobrir que seu melhor amigo, que conhecia o pior e melhor de você, era o seu primeiro amor, e talvez o único, poderia ser assustador.

E talvez por isso, eu ainda fugisse da verdade.

— Eu poderia ficar para sempre aqui — confessei, encarando a imensidão do mar à nossa frente. — E você?

— Eu? — Kalel ainda estava de pé, vestido todo de preto, completamente o oposto dos meus cabelos que agora estavam na cor lilás. — Eu acho que a areia incomoda.

Estiquei minha mão, como se para ele me ajudar a levantar, e quando ele o fez, puxei-o ao meu encontro. O baque foi tamanho, que seu corpo caiu sobre o meu, fazendo areia se espalhar por todos os lados. Porém, enquanto eu ria, notei o silêncio que vinha dele. Ele não xingou ou praguejou, apenas o seu silêncio.

Foi quando notei, o estado em que nos encontrávamos.

Ele estava sobre meu corpo, e cada parte de mim, quando entendeu aquilo, pareceu pedir por mais. Não era como se eu não soubesse que Kalel causava algo diferente, mas a realização de que não estava apenas fantasiando sobre me apaixonar por ele, era diferente. Eu me sentia atraída por ele. Por todo ele.

— No que está pensando? — perguntei baixinho, tocando seu rosto, e notei que ele piscou algumas vezes, como se saindo de um transe.

Ele tinha sentido o mesmo que eu?

— Que minha roupa vai ficar toda suja... — falou, praticamente pulando de cima de mim, e caindo sentado ao lado. — Por sua culpa.

Via-o disfarçando a situação, mas naquele momento, encarando-o de lado, agradeci por ela acontecer. Confirmou o que eu já imaginava: eu tinha me apaixonado por Kalel Kang.

— Já gostou de alguém, Kalel?

Ouvi-o respirar profundamente, e sabia que estava pensando sobre. Talvez, até demais. Seria prepotência minha, imaginar que ele sentia o mesmo?

— Defina gostar.

— Um romance desses que você quer contar a todos... — foi minha vez de suspirar. — Um amor para toda a vida... Um para sempre.

— De todos nós, eu acho que sou o único que imagina que isso é possível — assumiu, e o encarei de lado, unindo meus joelhos e abraçando-os com os braços, encostando minha cabeça contra eles. — De todo o inferno que já vivi, eu sempre procurei um paraíso assim.

— Quer vivê-lo comigo?

E minha boca foi mais rápida do que qualquer pensamento racional. Era o que se fazia quando se descobria apaixonado por alguém?

— Hari... Do que está falando?

— Eu gosto de você. — Fui completamente honesta. — Tenho tentado negar isso, a mim mesma, por um longo tempo, mas... É a verdade. Eu realmente gosto de você, Kalel.

— Hari...

Levei um dedo à sua boca, fazendo-o calar, e notei o desespero em seus olhos. Não era um bom sinal, né?

— Estou apaixonada por você — admiti, e forcei um sorriso. — Não sei ao certo quando aconteceu, mas quando vi, eu já estava assim. E hoje, só serviu para confirmar isso.

— Não tem por que se apaixonar por mim — falou, assim que afastei meu dedo de seus lábios, e logo voltei para a mesma posição.

— Não sente o mesmo, não é?

Ele pareceu em choque em um primeiro momento, e no segundo, mesmo com a vã esperança de que seria diferente, vi no seu semblante, que ele não correspondia.

— Tá tudo bem — falei, dando de ombros. — Não é como se eu não pudesse te conquistar. — Sorri de lado, e afastei meus dedos de seu rosto.

— Eu não sei o que dizer, Hari.

— Só me deixe te conquistar, e um dia vai me agradecer por ser insistente... — pisquei um olho, e me levantei, encarando-o, como se o esperasse.

— O quê?

— Vamos para a água?

— Mas eu estou com essas roupas pesadas e...

— Não tem ninguém aqui — disse, e corri em direção às ondas, indo para o meu lugar favorito – o mar.

Fechei os olhos, mergulhando na onda que me encontraria, e sorri assim que voltei a respirar novamente.

Senti o momento em que uma mão cutucou meu ombro, e me virei, encontrando-o. Todo de preto e molhado, ao meu lado. Não existia uma coisa que eu não tivesse conseguido de Kalel em todo o tempo que nos conhecíamos. No tempo que fazíamos parte da mesma família. Seria possível, conseguir seu coração?

— Só você mesmo. — Riu sozinho, jogando água em minha direção, e eu desviei.

— Como era mesmo, a música que ouvimos hoje? — indaguei, e ele me encarou perdido. — Aquela em inglês... — incitei-o.

— Sobre solo sagrado?

— “E, meu bem, foi bom

Nunca olhar para baixo

E bem ali onde estávamos

Era solo sagrado...”^[5]

Cantei para ele e parei com um sorriso. Seu olhar preso a mim, como se encantado. Por mais que não fosse fácil, não era como se eu fosse desistir de algo que tão preciso. Aquele momento ali, com ele, era sagrado. E eu buscaria por mais. Sempre mais de nós.

PARTE I

“Desisti de você umas 21 vezes

Senti aqueles lábios me contarem 21 mentiras

Você vai ser a minha morte

Sábio conselho

Amar você poderia fazer Jesus chorar

Make me (cry) – Noah Cyrus feat Labyrinth



“A pergunta persistente me manteve acordada

2 da manhã, quem você ama?

Me pergunto até que eu esteja bem acordada”^[6]

Anos depois...

HARI

— Às vezes, eu me sinto apenas um estorvo... — assumi, encarando meu reflexo no banheiro do posto em que paramos.

— Kalel não é nem maluco de pensar algo assim sobre você, Hari
— Hinata respondeu do outro lado da linha, e eu neguei com a cabeça.

A realidade era muito diferente do que se contava.

Kalel Kang era o homem por quem eu me apaixonei, e todos os dias, tentava fazer com que se apaixonasse por mim. Fosse tentando ser apenas eu, fosse tentando mostrar os lados diferentes que eu tinha.

Não foi um sentimento que apenas bateu na porta. Ele praticamente a arrancou e não me deu chance de fugir pela janela. O que ninguém sabia, era que se eu pudesse, eu já tinha escapado por algum lugar, há muito tempo.

Escapado do sentimento que ele me causava, e que nunca pareceu me adoecer tanto, quanto agora.

Não existiam missões fora do nosso país natal, que deixavam Kalel animado. A não ser se fosse nos países escandinavos, onde eu acabei o influenciando e muito, sobre o meu gosto por aquela cultura. Ele era apenas desanimado em ter que monitorar locais longe de casa, mas agora, no Brasil, ele parecia no auge da sua empolgação.

Eu sabia que aquele olhar quase negro, com pontos de cores diferentes espalhados pela íris, mais brilhante do que nunca, aquele cabelo bem-cortado para trás, tirando o comprimento que eu sempre achei tão bonito, aquela barba bem-feita, que ele tanto odiava, mas agora fazia sorrindo, as roupas sob medida, que ele nunca pareceu ligar, mas agora o fazia. Eu sabia o nome e sobrenome de quem causava tudo aquilo.

De quem parecia abrir uma janela no castelo daquele amor, que eu tinha construído, tijolo por tijolo, sozinha. Amar alguém ao longo de dez anos, ver o sentimento se modificar, e se transformar, em paixão, desejo e luxúria, traz também o conhecimento de quando aquela pessoa, sente exatamente o mesmo, só que por outra.

E eu sabia eu ele sentia.

Ele sabia o que sentia.

E eu era uma mera espectadora, vendo o homem que eu amava, indo encontrar-se com quem ele amava.

Como diria o poema que quase virou um ditado popular brasileiro, e que nossa irmã Kang mais velha, que era brasileira, um dia nos disse: “João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.” No meu caso, eu me via substituindo cada nome, e a outra certeza que me machucava, era saber que a pessoa que ele amava, não amava ninguém. A não ser, ela mesma.

Como ele não enxergava?

Talvez cego pelo amor? Era assim que eu era para com ele também? Acreditava que não, já que eu era ciente do sentimento não

recíproco que compartilhávamos. Ao menos, ele não me dava esperanças de que algo fosse mudar, o que me prendia à realidade.

De que Kalel Kang ainda não me amava.

Talvez aquela fosse a minha ilusão, que eu tanto cuidava, e regava com ideias que a fortaleciam todos os dias. Ele ainda não me amava. Como se tivesse a plena certeza de que ele o faria, um dia.

Levei uma das mãos ao meu peito, sobre meu coração, e fechei os olhos, sabendo que ele tinha um dono. E talvez fosse o mesmo que ele fizesse, pensando nela. Sonhando com ela.

Neguei com a cabeça, depois de ter enrolado o suficiente ali dentro do banheiro, como se evitando ao máximo que chegássemos ao nosso destino. Porque não era mais apenas sobre o nosso trabalho, sobre a nossa família, e sobre o que éramos. Era sobre ver o homem que eu amava, amando outra pessoa abertamente.

— Eu pensei que tinha sido sequestrada dentro do banheiro.

Sua voz soou às minhas costas, assim que peguei duas águas, e segui em direção ao caixa. O sotaque forte ao falar em português brasileiro comigo, e eu apenas assenti, enquanto pagava.

— Deveria ter entrado para me salvar então, certo? — rebati, treinando meu português também, enquanto saía pela porta da

conveniência.

— Você sabe se salvar sozinha, querida.

Observei-o de canto de olho, enquanto acendia um cigarro, e eu abria minha água, já próximos ao carro estacionado.

— Não é um motivo para que não seja salva por quem eu quero — falei, levando a garrafa à boca, e vi o exato momento que seu olhar mudou.

— Querida, nós já...

— Eu sei, querido — cortei-o, e era algo que compartilhávamos desde que começamos a estudar aquela língua. O verbo querer e todas as conjugações, assim como ele como adjetivo ou até substantivo. Nós demoramos a conseguir dizer aquela palavra, e ela se transformou em algo nosso.

Como eu poderia não me iludir, nem um por cento sequer, sabendo de tudo que compartilhávamos?

Mesmo que ele claramente não me quisesse ali, eu ainda era a querida dele. E ele era aquele que eu queria. Não apenas querido. Existia uma grande diferença entre o verbo e o adjetivo naquele segundo, certo?

Gostaria de não ter que culpar o português por aquilo.

A culpa era de quem?

Minha? Dele? Nossa? Do universo?

Adentrei o carro, já terminando a primeira garrafa de água, e vi-o descartar o cigarro, e adentrar o mesmo. Era a vez dele de dirigir, e não faltava muito para chegarmos ao destino.

O destino que ele queria.

O destino que eu evitava.

Mas o destino que talvez fosse o dele.



“Saiba que eu te amei tanto

Que eu deixei você me tratar assim

Eu fui sua cúmplice voluntariamente, amor”^[7]

KALEL

— Nenhuma mudança, mesmo que mínima — a voz de Hari soou em meu ponto, e continuei a andar pelas casas espalhadas por aquele terreno. — Tudo vazio, e com certeza, foi o que pensei.

— Tráfico?

— Crianças... — ouvi a voz de Hari mudar, quase como um sopro de dor. Virei-me de imediato, corri na direção em que ela estava, e vi-a

com um pequeno cobertor em mãos, feito de retalhos. — Há covas, mas não corpos.

Fui até o local que ela olhava, e logo à frente de seus pés, tinha pequenas covas espalhadas por todos os lugares.

— Quase caí dentro de uma...

— Deixaram por querer? — supus, e vi-a assentir, vasculhando o tecido em suas mãos.

— O sobrenome de Baldur. — Mostrou na pequena costura, e tentei analisar toda a situação. — Estão com crianças escandinavas.

— No Brasil?

— Não é à toa que fomos mandados — falou, sendo mais esperta do que eu, como sempre. — Precisamos reportar isso para Vincenzo, e vou pedir autorização para falar com Baldur...

— Por que é a única que chama um homem como ele pelo primeiro nome?

— Ele me permitiu. — Arqueou uma sobrancelha, encarando-me. Seus olhos castanhos escondidos pelas lentes verdes, claramente acusadores. — Ciúmes, Kalel?

— Oppa. — Corrigi-a, e ela apenas negou com a cabeça. — Sou mais velho, Hari.

— Por minutos... — olhou-me de cima a baixo, do jeito atrevido que apenas ela parecia conseguir ter. — Seja feliz sendo meu querido, já que não quer ser meu amor.

E ali estava ela, sendo direta e sincera.

— Hari...

— Eu sei, querido — falou, negando com a cabeça, e vi-a colocar o cobertor dentro de uma das bolsas que carregava. — Eu sempre sei.

— Vamos ligar para a família e ver.

— Eu ligo. — Adiantou-se, e caminhou em direção ao carro, fazendo-me segui-la. — Sei que tem coisas para resolver.

— Hari...

— Preciso dizer que “eu sei, querido”, de novo? — indagou, e vi-me soltando o ar com força. — Mas vai a pé, porque sou a dona desse fusca lindo por um dia.

— Nunca vou entender como gosta tanto desses carros...

Ela riu de lado, olhando-me enquanto abria a porta do motorista.

— Acho que nunca quis entender.

Meu celular vibrou e tudo dentro de mim se remexeu. Hari adentrou o carro, enquanto eu me esquecia de absolutamente tudo ao meu redor por um segundo, apenas para poder ouvir aquela voz.

— Lea...

— Como vai, quer... — ela mudou a fala rapidamente, como eu já a tinha corrigido, mesmo que tivesse sido completamente inconsciente.

— Como vai, amor?

— Eu... — de repente, era como se eu esquecesse toda as palavras em português. O efeito de Lea sobre mim era completamente inexplicável. Algo nela, tinha tamanho sentido, que tirava o sentido de todas as outras coisas. Aquilo era amor, não era? — Eu estou perto de você.

— Sério? — seu tom era tão animado, que tocou meu coração. — Quando chega?

— Em alguns minutos, talvez... — olhei para o carro, e para uma Hari que apenas parecia concentrada no tablet em suas mãos, e sabia que não podia pedir-lhe uma carona. Não seria tão horrível a esse ponto. Nunca. — Acho que uma hora.

— Certeza de que em uma hora?

Estranhei sua pergunta, e fiquei em silêncio. Ela nunca tinha pedido horário ou algo assim para mim. Ela sabia um pouco do que eu era, e que pela própria segurança dela, era melhor não saber de tudo.

— É que estou no mercado e quero estar em casa quando chegar.

Tudo dentro de mim se derreteu com a fala macia, e o jeito animado.

— Daqui a uma hora — falei, e ouvi o barulho de motor sendo ligado, vendo Hari já pronta para sair com o carro. — Eu te ligo quando estiver chegando.

— Melhor ainda. — Sorri, e ignorei uma parte de mim, que estava estranhando aquela conversa engessada entre nós. Deveria ser o momento? — Vou terminar as compras, e logo estarei em casa.

— Ok, eu... — me calei no segundo seguinte. Eu não poderia confessar que a amava por telefone. Não. — Eu te vejo já já.

— Estarei esperando, amor.

Desfiz a ligação, e levantei o olhar no segundo em que Hari passou, cantando algo alto e dando um tchauzinho com a mão.

Comecei a caminhar, já calculando se teria que correr para chegar no tempo prometido, e foi quando notei Hari parar o carro, a metros dali. Dei passos largos até ela, e vi-a respirar fundo.

— Tem sorte que eu te amo tanto que não consigo não quebrar meu coração por você. — Suspirou fundo, e olhou-me de cima a baixo. — Da próxima, traga sua moto.

— Lea não gosta de motos...

Hari me encarou com a expressão fechada, e só então notei que deixei sair.

— Eu não quis dizer isso, Hari.

— Não é como se eu não soubesse que... Como Yumi Unnie^[8] diria? *Come na mão dela?*

— Hari...

— Só entra no carro logo, e vai me aguentar cantando daqui até lá, assim como me aguentou a vida toda...

Foi então que me veio um estalo na mente.

Levei as mãos aos bolsos da jaqueta preta que usava, e suspirei fundo, encontrando o que deixei estrategicamente ali. No momento em que Hari apenas olhava para o vidro do carro, vi-me dando a volta, e parando perto da coluna do veículo para encarar a caixinha de veludo que escondi em meu bolso.

Sorri feito um menino, o que imaginei por tanto tempo, perto de acontecer. Eu daria um jeito de acontecer.

Guardei o objeto novamente, e entrei no carro, notando que Hari já cantava, e mal me esperou colocar o cinto para sair com o veículo.

HARI

Eu nunca o tinha deixado tão perto.

Na verdade, de todas as vezes em que viemos naquela pequena cidade, eu nunca tinha parado naquela rua. *Ou poderia ser contado já que eu parava em uma rua antes com o carro?*

Eu me lembrava bem do que vi, na primeira vez que parei uma quadra atrás. Sem entender o que ele tanto queria para estar ali, e se livrar tão rápido de mim. Eu o segui, e o encontrei sendo recebido por uma mulher em um vestido bem-cortado e um sorriso enorme. Ele apenas beijou a mão dela, e eu fiquei paralisada, enquanto assistia a tudo, de dentro do meu carro, com um binóculo.

Em que filme eu estava?

O filme que deveria ter o título: as dezenas de vezes em que Hari Park quebrou o próprio coração por Kalel Kang.

Eu o vi beijar a mão dela.

Eu o vi beijar o rosto dela.

Eu o vi beijar sua boca.

Até que foi demais. Demais para que um coração quebrado pudesse suportar outro machucado.

A sensação de deixá-lo naquela rua, fazendo-o chegar antes do que imaginava, fez-me soltar o ar com força, quando finalmente estacionei.

— Sabe que eu te amo, certo? — indaguei, e levantei meu olhar para encontrar o dele.

— Eu também te amo, querida.

Eu sabia que ele amava.

— Não do jeito que eu gostaria, mas é bom ouvir... — falei, sentindo uma dor diferente no peito. — Nunca te trouxe até aqui, mas... Quer a opinião de uma mulher apaixonada?

— Hari, eu não queria...

— Me machucar? — dei de ombros, olhando-o profundamente. — Eu sei que não. Eu o faço sozinha, muitas vezes. Mas mesmo não querendo minha opinião... Não deveria ficar aqui.

Eu tinha finalmente dito o que pensava.

Eu finalmente tinha tomado coragem.

Ou talvez tenha sido a caixinha que eu o vi analisar fora do carro, que me forçou àquilo?

— Eu vou estar te esperando, sempre. — Toquei seu peito com uma das mãos, e vi o seu sorriso desaparecer aos poucos. — Sempre, querido.

Sua boca então veio para minha testa, e era a resposta que eu sempre tinha.

Ele não ia tentar.

Ele não ia tentar me amar.

Vi-o descer do carro, e não pude mais suportar.

Dei meia-volta na rua, e fui em direção à casa que ficávamos. Longe o suficiente para não sentir mais nada de meu ser quebrar.



“Eles se revelam uma única vez

Mas eles mentem e mentem e mentem

Um milhão de pequenas vezes”^[9]

KALEL

Levantei a mão para bater, mas então me lembrei da caixinha em meu bolso. Dei a volta na pequena casa, e pulei o pequeno muro que dava para o jardim. A visão que tive, fez um sorriso enorme surgir em meu rosto.

No segundo que pensei em chamar por Lea, notei que ela tinha um celular na orelha, e fiquei apenas a observando. Ela parecia dançar pelo vento, da forma mais livre. E foi o que me encantou nela.

Lea era livre.

Ela tinha a liberdade gritando por cada poro seu.

Era diferente de tudo o que eu conhecia ou que buscava. A chance do amor que eu tanto sonhei, uma chave para a liberdade de ser quem eu era, não apenas por quem eu era.

— Ele ainda não ligou.

Sua voz soou séria, enquanto eu notava a forma como seus cabelos tinham uma mancha vermelha bem na raiz.

— Uma merda de sangue falso que vai arruinar meu cabelo. — Suspirei fundo diante da fala. — Eu disse a Guillermo para ser rápido, mas ele quer cada momento gravado.

Guillermo...

Guillermo Ottis?

De repente, a liberdade se tornou uma prisão.

Como Lea tinha alguma ligação com Guillermo Ottis? Deveria ser outro ou qualquer outra pessoa. Não tinha como...

— Ottis é assim, segundo ele, se os tais Kang virem que têm o diabo deles preso, pararão de investigar os negócios... — ela riu alto do que alguém disse no outro lado da linha, enquanto eu estava paralisado. — Não me interessa quais são os negócios deles, eu apenas quero o dinheiro e sumir daqui. O que farão com Kalel não me interessa.

Voltei meus passos, pensando em todas as maneiras que me precavi sobre ela. Todo o histórico comum e claramente sem ligações externas. Como ela... Por que ela... Existiam tantas questões se passando por minha mente, mas eu tinha que deixá-las de lado.

Eu precisava.

De longe, vi-a pisar no celular e jogá-lo entre a terra em que as roseiras ficavam.

Encarei a cena perplexo, como se alguma parede fosse desfeita à frente dos meus olhos. Segui-a pela parte de trás da casa, cada passo contado, como o bom diabo que eu era.

Era por aquilo que ela estava comigo?

Por eu ser o diabo dos Kang?

Ela sabia quem eu realmente era?

Notei como ela parecia completamente à vontade, enquanto uma desviava de uma mancha falsa de sangue no chão, levantava a cortina e olhava pela janela da frente.

— Só mais uma noite, Lea — ouvi-a dizer para si, e nunca pensei que palavras pudessem doer tanto.

— Diga a Guillermo que eu vou mata-lo. — Minha voz soou, e notei a forma como ela se arrepiou por inteira, um susto a tomando.

— Kalel...

— Não importa onde ele se esconda, ou os envolvidos com ele estiverem, eu vou matá-los. — Dei passos à frente, pisando no sangue falso e vi-a quase se tornar parte do sofá, como se com medo. — Qual era o plano?

— Kalel, eu...

— É melhor ser honesta, porque eu vou descobrir toda a verdade assim que sair daqui, e se eu precisar matá-la... — olhei-a desgostoso, toda aquela dor tomando conta de meu peito. — Eu vou matar.

— Então é verdade, que é um torturador da máfia? — perguntou, como se realmente ligando os fatos. — Pensei que fosse um exagero ou...

— Então faria isso com qualquer outro? — seu olhar mudou, e ela ficou de pé novamente. — Pelo quê?

— Mudar de vida... — sua resposta me acertou em cheio. — Mudar para uma vida bem longe daqui, longe de quem eu realmente sou... Não é como se pudesse me conhecer em apenas alguns meses, Kalel.

— Kang — corrigi-a, e notei seu olhar mudar.

De repente, eu encarava uma completa desconhecida.

Que minutos antes, era a mulher que me tinha na palma das mãos.

— Não pensei que um torturador da máfia fosse tão ingênuo, a ponto de se apaixonar por uma caipira como eu... — pareceu pensar sobre, e negou com a cabeça. — Guillermo Ottis é proprietário de quase todas as crianças nascidas por aqui, qualquer uma delas, e comigo, não foi diferente.

— Então, fingiu estar comigo para se livrar dele?

— Sua cabeça vale meio milhão de reais, Kalel. — Olhei-a, como se tentando entender aquilo. — Apenas existem algumas outras mais valiosas, mas você aqui, era a melhor opção.

Ri baixo, frio e incrédulo.

— Deveria ter me pedido o dinheiro antes — falei de uma vez, levando uma das mãos para o bolso da jaqueta, e apertando a caixinha lá dentro, a ponto de que ela se quebrou, assim como o anel dentro dela. — Agora vai ficar sem minha cabeça, e sem o dinheiro...

— Fico viva?

— Boa sorte em explicar o porquê de eu não estar aqui — falei, e dei-lhe as costas, pronto para ligar meu ponto no segundo seguinte.

Contudo, o que não contava, era que eu dei as costas para alguém que não era meu amor. Nem mesmo minha amiga.

Senti o impacto em minhas costas, e o barulho não tão alto – um silenciador. Outra parte de mim sendo atingida, uma dor que eu conhecia bem, mas não em minhas costas. O terceiro tiro me atingiu, e eu caí pelo solavanco, amparando-me no pequeno portão da frente da casa.

Gritos ao redor era o que eu escutava. E ninguém mais podia me escutar, não meus irmãos. Eu não tinha como pedir socorro, porque antes de estar ali, eu tinha pedido a alta confiança.

Pedi para que fosse o que fosse, naquela noite, que eles não estivessem ao redor. Ninguém.

Para que se fosse preciso, alguém impedisse Hari de se aproximar, e me ver pedir a mulher que eu amava em casamento. E agora, eu estava caindo de joelhos, as forças se esvaindo, e sem chance de que alguém me encontrasse.

— Ficou louca?

Tudo o que tive, foi o vislumbre de Lea com uma arma nas mãos, em minha direção, enquanto eu me arrastava para fora daquela casa.

— Eles vão matar todos, todos nós! — ouvi o som de algo sendo quebrado, uma voz masculina, e nada fazendo sentido. — Ele é um Kang, caralho!

— Ele era a nossa melhor mercadoria para Ottis.

Uma mercadoria.

Um diabo.

Um nada.

Ao menos, o diabo eu gostava de ser.

E eu tirei toda a força que um dia precisei, apenas para fugir do inferno, para sair dali. Antes que algum tiro fosse certo, e eu não tivesse mais para onde correr.



“Oh, você é uma crise da minha fé

Teria, poderia, deveria

Se ao menos eu tivesse sido cuidadosa”^[10]

HARI

Um vinho pós-banho.

Um aperto no peito que não passava.

Seria por saber que o homem que eu amava estava prestes a pedir em casamento outra pessoa?

Foquei no vinho, levando a primeira taça à boca, e dobrando minhas pernas na poltrona. Uma música tocava baixinho, e eu não queria pensar nele, porém, em noites como aquela, era quase que impossível.

Eu poderia me concentrar em fazer o relatório detalhado para os Kang, porém, eu tinha até o dia seguinte, e ali estava eu, procrastinando, justamente porque o mais importante já tinha sido passado, e eu agora, queria ficar dentro da minha fossa.

Que grande sexta, não é?

— Dois faróis brilham na noite insone

E eu vou te buscar, te buscar sozinha

Seu nome tem ecoado na minha mente

E eu só acho que você deveria, acho que você deveria saber

Que nada seguro vale a viagem

E eu te seguirei, seguirei até em casa

Eu te seguirei, seguirei até em casa...”

Enchi a taça, com o vinho colocado na mesinha ao lado da poltrona, e ouvi meu celular tocar ali mesmo. O nome de Baldur brilhando em minha tela. Deixei a música rolar, ainda baixinha, e coloquei-o no viva-voz.

— Como vai a mulher mais linda de todas? — ri de lado, já esperando aquele cumprimento dele. O seu inglês forte e quase palpável pela voz grossa. — Atrapalho?

— Estou apenas tomando um vinho. — Fui honesta. — Vincenzo Oppa te contou sobre o que houve?

— Ele me avisou que você ligaria até o dia de amanhã. — Fechei os olhos, quase rindo. Eu tinha perdido minha mente por alguns segundos, e me esquecido de tal detalhe. — Mas pensei, por que não ligar para uma mulher tão linda?

— Esqueceu que não sou sua prometida, Baldur?

— Quem sabe eu ainda tenha a sorte de você o ser?

Por mais que aquilo fosse possível, caso realizado anos atrás, existiam regras estritas dentro da máfia. Não era como se eu realmente o quisesse, mas o fato de eu não ter aceitado o sobrenome Kang, mesmo quando invocada para aquela família, pesava e muito. Eu era uma Kang, em meu coração, mas não carregava o sobrenome, justamente, porque eu o queria de uma forma diferente.

Queria o sobrenome de Kalel.

Ao menos, era o que eu pensava, quando ainda tinha apenas dezoito anos, e fui chamada para ser parte da alta cúpula dos Kang. Foi um erro? Eu até aquele momento, não me via enxergando perdendo muito, mesmo que não pudesse ter o sobrenome dos meus irmãos

comigo. Irmãos de coração, e um homem que significava muito mais. Era complicado, mesmo que no fim, tudo se ajeitasse.

— Até o seu silêncio é bonito. — Tive que rir, enquanto tomava mais um gole do vinho suave. — Mas sei que não ia me ligar apenas para dizer olá.

— Encontrei o seu sobrenome, Hansen perfeitamente bordado em uma coberta infantil, à frente de várias covas pequenas e vazias — falei de uma vez, e pela primeira vez, pude ouvir o silêncio completo de Baldur.

— Um bordado vermelho?

Franzi o cenho, e sequer precisei ir até a peça para conferir. Aquela cor tinha me chamado atenção também.

— Sim — respondi simplesmente, sentindo a tensão. — Sinto muito, pelo que for.

— Obrigado por me contar. — Aquilo me alarmou. — Vou falar com Vincenzo e tomarei as medidas daqui por diante.

— Certo, mas... Se precisar de mim, apesar de tudo, eu estou aqui para ajudar, Baldur.

— Sempre linda, Hari. — Sorri, mesmo que preocupada. — Espero que quando me ligar da próxima vez, seja por um bom motivo.

— Vou guardar isso.

Ele então desfez a ligação, e eu fiquei encarando o telefone por alguns segundos. O que seria tão impactante que traria até mesmo o silêncio ensurdecedor de Baldur Hansen?

Ouvi o barulho na porta da frente, sendo aberta, e olhei rapidamente as horas em meu celular. Era madrugada, praticamente. Kalel geralmente voltava pela manhã. Aquele mesmo aperto que fiquei o dia todo no peito, permanecia ali.

Vi-o adentrar o ambiente, roupas diferentes e um rosto cansado. Não queria pensar sobre os porquês de ele ter se trocado e ainda mais, com aquela expressão.

Levantei-me, deixando a taça de vinho na mesinha, e indo até ele. Algo estava estranho. Ele encarava tudo, menos a mim. E por mais que me matasse por dentro saber da verdade, eu precisava entender o que estava havendo com ele.

— Kalel, o que...

— Não diz nada. — Seu pedido soou baixo e perigoso, enquanto suas mãos pararam em meu rosto. Ele já estivera tão próximo antes, mas era a primeira vez que o sentia não querer se afastar. — Por que alguém me trairia, Hari?

— O que houve? — perguntei preocupada, e até procurei sentir o cheiro de bebida alcoólica nele. Porém, não tinha nada. — Querido, o que houve?

— Por que você me ama? — sua pergunta me acertou em cheio.

Não que eu não soubesse listar cada motivo, mas sim, por ele, depois de tantos anos, estar me indagando algo assim.

— Por que eu não amaria? — perguntei, levando minhas mãos sobre as suas, e segurando-as com cuidado em meu rosto. — Eu te amei aos poucos, ao longo dos anos. O jeito que você se entrega. O jeito que você ama a nossa família. O jeito que você protege. O jeito que sua voz se transforma quando fala com qualquer um de nós. O jeito que você não mede esforços para fazer Dove sorrir mesmo que seja quase impossível às vezes. O jeito que você me olha, quando ninguém mais está olhando. O jeito que você sorri mesmo quando nada faz sentido. O jeito que você chega, em cada aniversário, com presentes eternos, que são suas palavras no papel. O jeito que você me lembra de um lar. O jeito que você é honesto, e mesmo não me amando da forma que eu gostaria, faz de tudo para não me machucar. O seu cuidado com o meu amor, me fez te amar ainda mais.

Soltei o ar com força, ainda empolgada com todas as palavras, e sorri em meio à emoção de deixá-las.

Eu esperava qualquer coisa a partir dali.

Um abraço de urso, carinhoso e cheio de afeto, que era meu favorito.

Um beijo na testa, terno, como quem diz que não pode corresponder, mas faz seu melhor.

Um leve aperto em minha bochecha, como se culpado por me fazer sentir assim.

Porém, entre todas as “quaisquer coisas” que eu poderia esperar, ele optou pelo impensável.

Os lábios de Kalel se encontraram com os meus.

O beijo que eu tanto esperei.

O beijo que eu nunca pensei que teria, mas tentava.

O beijo que eu sequer entendia porque acontecia, mas aceitava.
Eu correspondia.

Porque era o beijo do homem que eu amava, e que por alguns segundos era apenas meu.



“Tudo se tornou demais

Talvez não fui feito para amar

Se eu soubesse que eu poderia chegar até você, eu iria”^[11]

KALEL

O que eu estava fazendo?

Eu não tinha real ideia, mas eu não conseguia tirar meus olhos de cada parte dela, interligadas a partes de mim.

Por que eu fiz aquilo?

Eu tinha tantas perguntas, e de repente, apenas uma resposta: era um adeus.

Afastei-me com cuidado, e meu coração se partia, a cada passo que dava para longe de Hari. Sentindo-me o monstro que todos sabiam que eu era, mas daquela vez, eu tinha ido longe demais.

Eu tinha machucado a mulher que me amava. Eu ia machucá-la, assim que seus olhos se abrissem novamente.

A única pessoa, que conseguia me ver. Que conseguia me sentir. Que conseguia me entender.

Por que acreditar que alguém me amava, de repente, apenas era doloroso?

A resposta era mais do que clara: os três tiros que me acertaram. Na realidade, os três tiros que acertaram meu colete, que foi pura sorte estar naquela noite. Sorte não – Hari Park.

Ela tinha me obrigado a colocá-lo, antes de chegarmos ao local que iríamos revistar. E talvez pela minha ansiedade, sequer me lembrei de que estava com ele. Era tão acostumado a usar um, que sequer me toquei do peso extra em meu corpo.

O peso extra que me salvou.

O peso que Hari me colocou, e me salvou.

Coloquei as roupas de volta, sem conseguir olhá-la de fato. Ela dormia tão tranquilamente, enquanto tudo dentro de mim, parecia um

turbilhão. Tudo o que eu conseguia pensar era: eu não deveria.

Eu não deveria ter feito aquilo.

Eu não deveria, depois de tanto tempo, ter estragado tudo. Não com ela.

Parei ao seu lado, e tirei uma mecha dos cabelos de cima de seus olhos, e vi-a suspirar.

— Obrigado, querida — falei, e fechei os olhos com força, sem conseguir olhá-la. — Obrigado por me mostrar que existe esse amor romântico, mesmo que eu não mereça.

Levei meus lábios até sua testa, e me matou por dentro, cada pedaço que ainda sobrava, saber que talvez fosse a última vez que a veria.

— Se eu pudesse escolher a quem amar, eu te amaria — sussurrei, e me afastei, sem entender o peso e a dor que me assolavam. — Adeus, Hari.

Saí daquele quarto, sentindo meu coração quase se desfazer. Uma dor que se confundia, me confundia, e se misturava com todo o resto. O resto que eu precisava dar um jeito.

Era o que eu precisava fazer.

Andei.

Andei.

Andei.

Assim como tinha feito mais cedo.

Mas daquela vez, eu não parei no quarto de hotel com Hari. Eu parei no meio de uma estrada, encarando o nada. E o nada apenas me encarava de volta. Como quando eu fugi, e parei exatamente como um Kang.

O sangue respingado em meu torso nu, e as mãos pequenas segurando uma arma, que nem sabia ao certo como usar. Mas eu a tinha, enquanto corria. Corria o mais rápido que podia, para longe. Fugindo da dor, da opressão, do abuso... Correndo para onde? Eu não tinha ideia. Mas eu coloquei ainda mais força nas pernas, mesmo que quase caindo, ao me jogar dentro de uma floresta.

Mas eu estava fraco. Uma semana sem comer, e um copo de água naquele dia, que me resultou em conseguir fugir daquele lugar. E então, a força se esvaiu quando tropecei, e caí rolando nas folhas, e minhas costas batendo contra uma pedra. E quando tentei me levantar, senti algo bater contra mim, e procurei levantar a arma.

E foi quando vi olhos como os meus – aterrorizados.

— *Fugindo?* — *foi o que perguntei, e ela assentiu.* — *Eu também, vamos...*

Nós nos ajudamos a levantar, e então corremos.

Corremos até que nos tornamos Kang.

Eu corri por mim, e por Dove naquele dia. Que quando nos conhecemos, praticamente se tornou minha irmã. E mais tarde, nós dois nos tornamos de fato, uma família escolhida, com os Kang.

E agora eu sabia que não os merecia. Não merecia ser um.

Pensei em tantas coisas. Pensei no meu passado. Pensei em meus irmãos. Pensei em Hari.

Seria mentira afirmar, como sempre, que eu a via da mesma forma.

Não depois daquela noite.

— Hyung^[12]... — Vincenzo atendeu de imediato. — Eu fui traído. Eu preciso... preciso fazer disso o meu fim.

— Qual o seu objetivo, Kalel?

— Torturar e matar todos, o que os Kang precisarem de mim... — assumi. — Mas não quero mais ser quem eu sou, irmão. Apenas um diabo.

— Você é nosso irmão, Kalel.

— Eu sou uma fraqueza para os Kang, hyung — falei, e pensando em tudo o que imaginei, em tudo que fantasiei. A minha ingenuidade poderia ter levado não só três tiros contra um colete à prova de balas. Mas sim, a perder cada um deles.

Eu queria apresentar Lea a eles.

Eu queria pedir proteção dela para eles.

Em que universo eu estava?

Em que alguém como eu, pode ser amado?

E mais uma vez, eu estava pensando em Hari. Como ela podia me amar?

Era hora, e talvez até tenha demorado demais, pra deixá-la em paz, e permiti-la amar alguém que merecesse.

— Eu peço a morte a Kalel Kang, hyung. — o silêncio de Vincenzo me atingiu. — Eu preciso disso.

— Ser um Kang é uma escolha, e se não é mais a sua... eu compreendo — foi tudo o que ele disse, e eu sabia que o estava machucando. E sabia que machucaria a todos eles, quando descobrissem.

Eles não podiam pagar pelos meus erros.

— Obrigado por tudo, irmão. — Uma lágrima desceu, e fechei os olhos. — Adeus, hyung.

Quebrou-me dizer cada palavra, enquanto eu tirava o ponto escondido atrás da minha orelha, quase inexistente, e o destruía, ali mesmo. Olhando para o nada, a mais pura escuridão, que apenas parecia querer me engolir. E depois de tanto tempo, sabia que era ela que eu merecia.

Talvez fosse o que sempre mereci.



“E se você nunca tivesse me salvado do tédio
Eu poderia ter continuado do jeito que eu era
Mas, Senhor, você fez eu me sentir importante
E depois você tentou nos apagar”^[13]

HARI

Eu ainda sentia sua boca por todo meu corpo. Suas mãos por toda minha pele. As minhas unhas contra suas costas. Sua voz me comandando. Minha voz o implorando.

Sorri em meio ao sonho, e suspirei fundo. Senti uma chamada no meu ponto, e então fiquei desperta. Era o canal de ligação rápido e certo dos Kang, e todos nós o tínhamos, mesmo eu que não tivesse o

sobrenome, mas era uma deles. Um ponto era muito mais seguro do que qualquer aparelho celular, ou algo parecido.

— Hari...

— Unnie — respondi animada para Dove, enquanto eu sentia meu corpo dolorido, e não conseguia entender o porquê. Foi um sonho bem realista? — Eu perdi a hora para enviar o relatório sobre aqui?

— Não, quer... — vi-a mudar o apelido, mas não sabia do porquê. Por mais que fosse algo interno com Kalel, não era como se Dove, que era uma irmã mais velha para mim, não o pudesse fazer. — Precisamos nos ver pessoalmente.

— Eu estou... — levantei-me, e senti meu corpo doer ainda mais, enquanto caminhava em direção ao banheiro. Uma sensação completamente estranha.

Desde quando sonhos perdidos com Kalel me deixavam tão tocada no dia seguinte?

Levantei o olhar para o espelho, e me assustei ao ver os roxos espalhados pela minha clavícula, logo acima dos meus seios, e... Foi quando desci meu olhar pelo meu corpo e vi-o da mesma forma, em vários lugares – coxas, barriga, quadril... Encostei minhas pernas, e a dor entre elas, me dizia que eu não tinha apenas sonhado.

Dove chamou pelo meu nome, mas eu não consegui responder, não quando espalmava a pia, e lembrava tudo o que aconteceu.

Não tinha sido um sonho.

Não tinha...

— Não vai me quebrar, querido — falei, e senti suas mãos prenderem com força meus cabelos e puxá-los, enquanto um gemido escapou e foi engolido por sua boca. O corpo dele me trazendo o que nenhum outro trouxe, e eu sabia bem do porquê.

Porque era ele.

Porque sempre foi ele, quem eu realmente queria.

— Não foi um sonho. — Um sorriso se abriu no meu rosto, enquanto eu corria para o quarto e encarava meu corpo nu, todo marcado, no grande espelho que ficava ali. — Não foi um sonho... — repeti, levando as mãos à boca, e rindo animada.

Vi então a mala de Kalel jogada em um canto e o sorriso foi se desfazendo. Onde ele estava? Por que não estava ali?

— Hari...

— Desculpe, Unnie — falei rapidamente, tentando focar em algo que não fosse o fato de que eu tinha transado com o amor da minha vida,

e tinha sido... tinha sido perfeito. — Eu só me empolguei com uma coisa, mas... Sabe onde Kalel está?

Se existia alguém que poderia saber, esse alguém era Dove Kang. Os dois eram praticamente inseparáveis e se protegiam, desde quando se conheceram. Era o que as histórias contavam. Ao menos, quatro anos depois, quando eu os conheci, era clara a ligação fraterna e forte que compartilhavam. E eu não pude evitar, perguntar a ela sobre ele.

Na verdade, eu queria gritar a todos os cantos sobre o que realmente tinha acontecido.

Se eu pudesse, o faria.

— Pessoalmente, pode ser? — franzi o cenho, não entendendo por que ela não dizia.

— Eu vou encontrá-lo e vamos até você, certo? — indaguei, e pude ouvir quase que um soluço do outro lado da linha. — Unnie?

— Kalel está morto, Hari.

Senti meu corpo todo pesar, e dei passos atrás, enquanto perdia as forças. Caí sobre lençóis que estavam no chão, e minha mente se perdeu. Tudo dentro de mim se remexendo.

Busquei em minha mente, além do prazer e da ânsia de tê-lo, o que ele tinha me mostrado. E então, seus olhos assustados e machucados

apareceram. O seu claro desespero ao perguntar sobre o porquê o amava. E foi quando comecei a unir, pedaço por pedaço daquela noite anterior, e todos eles desmoronaram à minha frente – ele tinha me usado.

Ele tinha me usado, e agora, me deixado.

Ele tinha nos deixado.

— Eu estou indo para a Mansão Kang, Unnie — falei, lembrando-me de que não só minha dor importava. A de meus irmãos, deveria ser aterrorizadora. — Eu sinto muito.

— Nós todos sentimos, quer... pequena. — Soltei o ar com força. — Hinata está chegando aí, para te trazer em um jatinho particular.

Acenei afirmativamente para o nada, e cortei a ligação no ponto.

Sabíamos bem o que a morte de um Kang significava. Todos nós sabíamos.

Olhei ao redor naquele quarto, e os nossos cheiros no ar, misturados, a bagunça dos lençóis pela cama, e pelo chão. As suas coisas deixadas para trás, e o fato de que ele também me deixou para trás, junto a elas. Como se pudesse apenas se livrar.

Recusar, usar e se livrar.

Foram os três estágios daquele amor.

Ele tinha me recusado, me usado e se livrado.

E eu... Eu ignorei a recusa, permiti-me ser usada, e não conseguia me livrar.

Peguei o travesseiro e um grito foi dado nele. A dor se espalhando por meu corpo, diferente do que eu tinha mais cedo. Era apenas dor. Dor em cada canto, feridas sendo aprofundadas, e cicatrizes se abrindo... Ele tinha morrido.

A porta se abriu, e eu não precisei olhar para saber que era Hinata, seu cheiro me acertou de imediato.

— Hari, meu Deus!

Sua voz estava em segundo plano, enquanto minha mente se perdia. Senti o momento em que ela me envolveu no lençol, e me colocou na cama. Senti a forma como ela me ajudou a vestir, e prendeu meus cabelos no alto. Senti tudo o que acontecia ao redor, mas ainda assim, era como se não sentisse nada.

Uma parte de mim que pensei que nunca chegaria novamente.

A parte em que sentir se torna nada.

Nada se torna um sentimento.

— Ele morreu para mim. — As quatro palavras saíram, sem que eu pudesse pensar ou precisasse. Eu sabia o que tinha que fazer. — Kalel está morto para mim.



“Você deveria ter estado lá
Deveria ter entrado pela porta
Com aquele sorriso tipo
Amor, eu estou bem aqui.”[\[14\]](#)

HARI

Eu vi Vincenzo segurar a mão de Dove, enquanto ela parecia em negação.

Eu vi Chae e Jeon, abraçados, como se tentando se amparar.

Eu vi Hinata se segurar, enquanto tentava segurar o que restava de mim.

Nós éramos a alta cúpula dos Kang. Se alguém nos olhasse dali, jamais imaginaria o que cada um fazia em sua vida, no dia a dia. Mas a

realidade, nós éramos uma família. Uma família que se escolheu, e o peso era ainda maior. Porque você não apenas nasce e tem que aceitar que aquelas pessoas lhe foram escolhidas por algo maior, nós nos escolhemos por que...

Por que mesmo a gente tinha se escolhido?

Se era tão fácil assim, apenas um de nós ir?

— Ele foi traído.

Falei, no segundo em que Talita teve que ir embora. Ela era uma Kang, mas não vivia no mesmo universo que o nosso. Ela tinha uma vida normal, uma escolha de seus pais para si. Os Kang por sangue, como Yumi e Cha, que acabavam de chegar.

— Hari...

Virei-me para Yumi, que me olhava com pesar. Ela era a mais velha de nós, praticamente uma mãe para todos, e a qual, junto a Cha, passaria o cargo de chefe de família para Vincenzo.

— Tem certeza? — Dove quem perguntou, e eu assenti, enquanto sentia os braços de Yumi ao meu redor.

— Seja o que for, o que o fez escolher a morte, à realidade, deve tê-lo matado por dentro — falei, enquanto eu sentia exatamente o mesmo. Era como se Kalel tivesse tirado toda a vida de mim, e agora, eu

não sentisse absolutamente nada. — Eu não vou chorar por ele. — Fui honesta. — Ele me quebrou primeiro... — ri sem vontade. — E eu sempre permiti que ele quebrasse um pedacinho ou outro, todos vocês viram isso acontecer, ao longo dos anos... Eu permiti que ele fizesse isso. — Neguei com a cabeça. — Não mais.

— Hari, não é o momento...

— Não estava lá quando eu a encontrei, Jeon — Hinata o cortou de imediato, e vi a tensão se instalar.

— Não briguem ou se desentendam por mim — pedi, e suspirei fundo. — Só quero que entendam, que eu não vou chorar a morte dele, por mais que esteja me matando por dentro. Já chorei o suficiente por Kalel.

Senti todos os olhos sobre mim, e Yumi permaneceu com a mão na minha.

Todos nós sabíamos o que a morte de um Kang significava. Não era uma morte real, não o que as pessoas comuns consideravam. Era a sua desistência de ser parte daquela família, e escolher seu próprio caminho. Já houve casos assim antes, como o do próprio irmão de Yumi, só que ele não pediu para simplesmente abandonar a família e

desaparecer, ele pediu para seguir uma vida normal, e então, seu sobrenome permaneceu, ele apenas não fazia parte da máfia.

Kalel não escolheu uma vida normal para seguir.

Kalel não escolheu que não era mais a hora de estar na máfia.

Kalel escolheu morrer para nós.

Morrer para os Kang.

Morrer para nós.

E agora, ele estava de fato morto para mim. E tinha me deixado morta por dentro.

— Hari tem razão — a voz de Dove soou assustadora, em meio a todo aquele silêncio. — Vamos fazer os conformes, de enterrar um caixão vazio, mas não é como se todos nós não estejamos nos sentido traídos. — a dor dela era palpável. — Ele poderia ter falado, conversado, gritado, batido... Ele poderia ter feito o que quisesse, mas não nos deixar assim.

— É o fardo da escolha... — Yumi falou, e todos os olhos se viraram para ela. — Não é o primeiro dos Kang a escolher um caminho diferente, mas a ligação que vocês construíram é diferente de quando Cha Oppa e eu éramos mais novos.

— Se Yumi fizesse isso comigo, eu me sentiria traído, e vice-versa. — Cha tomou a dianteira, com uma das mãos pousada sobre Dove. — Sintam o que têm que sentir, e racionalizem depois. O ódio é melhor do que a indiferença.

E naquele instante, eu soube o que realmente buscava.

Eu buscava a indiferença para com Kael.

Porque se existia ainda mágoa, raiva e dor, ainda existia sentimento. E o melhor, era não existir. Nunca deveria ter permitido que existisse.

Agora, eu sequer conseguia chorar, por todas as lágrimas já derramadas, e por não achar que ele era digno delas. Porém, era uma armadura, que se construía aos poucos, enquanto eu sabia do porquê realmente me quebrou.

Porque eu o amava.

E uma dor, como aquela só poderia vir daqueles que mais amamos. Porque eles sabem ou conseguem atingir sem querer onde realmente te esfaleta por completo.

— Por que está fazendo isso? — perguntei, mesmo que não devesse. Eu não queria que minhas palavras o afastassem, ou o fizessem

mudar de ideia. Eu o queria, tanto. Eu não entendia o que ele fazia ali, mas queria ainda assim.

Eu aceitava qualquer coisa.

— Porque eu te quero.

As quatro palavras que me desarmaram por completo, e não me permitiam questionar mais nada. Elas se repassavam em minha mente, como o alerta de perigo que deveria ter sido ligado naquele momento.

Mas eu não liguei. Simplesmente fui cúmplice da minha própria dor, permitindo-me ser dele. E deixando que ele fosse meu, mesmo que ele, nem naquele momento, de fato tenha sido.

E nunca mais seria.

Uma bagunça de sentimentos, que eu só queria expulsar. E nem que eu tivesse que quebrar a casa inteira de meu coração que permitiu que ele adentrasse pela porta, eu o faria sair. De algum jeito ou de outro, ele tinha que sair.



“Você sabe que existem várias formas de matar a pessoa que você ama

A forma mais lenta é nunca amá-la o suficiente”^[15]

HARI

Dias se passaram, e tudo que se rebelou dentro de mim, se acalmava. Um pouco, mas o fazia.

Encarei Lea sentada na cadeira à nossa frente e notei o pavor no rosto da mulher. Apenas precisávamos de sua confissão e do que houve naquele dia, já que a versão de Kalel não teríamos. Porém, encontramos seu colete à prova de balas, com três tiros nas costas.

— Por que estava se escondendo? — perguntei, olhando-a, e ela quase parecia se afundar na cadeira que se sentou, como se fosse possível

se esconder ali também. — Sabemos que tem algo a ver com a morte de Kalel.

— Ele... Ele morreu? — perguntou alarmada, mas não preocupada, ao menos, não parecia. — Como?

— Há alguma forma de você ter sido a causadora? — indaguei, jogando com suas próprias palavras e vi-a engolir em seco. — Não tem muita escolha aqui, Lea. Ou fala a verdade ou morre. Então... — deixou as palavras no ar. Ela sabia muito bem o que fazer.

— E se eu falar a verdade e mesmo assim morrer? — perguntou, como se agora estivesse preocupada consigo.

— Sempre há um risco. — Fui honesta. — Mas não vai querer ser torturada, certo? — vi seu rosto quase perder a cor. — Do jeito que você mais teme... — toquei seu rosto, levantando seu queixo, e ela me encarou com pavor. O ponto fraco dela era sua própria beleza, e foi fácil identificar, depois de apenas uma hora em uma sala sozinhas.

— Eu só fiz para me proteger de Guillermo — falou de repente. — Foi o que fiz a vida toda, para tentar fugir dele.

— Foi uma das crianças que os Ottis roubaram e criaram? — ela assentiu, soltando o ar com força. — Onde Kalel entra nisso?

— Ottis queria usar algum dos Kang para que parassem de se intrometer nos negócios... Não sei ao certo o que ele faria para Kalel, mas, ele ia usá-lo contra vocês. — Encarei-a como se esperando por mais. — Ele queria isso, e me deu a ordem de seduzir Kalel, que segundo ele, é... — ela limpou a garganta. — *era* o elo mais fraco dos Kang.

Ela não tinha ideia do quanto a mudança no verbo me machucava. Além de que, ver Kalel como um ponto fraco para os Kang era algo que nunca vi alguém fazer. Mas pelo jeito, Ottis o julgou de tal forma.

Ele era?

Não era algo que tinha parado para pensar até aquele momento.

Virei meu olhar para a parede com um vidro falso atrás de mim, e me vi questionando o mesmo para meus irmãos, que estavam do outro lado dela.

— Não sei como ele sabia, mas funcionou e... — ela deu de ombros. — Eu fiquei com Kalel um tempo, ele parecia apaixonado e não sei ao certo, foi fácil. Foi fácil fazer ele se apaixonar.

Analisando-a dali, gostaria de poder apenas discordar. Eu tinha tentado ter aquela paixão por anos e ela nunca veio.

Na verdade, ela veio há horas em uma cama, que pareciam apenas uma mentira, toda vez que repensava. Uma dor de cabeça que não me

deixava há dias, e eu poderia ter a armadura por fora, mas por dentro, eu me sentia quebrar, pedaços se tornando pó.

A paixão de um momento era capaz de destruir o amor da sua vida?

Pelo jeito, para mim, era.

— O que houve na última vez que o viu?

A pergunta saiu firme, mas comecei a sentir o suor descer frio, e não sabia de onde vinha tamanha instabilidade do meu físico e emocional. Por mais que eu pudesse ficar revirando o que ela disse ali, horas e dias depois, eu nunca ficava tão mexida diante de alguém que deveria interrogar.

Nunca.

Porém, agora estava.

O que estava havendo comigo?

— Então no último dia, tínhamos um plano com Ottis, e...

— Nós quem?

— Eu e meu irmão mais novo. — Ela engoliu em seco, como se tivesse falado demais, e me atentei àquele fato. — Ele sempre foi usado contra mim por Ottis. E quando atirei em Kalel foi por puro desespero de

que... de que Ottis não ia encontrá-lo lá, e ia levar meu irmão e o usar. Eu juro, senhora Kang. Juro que...

De repente, eu não conseguia mais ouvir. Dei passos atrás, segurando-me contra a parede oposta.

— Jura pela sua vida? — indaguei, tentando voltar a ficar em pé, mas senti minha nuca queimar.

— Juro que eu não queria machucá-lo, mas eu faria qualquer coisa para proteger meu irmão — assumiu, e eu assenti, já sem conseguir entender qualquer palavra ou saber em que situação eu estava.

Agarrei-me à parede atrás de mim, negando-me a cair. O que estava acontecendo comigo?

— Você está bem, senhora Kang?

Ouvi o barulho da corrente que a prendia pelas mãos e pés à mesa, como se por um segundo, ela quisesse me ajudar. Seria cômico, se não fosse completamente trágico.

Sequer consegui corrigi-la sobre o sobrenome, mesmo que não importasse, não quando eu era uma Kang no coração, e não existia mais qualquer empecilho para que eu me tornasse uma.

Não existia mais Kalel.

Minhas pernas perderam as forças, e senti minha vista ficar embaçada. No segundo seguinte, braços me seguraram, e sabia que era Jeon, apenas pelo perfume que ele usava. Ele e Hinata era idênticos naquilo. Foi então que ele apenas me tirou daquela sala, e eu tentava buscar o ar de volta, mas ele não vinha.

Lutei para dizer algo. Lutei para manter os olhos abertos. Porém, tudo o que consegui foram os olhos amedrontados de Jeon, enquanto meu corpo todo se desligava.

— Querida...

Pisquei algumas vezes, abrindo os olhos, e então encontrei os meus favoritos, que pareciam com o brilho de antes – como se ele estivesse feliz em me ver.

Senti seus braços ao meu redor, e quando pensei em perguntar algo, foi como se ele se desfizesse, e eu fiquei perdida, em um lugar que aos poucos, eu reconhecia – a praia.

O meu lugar favorito no mundo.

Caminhei pela areia, e não sabia ao certo o que buscava, mas eu sentia uma parte de mim gritando por dentro, como se me dizendo que

estava onde deveria estar.

— Omma^[16]?

Foi então que meus olhos foram para a areia e vi pequenas marcas de pés, e segui-os, até encontrar uma pequena versão de Kalel, com um sorriso e covinhas, que pareciam com as minhas.

Senti então o cheiro forte de algo, e minha visão turvou, fazendo-me quase cair.

— Vai ficar tudo bem, Omma!

Tentei ficar ali. Tentei lutar para permanecer. Ainda sem entender nada, mas questionando absolutamente tudo. Pisquei mais algumas vezes, como se tentando acordar, e senti o solavanco que meu corpo deu para a frente, e algo me segurou.

Foi então que reconheci o quarto em que estava, e as mãos de Chae em minha cintura, mantendo-me na cama, da qual quase tinha caído.

— Como está se sentindo? — Hina perguntou, sentada na poltrona ao meu lado.

— Confusa.

Admiti, e levei minhas mãos até a barriga. Não... Não seria possível? Seria?

— Deveríamos ter pensado melhor quando pediu para estar à frente das perguntas. — Dove se adiantou. — Sinto muito por ter passado mal.

— Não foi pelas perguntas, Unnie. — Olhei-a com cuidado, e para meus irmãos pelo quarto. — Faz quanto tempo, desde a morte de Kalel?

Minha pergunta era completamente genuína, porque eu tinha parado de contar os dias, como se aquilo tornasse tudo menos doloroso. Antes, eu contava: um dia a menos para ele me amar. E agora, eu sequer os contava. Tentando me afastar de tudo que me lembrava o homem que eu amava. Mas e se eu estivesse com uma parte dele, dentro de mim?

— Já faz um mês, Hari.

Assenti para Jeon, enquanto minha cabeça dava voltas, minhas mãos ainda em minha barriga, como se eu soubesse. Lá no fundo, como se aquele sonho, estivesse me gritando.

— Acho que estou grávida...

Os olhares ao meu redor foram de completa surpresa.

— Grávida de um filho de Kalel — complementei, e vi o exato momento em que Hinata correu para fora do quarto, e em poucos segundos, voltou com um teste.

De onde ela tinha tirado? Ninguém sabia, mas sequer questionei.

Peguei-o, e fui em direção ao banheiro.

— Cuidado, pequena. — Sorri para Chae, que me levou até a porta.

Sabia que o mais correto para o teste, não era fazê-lo naquele instante, porém, eu não conseguiria esperar até a primeira urina do próximo dia. Eu precisava de uma resposta agora. Algo gritando em meu peito que eu tinha que fazer.

E aqueles foram os três minutos mais longos da minha vida.

Eu encarava qualquer local do banheiro, mas não o teste. Contando os segundos e dando voltas no espaço, como se os fizesse ir mais rápido.

— Cinto e oitenta segundos...

Falei, e me virei, meu olhar indo diretamente para o teste sobre a pia.

Positivo.



“Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca te odiei como odeio agora”^[17]

KALEL

— *Eu vou ser mãe, um dia.*

Ela falou, enquanto sentia a maré subir, e encontrar meus pés. Hari estava mais próxima da água, já com os pés molhados e um sorriso no rosto. Ela adorava aquele lugar, e parecia feito para ela. — Seja de um filho seu ou sozinha.

Sua honestidade sempre me acertava.

— *Por que não ser o filho de outra pessoa?*

— Ainda não parei para pensar sobre outra pessoa — falou, dando de ombros. — Quando sentir o que eu sinto, querido, você vai entender.

— Eu não sou bom para você, querida.

— Eu te convidei para conhecer a minha casa de praia, não para ter sermão. — Piscou um olho, os cabelos descoloridos daquela vez, numa cor quase azul, e ela era como um retrato perfeito.

— Esse lugar combina com você — falei, e vi-a se desfazer de mim com as mãos, como se já fosse óbvio aquilo. Um sorriso veio para meu rosto, porque era sempre o que ela arrancava de mim.

Ninguém conseguia explicar nossa dinâmica.

O sentimento de Hari se transformou durante os anos, e ela não fez questão alguma de esconder; na realidade, ela sempre deixou bem claro, que eu sentiria o mesmo. Enquanto eu... Eu a amava, confiava, e cuidava, mas não podia corresponder.

Era ainda um tanto confuso aquilo.

— Você combina comigo — falou, e piscou um olho, girando no lugar, e sorri novamente.

Ela nunca me deixava desconfortável, mesmo que me doesse ver que a machucava, nem que um pouco, nem que ela disfarçasse, todas as

vezes que suas tentativas falhavam.

Senti as ondas chegarem aos meus pés.

Eu tinha seguido por um caminho, e parado exatamente ali, com Hari em meus pensamentos. Encarei a sua praia favorita, só que na parte das pedras, onde ela dizia que mostrava ainda mais a singularidade do lugar. Suspirei fundo, e fechei os olhos, ouvindo o barulho das ondas contra as pedras e areia.

De todos os caminhos que eu podia ter percorrido, eu estava bem ali. Com pensamentos de um passado que parecia tão distante e impossível agora. De repente, tudo o que eu conseguia pensar era em protegê-la. Mesmo que soubesse, que eu estava partindo seu coração.

E era a última vez que o fazia.

E sentia que era a última vez que ela o permitiria.

— Eu sinto muito, por todos nós — falei, pensando em meus irmãos, e que agora, eles não teriam alguém para ser o machucado direto em seu peito.

Por Hinata que era a minha irmãzinha mais nova, e que adorava ser o caos na família.

Por Chae, que sentiria falta das discussões por coisas mínimas, e embates silenciosos.

Por Jeon, que sentiria falta do sorrisinho debochado e a forma como sempre tinha algo inteligente para dizer.

Por Vincenzo, que sentiria falta até do silêncio, que dizia muito. O seu toque leve no lóbulo de nossas orelhas.

Por Dove, que sentiria falta da minha outra metade. A irmã que a vida me deu, antes de me entregar uma família como eles. Cada um deles. Preciosos e que deveriam permanecer assim – protegidos.

— Eu sinto muito, querida — falei para a brisa que me acertou, e pensei nela. Pensei em tudo que se relacionava a ela, e me culpava.

Me culpava por não a amar.

E agora, me culpava por não entender o que sentia, mas por saber que nunca mais a veria.

Por Hari, que eu nunca mereci, mas que mostrou que o amor é real, e não uma mentira. Porque o dela o era. E se eu pudesse escolher, seria ela. Sempre ela.

HARI

Não sabia como a notícia tinha impactado cada um dos meus irmãos, mas eu vi a esperança no olhar de todos eles.

Como se uma parte de nós que foi arrancada, agora estivesse de volta. Não poderia fingir que não pensei o mesmo.

Ali, parada na minha praia favorita, onde eu tinha minha casa, e que era meu refúgio, mais perto do calor e do som do mar. Kalel nunca entendeu o porquê eu amava tanto aquele lugar, e porque tinha feito minha casa ali, e não no país em que nascemos.

A realidade era que aquele lugar parecia ser meu, desde o momento em que pisei no Brasil pela primeira vez, e foi exatamente ali que Cha e Yumi me trouxeram, para conhecer um mar diferente, segundo eles.

E o mar permanecia o mesmo, mesmo que tudo fosse diferente.

Sentada na areia, encarando o pôr do sol, enquanto eu imaginava como tudo seria a partir dali. Eu usava o brasão da família em um anel, no meu dedo indicador direito, que era a minha relíquia.

Como eu conciliaria tudo?

Como eu conseguiria fazer tudo dar certo?

A maré já subia e chegou até meus pés, enquanto o vestido longo se molhava um pouco. Assim como minhas mãos, que me apoiavam no chão.

— Uma gota do mar — falei, e levei uma das mãos à barriga. — Você é como uma gotinha, filho. — A água molhou o vestido bem na barriga ainda plana, e sorri. Como seria quando estivesse maior? — Eu deveria te chamar de gotinha?

Uma lágrima desceu, e o sol sumia no horizonte, enquanto uma brisa afagava meu rosto.

— Eu acho que sim.



“E se a água turbulenta nos atingir

Eu serei aquele que te manterá aquecido e seguro

E carregaremos um ao outro

Até que digamos adeus no dia em que morrermos”^[18]

HARI

Eu tinha vindo ao Brasil, apenas para olhar como estava minha casa e saber se ficaria por ali ou não. Caminhei de volta para casa, e lavei meus pés antes de chegar ao deck de madeira.

Notei algumas luzes acesas, e sabia que meus irmãos tinham vindo e ficariam ali naquela noite, mas respeitaram meu momento sozinho. A questão era que não sabia como aquilo tudo seria.

O que se faz quando um Kang tem um filho?

Nenhum de nós sabia por que era a primeira vez para todos. Nenhum membro da alta cúpula dos Kang teve filhos daquela maneira. Desde Sérgio Kang, que não cresceu naquela parte da família, que aquilo não ocorria – termos um bebê entre os Kang.

E o mais complicado de tudo, um bebê que não tinha seu pai.

Sequei meus pés na entrada, e notei Vincenzo sozinho na sala de estar, sentado em uma poltrona, encarando a vista mar que tínhamos dali.

— Oppa...

Ele se virou e me encarou.

— Sabe o que pensei, quando escolheu ser uma Kang e seria parte da nossa pequena família?

Olhei-o interessada, enquanto seu olhar permanecia para a vista.

— Que eu não seria louca de dizer não? — indaguei, e um dos casos raros aconteceram – Vincenzo Kang deu uma risadinha. Sutil e breve, mas que trazia ainda mais vida para um homem que inspirava a todos nós.

A diferença de idade não era grande, mas ainda assim, todos éramos cientes de que Vincenzo tinha a experiência acima de tudo. Ele

era como um irmão mais velho, e também, a figura paterna que me guiava muitas vezes.

— Pensei exatamente isso — respondeu, finalmente se virando em minha direção.

— Eu consigo ler o chefe da máfia Kang... — ele negou com a cabeça, e era uma piada interna nossa, já que raramente usávamos aquele termo para nos referir, mesmo sendo um dos mais próximos ao que os Kang eram. — E por que lembrar de algo tão antigo?

— Porque você é uma Kang, independente do sobrenome. — Assenti, sentando-me ao seu lado. — Todos nós sabemos disso, mas sempre respeitamos sua decisão de não ser referida assim.

— Então?

— Estamos respeitando a decisão de Kalel agora. — Seu olhar se modificou, e vi o cuidado que ele tomava para falar a respeito dele. — Ele não vai saber, por nós, sobre o filho.

— Ele tem como nos encontrar, não é?

— Não sabemos onde ele está, ou como está, ou se está vivo... Mas ele sabe tudo sobre nós, então...

— Ele pode descobrir sobre o filho dele, quando desejar, já que eu estarei aqui. — Dei de ombros. — É estranho, mas depois de tanto

tempo, é como se eu percebesse que não importa.

— O que não importa, pequena?

— Não importa o que ele acha ou não, o que ele pensa sobre ou não... É sobre mim e meu filho. É sobre uma pequena família que vou construir, com ele ou sem ele, Oppa.

— Era nisso que queria chegar, e por isso, pedi para os outros darem uma volta...

— Que seria?

— Nós estamos aqui, para qualquer decisão que tomar, Hari. — Sua mão veio para a minha, e segurou-a com firmeza. — Essa criança tem a chance de uma vida normal, e eu sei que é algo que você deseja para si. Uma casa na praia, uma família, e dias normais.

— Só que eu não nasci apenas para isso, Oppa. — Sorri para ele. — O meu passado me trouxe para a Kang que sou hoje, e não tenho vergonha disso. E minha gotinha vai saber o que somos e quem somos, mesmo que eu não atue ativamente, para proporcionar uma vida diferente. Talita é uma Kang como ele... — levei uma das mãos à barriga e sorri. — Acho que posso fazer um bom trabalho, por mais assustador que pareça.

— Gotinha? — ele indagou, e eu soltei uma risadinha.

— Eu sendo toda filosófica e dando exemplos, e você focou apenas no apelido? — revirei os olhos. — Estou decepcionada.

— É um apelido que combina. — Vi-o suspirar fundo. — Apenas saiba que estaremos presentes, todos nós. Sempre. Em cada momento que precisar.

— Eu sei. — Sorri verdadeiramente para ele, e o assustei com um abraço forte, que eu sabia, era algo que ele não costumava dar, mas estava acostumado a receber de mim. — Eu sei que tenho todos vocês, sempre.

Assim que me afastei, ele levou a mão até minha orelha, e apertou levemente, do jeitinho Vincenzo Kang de dizer que te ama. O jeito que sempre me deixava emocionada.

— Posso já culpar a gravidez? — ouvi a voz de Dove, que adentrou o lugar com um leve sorriso, e ouvia os gritos de Hinata e Chae, que a qualquer momento, poderiam se estapear, se não fosse por Jeon no meio deles. Era incrível como eles eram exatamente assim, mesmo após adultos.

— Pode culpar o melhor irmão mais velho que poderíamos ter? — rebati, e senti os braços dela ao meu redor.

— Como assim Vincenzo é o melhor irmão? — Jeon parecia inconformado.

— Mais sorte na próxima vida, irmão. — Chae rebateu, e Jeon deu um soco em seu peito, que o fez desequilibrar e quase cair sobre meu vaso favorito. Quase fechei os olhos pelo susto. Se não fosse Hinata o segurar, ele estaria estatelado no chão. — Isso foi baixo!

— Já tem uma experiência de anos sobre como lidar com crianças bem à sua frente. — Dove provocou, e notei os três a encararem perplexos.

— Eu só estava impedindo uma bagunça, Unnie! — Hinata respondeu revoltada, enquanto Chae ria, e Jeon apenas observava tudo. — Eles são as crianças.

— Vou fingir que não vi nada. — Levantei as mãos em sinal de rendição. — Aliás, coloquei um apelido no meu filho.

— Como tem tanta certeza de que é menino? — Hina perguntou, como se genuinamente curiosa.

— Acho que... — pensei naquele sonho. — Instinto materno e um sonho bem claro sobre.

— Sonhou sobre seu filho? — Dove perguntou e eu assenti. — Isso é algo bonito, Hari.

— É a coisa mais bonita e difícil da minha vida, mas... — sorri de lado. — Tenho um bom exemplo de como uma mãe deve ser, bem aqui... — notei o olhar de Dove mudar, quando entendeu que falava sobre ela, e permaneci a encarando.

— Não gosto de elogios e declarações, porque antecedem algum adeus...

— Não pretendo continuar fazendo o meu trabalho pela nossa família — falei de uma vez, e senti todos os olhares travarem. — Mas... — coloquei bastante entonação na palavra. — Se for possível, quero permanecer na família, e que meu filho tenha os melhores tios do mundo.

Um silêncio se arrastou por alguns segundos, até Chae correr até mim, e praticamente me jogar para cima.

— Cuidado, ela está grávida! — a voz de Jeon soou, enquanto ele se aproximava, e via o seu olhar brilhando, e Hinata já sorria abertamente.

— Está tudo bem — falei, assim que Chae me colocou novamente no chão, claramente preocupado. — Era algo que imaginei um dia pedindo, gostariam de ser titios e titias?

— Não é algo que precise pedir — Dove falou, abraçando-me novamente, e sorri em seus braços.

— Abraço em família! — Hina praticamente gritou, empurrando nossos irmãos, e do seu jeitinho único, colocando Vincenzo ao nosso redor.

Talvez fosse o que todos precisássemos – a certeza. A certeza de que nenhum de nós iria embora novamente, mesmo que a dor fosse recente e nos assombrasse. Suspirei fundo, focando apenas naquele momento. Não era como se eu não fosse mais pensar em Kalel, a verdade era que eu sempre pensaria, mas não mais como no passado.

Ele foi o meu melhor amigo. Ele foi o homem que eu amei. Ele foi o homem de quem me lembro. E agora, ele era apenas o pai do meu filho, nada mais. Nada mais importava.



“Quando fica difícil

Você sabe, isso pode ficar difícil às vezes

É a única coisa que nos faz sentir vivos”^[19]

KALEL

Desliguei a máquina de cortar cabelo, e encarei meu reflexo. Uma barba por fazer crescendo, diferente do que costumava deixar naqueles tempos, e uma roupa toda escura, que praticamente me cobria por inteiro. Não que precisasse realmente de todo aquele aparato, não enquanto estivesse no Brasil, mas viajaria em breve.

Com as poucas informações que eu tinha, e encontraria quem deveria – Guillermo Ottis. Faria o que sabia de melhor – me infiltrar e ser

o diabo de alguém. De uma forma que não envolveria os Kang, e eles permaneceriam a salvo. Minha mente ainda um tanto quanto perdida, apenas por imaginar as horas e mais horas que fiquei apenas parado na praia, sentindo a maré subir, com se pudesse sentir Hari.

Fechei os olhos e me amaldiçoei novamente.

As perguntas que eu fiz, no momento em que despertei ao lado do seu corpo, já tinham respostas, mas as que eu não poderia encarar. Porque se eu as seguisse, eu não cumpriria o que era necessário – mantê-los a salvo. Todos eles.

Abri a torneira, joguei água em meu rosto e neguei com a cabeça, para os meus próprios instintos. Eu sempre procurei o amor. Eu sempre quis a sensação de estar flutuando e com pensamentos desconexos por alguém. A ponto de que quase sacrifiquei aqueles que realmente me amavam e eu amava, por uma completa ilusão.

Levei três tiros nas costas, como punhaladas, me mostrando que confiar facilmente, não poderia ser para alguém como eu. Nunca. Por mais que eu quisesse fantasiar, e acreditar em uma comédia romântica, ela não era uma verdade. Ao menos, não foi.

E tudo o que me sobrou, foi uma traição que poderia ter custado muito além da minha vida.

E não custou, justamente, por conta da mulher que realmente me amava.

— Eu sinto tanto, querida — falei baixinho, para o banheiro vazio. — Eu queria poder compensar, de alguma forma. — Fechei os olhos e uma lágrima desceu. — Por que já sinto sua falta como se fosse uma vida toda?

E eu ignoraria a resposta, para mantê-la a salvo. E o pior de tudo aquilo era saber que tinha que a manter a salvo de mim.

HARI

Faltava um dia para o meu aniversário.

E era geralmente nesse dia, que um envelope chegava em minha mão. Um sorriso de lado, cabelos sendo presos no alto da cabeça, e olhos brilhando de ansiedade e vergonha. Por que eu ainda conseguia me

lembrar das coisas boas sobre ele? Eu não deveria apenas pensar nas ruínas?

Julgava-me a cada meia hora sobre o que estava sentindo. Um misto de sentimentos, que não me permitiam enterrar de vez a ideia do homem que eu amei. Eu poderia pensar nele, até o momento antes daquela noite.

— A noite que gerou você, gotinha — falei, passando a mão por minha barriga. — De tudo que me quebrou após ela, você veio como uma parte nova intacta, que eu nem sabia que precisava.

Suspirei fundo e segurei o papel em minha mão com força.

Dove tinha se dividido, se me entregava ou não, mas não era algo segundo ela, que lhe cabia decidir, mas sim, a mim. Em todos aqueles anos com os Kang, todo meu aniversário, eu esperava ansiosa pelo presente de Kalel. E era sempre uma carta. Fosse uma carta que viesse com uma chave de carro antigo que era minha cara, ou fosse uma que apenas viriam as palavras.

As palavras sempre foram o que mais me importou.

E ele foi embora, sem dizer nenhuma, e agora, eu tinha algo do Kalel do que ele um dia foi, comigo. Porque segundo ele mesmo, demorava a conseguir escrever, então, meses antes, já elaborava a carta,

com rascunhos por todos os lados. Não sabia dizer por que se dedicava tanto naquilo, ainda mais comigo, mas ele fazia.

E eu tinha a prova, de que mais um ano, ele o fez. Sem saber que não seria ele que me entregaria. Ou ele já sabia? Ele já sabia que nos deixaria?

Nem respostas para aquilo eu tinha.

Fechei os olhos, fugindo da visão das ondas que encontravam a areia, na vista que aquela casa cheia de vidros tinha, e a música que tocava, me acertou em cheio.

“Nós sempre escapávamos de uma cidade para a outra

E eu fiquei pensando durante a viagem: A qualquer momento

agora

Ele vai dizer que é amor

Você nunca chamou aquilo pelo que era...”

— O que essa carta vai fazer? — ri sem vontade. — Me trazer a visão do homem que eu amava e que não existe mais? Ou do homem que ultrapassou todos os limites e me deixou?

Neguei com a cabeça.

— Vale a pena?

A pergunta não tinha uma resposta, apenas a música ao fundo, enquanto eu permanecia de olhos fechados, me negando a tomar uma decisão.

Foi então que me lembrei de um dos ditados brasileiros que Yumi Noona nos contou, e abri os olhos, rindo sozinha. Eu parecia um pouco maluca, rindo da minha própria desgraça. Bem que poderia ser uma desgraça ao meu dispor, não era?

— O que é um peido para quem já tá cagado? — indaguei em português, e levei a mão à minha barriga, enquanto a outra permanecia com a carta em mãos. — Perdoe pela mãe estranha que você tem, gotinha.

Foi então que peguei a carta com as duas mãos e rasguei o envelope, tirando a folha com a caligrafia que eu tanto conhecia.

Querida Hari,

Poderia ser clichê e romântico usar isso, mas sabemos que somos o querido um do outro. E é sempre engraçado, imaginar que vou te chamar de querida numa carta, porque é o jeito mais bonito. Enfim, acho que estou divagando, fugindo do real propósito da carta.

A verdade é que nunca me enrolei tanto para escrever. Devo ter feito uns dez rascunhos e os rasgado. Mas tudo ficou mais claro, quando tentei escrever, encarando o mar da ilha de Jeju. A gente ficou uma semana por lá, e foi quase como férias em família. Todos nós juntos, em um lugar tão bonito. O que é raro, certo? Mas o que é raro, tem importância.

E você o tem para mim, querida.

Saber que você completa mais um ano de vida, me faz querer ter mais três para poder estar em todos os seus, cantando os parabéns cafona que você ama, com o seu bolo favorito e velas que parecem que vão explodir. Mesmo quando eu olho para trás, e vejo que tanto mudou, que a gente mudou, quando eu te olho, como na primeira vez que nos vimos, é como se tudo permanecesse do jeito que deveria.

Obrigado por ser meu Norte, querida.

E eu gostaria de poder ser o seu, de algum jeito. Então como sei que vai me jogar a caixa de sapato caro como no ano passado, se eu decidir te dar algo de luxo, optei por algo que possa usar em um dos seus carros antigos – para não dizer velhos e feios – que você tanto ama. E que eu possa ser seu Norte, de algum jeito.

Obs: no dia de ontem, você me disse que daria meu nome ao seu filho, e isso não deveria estar na carta, mas preciso dizer que me senti assustado de imediato e não tive reação, porém, minutos depois, tudo o que senti foi gratidão e uma honra sem tamanho. De você, uma das melhores pessoas que já conheci, cogitar ter um filho que carregasse o meu nome. Obrigado por isso, querida.

Obs2: sabe que sempre tem algo estranho na carta, e precisei falar sobre o nome, não entendo porquê, mas parecia certo.

Obs3: eu te amo, querida.

Com amor,

Kalel Kang

Senti como se minhas forças quase se esvaíssem. Enquanto o choro se entalou na minha garganta, e segurei-me para não cair da poltrona. Como ele podia dizer aquilo? Como ele poderia trazer um assunto do passado como se fosse o hoje?

E era aquele Kalel que eu amava.

Com um humor estranho, apegado a pequenos detalhes de tudo que falávamos e disposto a entregar todo seu amor. Ele se lembrava do

meu devaneio sobre dar seu nome a um filho meu, um dia, porque queria que se parecesse com ele.

E agora, eu esperava um filho dele.

O envelope escorregou de minhas mãos, e ouvi o barulho de algo contra o piso. Agachei-me e notei o que caiu – um chaveiro com bússola, com as iniciais H. K. gravadas do lado posterior.

E que eu possa ser seu Norte, de algum jeito.

— Você é minha total perda de direção, Kalel.

Foi tudo o que consegui dizer, antes de cair em um choro profundo. Pela dor. Pela raiva. Pela angústia. Por me sentir com raiva por ainda não conseguir odiá-lo. Nem que por um segundo. Nem que com toda minha dor e angústia gritando.

Eu chorava por não conseguir apenas apagá-lo da minha mente, e principalmente, do meu coração.



“E eu assisti enquanto você fugia da cena

Olhos de corça, enquanto você me enterrava

Um coração partido, quatro mãos ensanguentadas”^[20]

HARI

— E estou bem, Oppa — falei ao telefone, ouvindo Jeon quase bufar, assim como Chae. — Hina, dá um jeito neles, por favor.

— Só se eu conseguir nocautear Chae usando Jeon, e então apagar Jeon com algum remédio.

— Olha o respeito, menina! — Jeon falou de forma perigosa, o que me fez revirar os olhos, e me indagar do porquê eu tinha feito uma chamada com todos eles. Na realidade, foram eles que fizeram.

— Se já pararam... — Dove falou no ponto. — Vamos estar aí assim que conseguirmos, pequena. Apenas descanse e cuide da nossa gotinha, ok?

— Pode deixar, Unnie.

Vincenzo permaneceu em silêncio, mas o conhecia bem o bastante para saber que estava tão preocupado quanto os outros. Senão, mais.

— Como te avisei, logo uma pessoa de confiança minha, vai estar aí. — Assenti para o nada, enquanto abria a porta de casa. Sabia que mesmo que não quisesse, respeitaria aquele gesto de Vincenzo. Ele estava apenas preocupado, e não tinha como estar ali comigo. Portanto, por que não ceder e aceitar a ajuda que ele achava que precisava?

Tinha passado o último mês em Seul, na Mansão Kang, e vendo meus irmãos quase todos os dias. Porém, eles tinham trabalhos específicos para terminar, e eu sabia que o melhor, era ter meu filho em algum lugar mais seguro, e tudo já estava encaminhado para ser no Brasil. A pequena cidade costeira que eu escolhi, longe de qualquer parte perigosa de quem eu era, e que minha família era.

Joguei-me no sofá, e soltei a mala de mão que veio quase vazia. Se eu trouxesse algo pesado, além da barriga, acreditava que algum dos

meus irmãos envelheceriam dez anos em um minuto.

— Bom trabalho, irmãos. — Desliguei meu ponto e respirei fundo. — Só nós dois, gotinha.

Senti um forte movimento em minha barriga, e ri sozinha para ele.

— Estamos agitados hoje, então?

Era como se ele estivesse me escutando, pois, me deu outro chute forte, bem próximo às costelas. Era uma leve dor, mas de longe, a melhor dor que eu já tinha sentido.

— Talvez eu devesse te contar uma história? — perguntei, e senti outro chute, como se fosse a resposta. — Bom, não é tão bonita, mas é a minha.

Eu estava correndo, desesperada. A neve caía, como se pesando ainda mais. As marcas em partes do meu corpo, gritando para que a dor parasse. Porém, tudo o que eu conseguia fazer, era obedecer a ordem de meus pais. Corra por nós, Hari.

Então eu corria.

Corri enquanto a casa pegava fogo, e eles pareciam aceitar aquele caminho.

Corri até que bati de frente com algo e caí com tudo para trás.

Um grito estava em minha garganta, mas não dei tempo nem de deixá-lo sair, girei meu corpo e corri o oposto. E foi quando levei outro baque. Olhei entre as pessoas que me cercavam, e tentei encontrar algum caminho que não as tivesse.

Quem eram eles?

O que faziam ali?

Era mandados pelas outras pessoas da minha família?

— Eu sou Yumi, e esse é Cha... Somos Kang.

— Apenas confie nos Kang. — Lembrei-me do que minha mãe disse, antes de me dar um último beijo na testa, e me mandar correr.

— Meus pais, eles...

— Vamos te levar daqui primeiro, em segurança, e depois, vamos falar sobre isso, tudo bem?

Eu não tinha como negar ou ir contra aquilo.

Como com apenas quinze anos, tudo o que eu conhecia, estava se tornando cinzas, assim como a casa em que fui criada.

— E então, eu fui para a Mansão Kang, e a primeira pessoa que conheci lá, adivinha?

Um chute ainda mais forte, como se estivesse entendendo absolutamente tudo o que eu dizia. Não duvidava, já que tudo parecia

mágico durante aquela gravidez. Mesmo com a dor. Mesmo a falta. Mesmo com a raiva. A parte que eu pensei ter sido enterrada em um túmulo vazio, pela escolha de Kalel, ainda existia. Porque era uma parte bonita, que nosso filho carregava.

Era o lembrete, que nem tudo que é ruim, vai te levar apenas para o sofrimento. Olhando para trás, e para aquela noite, em que Kalel parecia me olhar, pela primeira vez, eu a teria novamente. Mesmo com todo o mal que tive que atravessar após ela, existia uma gotinha de esperança no fim.

O meu filho.

Por ele, eu não me arrependia do que aconteceu. Eu não voltaria atrás e mudaria o que houve naquela noite.

— É, eu conheci seu pai. — Suspirei fundo, lembrando-me do olhar estrelado em uma íris escura. — Ele tem... ou melhor, tinha a mesma idade que eu. Não posso dizer que o amei à primeira vista, esse clichê, a mamãe não pode afirmar, mas... Mas eu acho que foi um sentimento sendo transformado, no decorrer dos anos, até que... Até que chegamos aqui. Agora, eu e você.

Neguei com a cabeça, rindo de como me perdi na história.

— Eu não contei a fundo, não é? — dei de ombros, passando as mãos pela barriga, e encarando o mar que quebrava do lado de fora. — Meus pais eram os Park, e foram mortos pela própria família. Eles eram pessoas boas e não mereciam aquilo. Eu vi o momento em que atearam fogo na nossa casa, e a forma como minha mãe corria, mesmo que em chamas, para tentar me pôr para fora em segurança. — Engoli em seco. — Eu nunca esqueci a cena, e foi ela que me motivou a ser uma Kang. — Soltei o ar com força. — Eu fiz todos os que restaram após os Kang fazerem justiça, pagarem como deveriam — assumi, e pensei em como seria falar aquilo, e meu filho ser consciente de quem eu era. Não era uma heroína, tão pouco uma mocinha. Bem longe daquilo. — Sendo sincera, há partes de mim que você nunca vai saber... Não é que me arrependa, mas eu sei que não o levaria para o caminho que imagino que escolherá. Sem sangue nas suas mãos, gotinha. Sem pesadelos sobre um passado que não pode ser mudado. Sem a gana de vingança que vive em mim.

Pensei sobre, e lembrei-me de cada um dos meus irmãos. As histórias não eram totalmente parecidas, mas existia um peso em cada uma delas. Um peso de que todos nós, tínhamos uma parte que não aceitaria apenas seguir em frente, sem que aqueles que nos destruíram ou destruíram o que amamos, pagassem.

— Por isso eu me apresento como Park, porque era o sobrenome por parte do meu pai, que não se envolveu na morte deles. — Suspirei fundo, porque mesmo depois de tantos anos, ainda era dolorido. Ainda doía, lá no fundo, pensar em tudo aquilo. — Mas sou uma Kang, gotinha. E você será um Kang também, com apenas o lado bonito da vida comum, espero.

Não podia mascarar todos os medos que se passavam por minha mente. Eles eram muitos. Em todas as teorias que eu criava para um futuro, eu me perdia um pouco. Tanto porque tudo era novo. Novo para todos os Kang. Fazia muitos anos que algum membro não engravidava e optava por uma vida fora da máfia.

Porém, isso já foi feito antes, e funcionou. Poderia funcionar para nós, certo?

— Vou dar um jeito de funcionar, gotinha. — Fechei os olhos, tocando levemente a barriga. — É uma promessa.

Batidas na porta me abriram os olhos de imediato, e fui até ela. Lembrava-me de que Vincenzo Oppa mandaria alguém para estar comigo, já que todos se encontravam ocupados, e eu estava com oito meses de gravidez. Um momento que eles diziam que eu já não poderia estar mais sozinha. Mesmo que a solidão não fosse algo que conhecesse.

Não depois de ter outra vida dentro de mim, que todos os momentos se mostravam ainda mais reais.

Olhei pelas câmeras e era uma senhorinha, da forma como Vincenzo tinha descrito. Abri a porta e ela me encarou sorrindo.

— O menino Vincenzo me disse que duas pessoas da família dele tinham se mudado para cá. — Olhei-a com carinho, fazendo uma saudação e ela sorriu, mostrando as covinhas no rosto, e os cabelos grisalhos.

— É a primeira pessoa que conheço que chama Vincenzo Oppa assim.

— Não deve ter muitas pessoas mais velhas que ele, em quem ele confie. — Piscou um olho, e abri espaço para que ela entrasse. — Eu pensei que nunca mais um Kang moraria por aqui.

— Eu só me lembro de quando era mais nova, e Cha e Yumi me trouxeram, mostrando essa praia, e me apaixonei pelo lugar... — confessei.

— Essa pequena cidade tem seus encantos, mas a praia, deve ser o maior delas. — Sorriu e então esticou sua mão. — Sou Rita, mas pode me chamar como preferir.

— Como Vincenzo Oppa te chama? — perguntei curiosa.

— De Noona, algo da cultura de vocês, certo? — assenti de imediato. — Pode me chamar como preferir, Hari.

— Acho que ele passou minha ficha,

— Apenas que teria uma jovem bonita grávida chamada Hari, que tenho que ficar de olho.

— Obrigada por estar aqui, eu... Na verdade, não sei o que Vincenzo pensou quando te chamou, mas sei que tem ótimas intenções.

— Ele é um menino de ouro. — Sorriu abertamente. — Eu tenho uma dívida com ele, que nunca será paga, mesmo que ele diga que não tenho. Quando esse pedido surgiu dele, preocupado com alguém que ama, fiquei honrada. Então, no que precisar, estarei aqui, menina Hari.

— Gostei do apelido, senhora Rita. — Ri de lado. — Ou melhor, Unnie?

Ela deveria ter seus sessenta anos, talvez já fosse avó e tinha um semblante tão leve, que me perguntava, como Vincenzo a conhecia, e porque confiava tanto nela.

— Posso começar olhando a geladeira e armários, para ver se está se alimentando direito. — Forcei um sorriso de imediato. — Pedindo comida?

— Eu sou péssima na cozinha — admiti. — O máximo que sei é fritar um ovo, e nem fica tão bom.

— Gosta de comida brasileira? — assenti e ela me encarou. — Então vamos ao mercado e compraremos tudo de melhor para uma grávida de...

— Oito meses. — Ela bateu duas palmas, como se animada. — Acho que sou a primeira grávida que não fala em semanas.

— Semanas deixam todos confusos, menos quem está grávida. — Piscou um olho. — Sei que os Kang não têm ligação genética, mas... você tem a postura que me lembra do menino Vincenzo. — Ela parecia realmente feliz por aquilo. — Fico feliz que ele tenha uma família, e que ela esteja crescendo.

— Eu também. — Sorri para ela, e pensei em como as coisas tinham mudado.

Mesmo quando eu parava para pensar que ainda era a mesma pessoa, tinha a certeza de que não. Eu nunca mais seria. Nenhum de nós. Não apenas pela dor, mas pelo amor, que nascia junto a mim. Éramos partes de uma família escolhida, que buscava a vingança tanto por si, quanto por aqueles que não poderiam se defender, mas acima de tudo: nós éramos unidos.

Uma parte se quebrou de fato, mas outra, parecia nos segurar no lugar, bem ali. Mesmo que nenhum de nós esperasse e talvez, sequer merecesse. Sabia que a minha gotinha, representava muitas vezes, um novo mar de possibilidades para cada um dos meus irmãos.

Porém, que no fim de tudo, mesmo perdidos nas ondas, a gente se encontrava, e era um mar que iríamos desbravar, juntos.



“E a marca das almas gêmeas te deixou triste?

Cá entre nós, o caso de amor também te deixou mutilado?”^[21]

KALEL

— E a primeira vítima era a vadiazinha que não usa o sobrenome...

Minha raiva apenas aumentou, enquanto a faca passava por parte do peito do homem que já sangrava à minha frente.

Eu sabia bem de quem o homem diante de mim falava.

Não foi fácil chegar até ele. Depois de tanto tempo o rastreando, e acabando em lugares vazios, eu finalmente tinha chegado. Quase nove

meses depois que Kalel Kang foi enterrado, o diabo que ainda existia nele, fazia seu serviço.

Era eu.

Era eu no que fazia de melhor.

— Diga o nome dela. — Ele cuspiu o sangue que ainda escorria por sua boca, com as mãos presas atrás da cadeira. — Diga!

— Não pensei que o famoso ponto fraco dos Kang teria algum ponto fraco... — provocou, rindo alto e jogando a cabeça para trás. — Por um minuto, acho que acreditei que tínhamos nos livrado do diabo deles, mas aqui está você... me torturando...

— É melhor dizer o objetivo de Guillermo Ottis, se não quiser assistir a sua família ser torturada e morta.

O semblante do homem à minha frente mudou.

— Os Kang não tocam em inocentes.

Ri sem vontade alguma.

— Eu não sou mais um Kang, Liera. — Ele praguejou em espanhol, fazendo-me afundar a faca na marca que tinha causado segundos antes. — Em inglês!

— As famílias que foram sendo mortas, de outros homens... não foi um incêndio, foi?

— Não é você que faz as perguntas, Liera. — Afundei ainda mais a faca, ouvindo-o gritar, o seu sangue manchando minha mão. — O que Ottis queria usando alguém dos Kang?

— O poder — respondeu simplesmente, fazendo-me pressionar ainda mais, e outro grito ecoar pela sala vazia. — Ele pretendia te usar para matar um a um... Um a um dos Kang, e tomar o poder.

Afastei a faca, encarando o até então, braço direito de Guillermo Ottis, que naquela altura, já teria encontrado outro para substituí-lo.

— Então, todos que pertencem à elite do cartel de Ottis sabiam do plano de matar os Kang?

— Segundo ele, só há uma máfia capaz de destruir o cartel, e... E foi assim que convenceu a todos.

— Quero os nomes de cada um que planejou e concordou com isso.

— São muitos e...

E então eu fiz menção de chegar perto com a faca, e ele falou rapidamente.

— Eu conto tudo, mas... Depois de me matar, peço que minha família saia ilesa.

— Não se negocia com o diabo, a não ser... que sua alma seja dele. — falei, e vi-o respirar fundo.

— Me mate rapidamente após eu dizer tudo, mas... Mas peça abrigo aos Kang, para as minhas meninas.

— É incrível, como alguém que destruiu tantos lares e matou tantos pais, de repente se importa com a segurança das próprias filhas...

Era sempre o mesmo.

Quem me olhasse dali, com certeza me recriminaria por estar condenando o homem amarrado à minha frente. Não pensariam na quantidade de pessoas que ele matou apenas por esporte. Simplesmente porque tinha o poder de fazê-lo.

— Se um dia for pai, vai entender...

— Não é algo que foi feito para alguém como eu, Liera. — Minha voz soou fria e baixa, mesmo que por dentro, eu apenas conseguisse lembrar-me de como Hari sempre me contou seus planos, de uma família nossa e um filho que tivesse o meu nome.

Pensar sobre ela, revivia uma parte que eu tentava matar, assim como fiz com meu nome. A realidade era que eu poderia ser o que quisessem de mim, qualquer adjetivo ou apelido grotesco, mas para com ela, eu sabia que não o era. Nem nunca fui.

Eu era apenas o homem que ela amou.

E era o que quase me parava, e queria fazer voltar atrás, ao mesmo tempo que me fazia saber que tinha que continuar. Eu tinha um dever, apenas um: protegê-la.

HARI

— Esquece tudo o que eu disse — falei, sentindo meu corpo quase perder a força por completo. — Nenhum treinamento ou prova que passamos como Kang, chega perto... — minha voz sumiu, dando lugar ao gemido de dor, enquanto eu segurava com força a maca. — Se Kalel não estivesse morto, eu o mataria agora.

Dove riu ao meu lado, enquanto tentava segurar minha mão, que mais cedo, esmagou por completo a sua.

— Só você mesmo para fazer uma piada desse tipo, Unnie — Hinata falou, e eu lhe lancei um olhar mortal.

De quem foi a brilhante ideia de ter todos na minha casa quando completasse os nove meses? Eu mesma, foi minha. Condenei-me, encarando o teto, enquanto suava.

— Se bem que se ele aparecer, posso matá-lo de verdade, para aprender a nunca mais... — outra contração, fazendo-me quase gritar, e esmagar os dedos de Dove, que parecia mais do que preocupada. — Ele deveria sofrer a dor do parto, mafioso de merda! — xinguei, e ouvi a risada de Hinata, que logo parou, quando o médico entrou.

— Os quatro homens do lado de fora, eles...

— São meus irmãos mais velhos — falei, e gemi de dor, na contração que felizmente não foi tão forte quanto as anteriores. A realidade era que eu não sabia nem como estava a dor. Apenas que ela estava me sugando. — Espera, eu tenho apenas...

Meu olhar então chegou no de Dove, que negou com a cabeça, como se dando a resposta imediata da pergunta que passou por minha mente.

Não era Kalel.

Não tinha como ser.

Onde eu estava com a cabeça?

Na verdade, no filho que eu estava quase trazendo ao mundo, e que finalmente descobriria se era um menino ou menina.

— Baldur está lá fora também — Hina esclareceu, e eu assenti, sem questionar mais nada. — Ela não pode já...

Sequer reconheci o grito de dor que soltei, e ouvi a porta sendo aberta, e em poucos segundos, Dove e Hinata chutando quatro mafiosos com semblantes preocupados e claramente prontos para ir ao inferno por mim, para fora dali.

Eu ri, em meio à dor, e neguei com a cabeça. Se a cena não fosse um completo escarcéu desnecessário, seria cômica e fofa.

E depois de mais contrações, mais dor, e mais alguns gritos que quase fizeram meus irmãos derrubarem o hospital, eu senti uma lágrima descer por meu rosto. E não era de tristeza. E não era pela força. Mas sim, porque um pequeno corpinho foi colocado sobre o meu peito, bem próximo a mim.

— É um menino, Hari.

Sorri para minha médica, e Dove beijou minha testa, sendo minha rocha durante todo aquele dia. Na realidade, toda minha família. Eles estavam ali por mim, da forma que meus pais, um dia disseram que os Kang fariam.

— Jae... — falei, e toquei o pequeno queixo da gotinha que agora parecia tão grande, ali sobre meu corpo. — Kalel... — falei, quando meu coração aceitou que eu cumpriria aquela promessa cega, de anos atrás. Meu filho teria, nem que no mínimo, algo do seu pai. Mesmo que o próprio não merecesse. — Park... — e então me virei para Dove. — Kang. — Uma lágrima desceu por seu rosto, e senti sua mão na minha livre. — Como pode uma gotinha causar um tsunami nas nossas vidas, não é? — indaguei baixo, olhando para a coisa mais linda em que eu já coloquei os olhos – meu filho.

Um sorriso verdadeiro em meu rosto, e tudo valendo a pena. Soube que por ela, tudo valeria. E aquele, era apenas o começo.



“E agora, toda vez que uma sirene toca

Eu me pergunto se você está por perto

Porque você sabe que eu faria tudo de novo”^[22]

HARI

Olhei ao redor, enquanto meu filho fazia a primeira pega, e mamava do meu peito. A dor ainda estava ali, como se me lembrando de que era apenas o começo e que tinha muito a aprender, mas eu estava sorrindo.

Sorrindo para a gotinha que era o meu mar favorito.

— Sua mãe vai cantar para você... todos os dias, todas as noites...

— ri abertamente. — Sabe, te mostrar que um fusca é melhor do que

qualquer Ferrari ou carro chique que seus tios e tias têm. — Toquei seus cabelos pretos, que eram muitos, o que me surpreendeu. — E um dia, quando eu perguntar: como um Kang? você vai responder: sim, mamãe, como um Kang.

Encostei nossas testas, e Jae reclamou em meu peito, fazendo-me tirá-lo com cuidado do mesmo, e arrumar minha blusa. Ouvi batidas na porta, e disse um entra, enquanto me preparava para colocá-lo para arrotar.

Então três pares de olhos apareceram: Chae, Jeon e Hinata.

— Ótimo que estão aqui...

— Todos nós? — Hina indagou, abrindo a porta, e então encarei todos meus irmãos, adentrando aquele quarto, que felizmente era grande o suficiente para comportar a todos.

— Pode ensinar Vincenzo Oppa como colocar Jae para arrotar.

Pela primeira vez na vida, vi o pânico total no rosto do nosso mais velho, o qual pareceu repensar todas suas escolhas de vida em um segundo.

— Hari, eu acho que...

— Eu estou brincando. — Pisquei um olho para ele, e Jae arrotou baixinho, ainda em meu colo. — Só preciso de ajuda para colocá-lo no

berço aqui do lado, tudo bem?

Não precisava de fato, já que o berço estava praticamente acoplado à minha cama, mas vi-o caminhar até mim, e entreguei-lhe o sobrinho com cuidado.

— Ele é tão...

— Desajeitado, né? — complementei, vendo-o segurar meu filho.

Fiz um sinal para Hinata, que logo tirou uma foto, e me vi pensando sobre.

— Ia dizer bonito — respondeu, e eu sorri.

— Fui eu que fiz, obrigada, Oppa. — Pisquei um olho, e Vincenzo apenas encarava meu filho, como se encantado. — Por que todos não tiramos uma foto? Juntos?

— Mas como se...

— Espera aí! — vi Hinata correr para fora do quarto, e encarei Dove, que mantinha sua postura altiva, com um sorriso no canto do rosto. — O Hansen tinha que servir de algo, além de ficar trazendo flores, né?

Foi então que vi Baldur adentrar o quarto e sorri para ele.

Ele era um bom amigo, e por mais que não tivesse nenhuma ligação forte comigo, ele tinha ficado próximo, principalmente quando descobriu sobre a gravidez.

— Como você consegue ficar perto deles, Baldur?

— Não é como se não tivesse irmãos do mesmo jeito. — Piscou um olho, aceitando o telefone que Hinata lhe colocou na mão, e todos vieram para o meu.

— Eu fico atrás, já que sou maior. — Chae sempre dizia o mesmo, e todos o encarávamos com desdém.

E daí que ele tinha praticamente dois metros de altura e músculos além de todos nós? Ok, ele era nosso *crossfiteiro* de primeira, como os brasileiros diriam.

— Todos digam Jae em três, dois...

— Não é melhor ele estar no seu colo, pequena? — Vincenzo perguntou e eu neguei com a cabeça.

— Ele está com um Kang, então, ele está em casa — respondi e notei a emoção que passou pelos olhos quase sempre indecifráveis de Vincenzo Kang. — Começa de novo, Baldur.

— Todos digam Jae em três, dois, um...

— JAE! — um sussurro com o nome do meu filho foi ouvido, sem qualquer aviso para algum de nós, já que todos parecemos ter notado o silêncio da gotinha, que agora era um pacotinho enrolado no colo do tio mais velho.

E mesmo que eu estivesse completa, eu não poderia deixar de indagar.

Como seria, se Kalel também estivesse ali?

Dias depois, já estávamos em casa.

Jae era um ótimo dorminhoco, mesmo que trocasse o dia pela noite, algumas vezes. Minha rotina tinha se tornado algo novo e bagunçado, mas tinha uma rede de apoio sem igual. Senhora Rita, principalmente, que não pôde estar presente no dia do nascimento de Jae, já que teve uma emergência familiar, agora babava por ele a cada segundo que estava em casa.

Meus irmãos, mesmo eu dizendo que não precisava que ficassem ali, presos comigo naquela casa, ainda estavam.

— Qual o motivo para tantos quartos se planeja ter apenas um filho com o meu nome? — Kalel provocou, e chutei a água que chegou aos meus pés diretamente nele, que virou rapidamente de costas rindo.

— Eu encontrei essa casa, o número certo de quartos para nossos irmãos e claro, para os dois filhos que pretendo ter — corrigi-o. — Pode

se preparar para ser pai de dois. — provoquei, e vi-o levar a mão no peito, como se pedindo socorro.

Parei os dedos sobre o piano, pensando em todos os sentimentos diferentes a respeito da mesma pessoa, que me acertaram nos últimos meses. Passei dez anos da minha vida amando-o, primeiro como um amigo, depois como melhor amigo, e mais tarde, como meu querer. Para em pouco mais de nove meses, o sentimento de dor, mágoa, rejeição, desespero, e até mesmo, o ódio em si, me acertassem por essa mesma pessoa.

Contudo, tinha ainda um sentimento, que eu evitava ao máximo, porque era no qual me sentia vulnerável. E era exatamente quando ele vinha, que eu precisava colocar para fora. A saudade era algo que doía acima de qualquer outra coisa, nos momentos, que como minha cantora favorita diria: eu me esquecia do porquê tanto precisava esquecê-lo.

“Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca te odiei como odeio agora

Porque tudo que você sempre faz é me fazer...

Desisti de você umas 21 vezes
Senti aqueles lábios me contarem 21 mentiras
Você vai ser a minha morte
Sábio conselho
Amar você poderia fazer Jesus chorar

Quando te ouço dizer querida
Seu beijo é como um antídoto
Estou lutando como se eu fosse o Ali
Mas você me pegou nas cordas...”

Uma lágrima desceu e eu fui para o refrão, cantando para o mar
que me encarava, totalmente escuro pela noite, e onde talvez, na
imensidão dele, quem me trazia toda aquela dor, estivesse.

Cada palavra, mesmo que dolorida, ainda era para ele.

“Não conseguia ouvir o trovão
Mas eu ouvi seu coração disparar
Não conseguia ver a chuva

Estamos ocupados demais fazendo furacões (Sim)

Amar não é fácil quando não é do meu jeito

Mas torna-se difícil

Quando você não está aqui me deixando louca

Baby, diga a palavra querido

Você sabe como manter um otário para baixo

Então, eu vou te ver pela manhã

Eu não consigo te ver me deixando

Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca te odiei como odeio agora

Porque tudo que você sempre faz é me fazer

Chorar...”

Meus dedos pararam nas teclas, pensando em como aquela música me definia por completo naquele momento, até mesmo na forma

em que nos chamávamos. Era como se eu pudesse materializá-lo bem ali, e culpá-lo por alguns segundos, enquanto tocava, por cada dor que me fazia sentir.

Principalmente, o fato de eu sentir tanto sua falta.

— Você é melhor cantando sozinha — Kalel falou, mesmo assim, sentando-se ao meu lado no banquinho do piano. — Ainda tentando me ensinar piano?

— Eu sei que treina às vezes, quando está sozinho. — Acusei, lembrando-me do dia em que cheguei de surpresa no seu apartamento, e ele estava sentado no piano, tocando e cantando baixinho. — Ou por que teria um piano?

— Porque tenha uma visita frequente que adora. — Bagunçou meus cabelos de cor rosa, e revirei os olhos.

— Vou levar para o lado que comprou um piano e está aprendendo, porque me ama muito.

— Você sabe que te amo, querida.

Olhei triste para o piano à minha frente, e tentando fugir daqueles pensamentos. Senti então uma mão no meu ombro, e levantei o olhar, encontrando o de Hinata, que puxou meu corpo para perto, abraçando-me.

A babá eletrônica, que estava acima do piano mostrava que Jae se mexia no pequeno berço, e logo ouvi o chorinho por ali.

— Bom dia, mamãe Kang. — Ela provocou, e eu sorri.

Eu tinha muito mais a pensar do que no passado. Era apenas aquilo: algo que deixei, algo que nunca me pertenceu. Eu o tinha agora, que era de fato, um presente: eu e meu filho.



“Fósforos queimam um após o outro

As páginas viram e grudam umas nas outras

Salários ganhos e lições aprendidas

Mas eu estou exatamente onde você me deixou”^[23]

Cerca de seis anos depois...

HARI

— Eu sou Hari, mas pode me chamar de Unnie — falei, olhando para Saron, que parecia tímida ao lado de Dove, que tinha um ar novo em si.

Um ar que eu conheci há seis anos. Algo que apenas quando você se torna mãe, surge. E mesmo que tenha sido algo totalmente inesperado

para mim, saber que minha irmã mais velha tinha construído sua própria família, eu estava feliz. Era o mais inesperado que eu poderia pedir, em todos aqueles anos.

— Se puderem chegar com notícias assim para mim, *sempre*, serei muito grata! — notei o então marido de Dove, que mesmo que ela não tivesse assinado os papéis, era óbvio que eles eram feitos um para o outro.

Kalel me contou sobre aquilo.

Eu já tinha conhecido Flávio Esteves, mas não tinha captado a forma como Dove e ele eram perfeitos um para o outro. E olhando-os dali, tinha a mesma certeza, que o meu passado teve.

— Eu só te dou boas notícias.

Olhei para Chae, encarando-o de cima a baixo.

— De que o tiro foi de raspão ou não pegou nenhum órgão vital? — rebati em coreano, e vi-o fazer uma careta, enquanto Jeon lhe dava um peteleco. — E esse aqui é...

— Sou Jae — Meu filho falou, saindo de trás das minhas pernas, mesmo que ainda segurando uma delas com a mão, e esticando a outra para Saron. — Kalel, quando mamãe fica brava.

Revirei os olhos, e o incentivei a ir mais à frente, e ele fez um cumprimento correto da nossa cultura, uma reverência de noventa graus, e vi Saron encarar Dove, que apenas sorriu, e ela fez o mesmo.

— Sou Saron — ela falou, claramente sem jeito.

Ela era bem mais velha que ele e meu filho parecia um tanto perdido à frente dela. Ele tinha amigos na escola, mas a maioria, da sua própria idade, e na família, titios muito mais velhos. Era uma novidade e tanto para ele.

— Posso te chamar de Noona?

E foi naquele momento que troquei um olhar com Dove, a qual parecia encantada com os dois.

— Claro que pode — Saron respondeu, como se ficasse até mesmo ofendida, se ele não o quisesse, e vi sorrisos se espalhando por cada um dos meus irmãos, menos Vincenzo, que assistia à cena, como se um pouco longe dali.

Algo estava acontecendo.

— Dove me disse que você gosta de k-pop, certo? — indaguei, e Saron me encarou com os olhos brilhando. — Eu ensino Jae desde muito pequeno a dançar vários grupos.

— A gente aprendeu LoveShot essa semana.

— Do Exo? — ela indagou animada. — Sério mesmo?

— Exato, e... Todos os seus tios e tias... — me indiquei, assim como Hinata, que ria baixinho da cena. — Já dançaram as músicas com a gente.

— Isso é muito legal. — Sorriu abertamente pela primeira vez, desde que chegamos ali. — Pode me ensinar?

Foi minha vez de ficar surpresa.

— Que tal agora? — indaguei, e vi-a olhar para Dove e depois para Flávio, como se pedindo permissão, e fiquei encantada com a cena. — Podemos usar seu quarto?

— Claro! — ela então soltou da mão de Dove, e nos indicou com a cabeça as escadas.

— Vai indo na frente com sua Noona, ok? — falei para Jae, que sorriu, e foi até ela, dando sua mão.

Ele tinha quase seis anos, mas a forma como ele confiava daquela maneira nas pessoas, me lembrava de seu pai. Ele sempre dava uma chance, mesmo que não soubesse onde estava pisando.

— Parabéns, Unnie! — pulei nos braços de Dove, que bateu levemente nas minhas costas, talvez pelo susto.

Afastei-me e segurei suas mãos, olhando-a profundamente.

— Pode parecer presunçoso, mas sei exatamente o que ele diria, se estivesse aqui... “Eu já sabia, Dove Noona”. — Notei a forma como o olhar de Dove se modificou, e suas mãos apertaram as minhas. — Vou ajudar as crianças, e os adultos que quiserem participar estão convidados...

— Já me basta a vez que me fez dançar Hellevator do SKZ. — Chae levantou as mãos em sinal de rendição.

— E quando foi MicDrop do BTS? — Jeon fez uma careta. — Tenho dor no joelho até hoje por conta disso.

— Tem dor porque está velho, Oppa. — Hinata rebateu, e eu segurei uma risadinha, mas vi o olhar mortal que ele lançou para ela.

— E você, Flávio? — indaguei, vendo o cowboy de olhos claros.

— Ele sabe muitas danças, mas é péssimo. — virei-me ao som de Talita Kang, que adentrava a casa com o marido do lado. — Como vai a família Kang mais feliz?

Ela era a minha inspiração para que Jae fosse feliz. Um sinal, talvez divino, de que era possível. Seus pais eram Kang, escolheram uma vida comum e construíram sua família. Mesmo que em algum momento, o peso do nome tenha recaído sobre eles, e eles acabaram sendo assassinados. Talita era o seu legado.

O legado de que poderíamos ter uma vida comum e feliz. Ao menos, Jae poderia. Mesmo com algo acontecendo com seu pai, ou melhor, sendo a própria escolha dele. Mesmo que algo acontecesse comigo. Ele teria pessoas que o protegeriam de todas as formas. E agora, tinha mais duas pessoas, em nossa pequena família escolhida – Flávio e Saron. A prova de que mesmo com a máfia, e tudo o que vivíamos, era possível ter uma vida. A prova de que Kalel abandonou, mesmo que ainda não soubesse, a coisa mais bonita que ele poderia ter – nosso filho.

E lá estava eu, pensando nele.

Mesmo que não devesse.

Mesmo que ele não merecesse.

Mesmo que eu soubesse que era melhor nunca mais o ver.

KALEL

Eu fazia aquilo.

Ultimamente, mais do que nunca.

Existia uma saudade gritante em meu peito, de ver cada um deles. E principalmente descobrir como ela estava de uma forma que não acabasse por me colocar à sua frente. Eu era um covarde quando se tratava de encarar o coração quebrado que deixei para trás. O coração que um dia, já foi meu.

As informações que corriam pelas pistas que eu seguia, pelas pessoas que eu passava até poder chegar à família que deixei. A família que eu ainda amava.

Existia um comunicado claro de que Dove Kang tinha uma nova residência. Ninguém sabia onde ou com quem, ou o que de fato acontecia, mas descobrindo a cidade, eu apenas interliguei os pontos.

Algo me dizia, no Kalel do passado, que era um romântico, de que Dove Kang terminaria com Flávio Esteves. Mesmo com todas as diferenças claras entre os dois, eu conhecia bem a irmã que tinha. Ela nunca pareceu mexida com nada e nem ninguém, mas com ele... Com ele tudo pareceu diferente.

Parei há alguns metros da entrada da fazenda que carregava o nome SARON. Pelo que pude descobrir, era o nome da garotinha que parecia com ela na foto que consegui, a ponto de eu duvidar que era realmente adotada. Minha irmã tinha construído sua família. Dove tinha uma filha.

À margem, mesmo sabendo que tudo o que gostaria era de ser o primeiro a lhe parabenizar. Mesmo que tenha me vingado de todos aqueles que ousaram tocar em Saron, que agora, era sua filha.

Vincenzo sabia do que eu fazia.

E ele apenas me permitiu ser. Eu tomava a frente, em assuntos em que ele permitia, mesmo sem que ele me visse realmente. Os corpos que ficavam pelo caminho, ficavam com respostas e nomes necessários.

Foi o jeito que encontrei, de direcionar o ódio que ainda era vivo dentro de mim, desde muito novo, e que me tornou especialista naquilo. Uma parte Kang da qual eu não me desligaria. Tanto porque me lembrava de quem eu era, tanto porque ajudava a proteger aqueles que eu perdi.

Porém, sabia que Vincenzo estava no limite, e aos poucos, me tiraria do caminho. Não era como se eu pudesse interferir, sem que ele soubesse que era eu. Ele sabia o exato jeito que eu trabalhava, porque ele foi a pessoa que me ensinou. Poderia reconhecer o que eu fazia, e se manter calado. Entretanto, sabia que não seria para sempre.

E quando ele dissesse seu basta, eu apenas aceitaria e teria que me afastar de vez. Até da parte que mesmo escondido, eu ainda poderia ser eu mesmo.

— Ela tem uma filha...

Minha voz soou para o lugar vazio. O qual se parecia comigo. Lá no fundo, achei que não tinha sobrado nada. Porém, no momento em que a notícia chegou, de que Dove tinha construído sua própria família, foi como se uma parte morta em mim, revivesse.

Uma parte que achei que nunca mais encontraria.

Uma parte que eu evitei porque sabia que me faria querer voltar.

Não era mais só vazio – existia dor.

Uma dor profunda.

Uma dor que me enraivecia.

Estava à espreita, próximo à fazenda que tinha Saron escrito à frente. Talvez conseguisse ter alguma visão da irmã, ou até mesmo de alguns dos irmãos. Ou quem sabe, da própria sobrinha. Eu tinha uma sobrinha agora, e ela não sabia que eu existia.

Eu sequer existia, certo?

Foi então que um carro parou e o reconheci de imediato.

Tudo dentro de mim se remexendo, e de repente, paralisei.

Como não reconhecer o gosto estranho para carros de Hari Park?

Porém, a visão que tive quando ela desceu dele, não foi o que imaginei. Nem perto de tudo o que imaginei ou esperei por seis anos.

Seis anos fugindo da imagem que me faria lembrar de que além do vazio, a dor ainda existia.

A voz de Hari soou antes.

A voz que tinha em meus sonhos.

A voz que ainda permanecia em meus pensamentos.

— Cuidado!

Foi então que vi um garotinho quase se jogando para fora do carro, e fiquei estático.

— *Omma*^[24]! — o garotinho reclamou em coreano, e algo se remoeu dentro de mim.

— O que eu disse sobre pular desse jeito, Kalel?

Ele tinha...

Ele tinha *meu* nome.

Tudo em mim paralisou naquele instante.

A última pista que Vincenzo deixou em minha mente, como se confundindo por completo, mas esclarecendo tudo.

Eu tinha um filho?



“Então, eu espiei pela janela

Um portal profundo, uma viagem no tempo

Todo o amor que desvendamos

E toda a vida que eu dei”[\[25\]](#)

KALEL

Mesmo antes, eu sabia da força que a presença dela tinha sobre mim. E agora estava eu, terminando um curativo no hospital, na cidade que sabia que tinha sua praia favorita e onde ela comprou sua casa no passado, e que mais tarde, eu encararia novamente as ondas se quebrando. As ondas que ela adorava.

Era estranho pensar que tinha me machucado justamente nas pedras em que assistia as ondas virem, por todos aqueles anos. Era um corte profundo, bem próximo a meu pulso, o que me causou um momento de quase pane completa. Porém, consegui usar a jaqueta para tampá-lo e pegar um táxi até o hospital.

De todas as feridas que eu poderia cuidar sozinho, aquela, era uma das únicas que me mostraram que eu ainda era eu. Que ainda sentia parte do meu passado me prendendo, mesmo que ele estivesse morto.

Além de que, me machucar naquela praia, me fez pensar novamente em Hari. Seria uma vingança da própria praia dela para comigo?

Fazia-me pensar sobre dobras no tempo.

Se alguma delas acontecesse, talvez em uma das sessenta e seis vezes em que estive ali, na ponta da praia assistindo ao nascer e na grande maioria das vezes o pôr do sol, ela também estivesse.

O mais perto que cheguei de estar próximo dela.

Mas era apenas o “e se” de toda a situação, que eu não podia encarar.

E se ela estivesse assistindo ao pôr do sol todas as vezes que eu o fazia?

E se e ela o fizesse, com o filho que carregava o meu nome?

Minha mente ainda rondava por aquilo. No primeiro momento, tudo o que consegui pensar foi em pesquisar absolutamente tudo que ignorei sobre a vida de Hari durante os anos que passaram. No segundo, eu tive medo.

Medo de que ela fosse feliz, com outro alguém. Mesmo que eu não tivesse direito algum de me sentir assim. Porém, nesse ponto da minha vida, o que poderia ser coerente de fato? O que era coerente para uma pessoa que deveria estar morta?

No terceiro momento, eu fui à praia, e acabei me machucando, parando em corredores cinza enquanto deveria voltar para casa. Ou o lugar que eu apenas tentava dormir, quando estava por ali.

— Ele está comendo mais frutas, e legumes ainda é uma pequena luta, mas... estamos melhorando.

O sotaque nas palavras.

A voz que eu reconheceria, mesmo que entre milhares.

— Só preciso atender essa ligação e já volto, ok?

Foi quando a porta ao meu lado se abriu, e fiquei paralisado, encarando-a passar à minha frente, um olhar tão rápido que sequer tive qualquer chance de captá-la por completo. Vi-a virar o corredor e não

sabia para onde ia, enquanto eu encarava os rastros da mulher que eu não persegui, por todo aquele tempo.

Eu poderia fazê-lo agora?

Quando pensei em apenas segui-la, uma risadinha infantil me fez travar.

— A mamãe vai atender a titia Dove, eu acho — ele falou, um pouco enrolado, e então seus pequenos olhos encontraram os meus.

Eu me vi nele.

Eu me vi por completo quando ainda criança, nos olhos idênticos aos meus.

Não tinha...

Não tinha como ele não ser meu, certo?

— Oi — falei, saindo em coreano, sem que eu sequer pudesse raciocinar.

Ele sorriu animado e fez uma saudação em noventa graus, de forma respeitosa.

— O senhor é coreano? — perguntou, claramente empolgado, olhando-me de cima a baixo.

— Sim, eu... Eu sou. — Engoli em seco, vendo-o pular no banco que só agora notei que tinha ao lado da porta, bem no corredor. — E

você?

— Nasci no Brasil, mas todos meus titios, e minha mamãe são sul- coreanos. — Sorriu abertamente. — Acho que meu papai também é sul-coreano.

Levei uma das mãos à boca, como se tentando respirar novamente.

— O senhor está bem? — a pergunta veio em português, do homem que estava encostado na porta, vestindo um jaleco branco, encarando-os. Ele deveria ser o médico? — Quer se sentar, senhor...

— Kalel — respondi, e então os olhos do garotinho à minha frente brilharam.

Era a primeira vez, em quase seis anos que eu dizia meu nome em voz alta.

Era a primeira vez, em todo aquele tempo, que eu sentia que estava vivo de novo.

— Eu também tenho esse nome.

O garotinho falou em coreano, e usei todo meu autocontrole para não desabar. O que eu poderia dizer? O que eu poderia fazer?

Eu era o pai dele.

Agora eu tinha completa certeza.

Os traços e trejeitos eram claros. Mais do que qualquer outra coisa na minha vida. Nada me pareceu tão certo do que estar ali, naquele momento, olhando para ele.

Era o momento em que eu descobria, definitivamente, que tinha um filho.

Um filho que não sabia quem eu era.

Um filho para quem eu não estive presente por quase seis anos.

Um filho com a mulher que me amou, e que eu deixei para trás... e que agora sabia, a deixei grávida.

PARTE II

“Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca precisei de você como preciso agora

Eu nunca te odiei como odeio agora

Porque tudo que você sempre faz é me fazer

Chorar”

Make me (cry) – Noah Cyrus feat Labyrinth



“Se há clareza na morte, então por que isso não morre?”

Anos demolindo nossos estandartes, você e eu

Vivendo pela adrenalina de te atingir onde dói”^[26]

HARI

Seis anos.

Seis anos tinham se passado.

A sensação que tomou conta do meu corpo.

A qual, mesmo que negasse a mim mesma, eu tanto quis sentir novamente. Mas que agora, vinha acompanhada de toda mágoa e dor que eram dele. Apenas dele.

Respirei fundo algumas vezes, agarrada à pia do pequeno banheiro daquele hospital. A dor gritando pelas cicatrizes que deveriam estar fechadas. Não estavam. Ou acabaram de se abrir.

— Pequena, liguei porque precisava saber como Jae est...

— Unnie... — cortei-a, porque não conseguiria falar de outra coisa. Não naquele instante.

Era ele.

Eu mal o vi, mas sabia.

Eu sentia, depois de todo aquele tempo.

— O que houve, pequena? — O tom de voz de Dove, no outro lado da linha era claramente preocupado. — Algo com Jae?

— Ele está bem, só... Só vim fazer o checkup mensal no hospital, já que é o dia que tem vários médicos especialistas por aqui e... — Eu estava enrolando, enquanto minha mente se nublava. — Tem algo a me dizer sobre a cidade que moro, Unnie?

— Mas...

De repente, ela se calou.

— Eu disse a Vincenzo que uma hora ou outra, você precisaria saber. — Soltei o ar com força. — Mas pediu para que nunca lhe contasse sobre Kael.

— Me conte agora — pedi, olhando rapidamente meu relógio e sabendo que faltavam apenas três minutos para que Jae fosse liberado. — O que puder, em três minutos.

— Ele sempre vai a essa cidade, pelo menos, uma vez por mês. — Senti a dor em cada palavra dela. — Ele vai à praia, e fica perto das pedras, sempre. Ele nunca passa perto de sua casa e parece evitar o caminho. Porém, tem esse padrão, de que ele sempre poderá aparecer.

— O que mais, Unnie?

— Chae disse que percebeu uma movimentação estranha perto da minha fazenda quando foi conhecer Saron e Flávio e levou Jae também... — tentei pensar sobre aquele dia, e minha mente voou.

Era como se eu me sentisse vigiada, mas a sensação era familiar, porque estava na nova casa da minha irmã mais velha, que era a segunda no poder dos Kang, então, existiam olhos e ouvidos por todos os cantos do lugar. Não tinha como ser ele. *Então era?*

— Ele estava lá?

— Possivelmente. — Fechei os olhos com força. — Kalel apareceu esporadicamente ao longo dos anos, visitando um a um de nós.

— Ele sabe sobre Jae?

— Ele nunca foi te visitar, pequena. — Encarei meu reflexo no espelho, e a dor gritou em todo meu ser. — Então, acreditamos que ele não sabe.

— Obrigada, Unnie. — Engoli em seco, e tentei me recompor. — Obrigada.

— Pequena, eu...

— Não sinta muito por algo que não fez, Unnie. — Neguei com a cabeça. — Era o que eu precisava ouvir, para deixar que a raiva seja maior que a dor.

— Como uma Kang?

— Como uma Kang, irmã.

Desliguei meu ponto e encarei meu relógio rapidamente. Faltavam apenas vinte segundos. Caminhei para fora do banheiro, e fui em direção ao corredor da sala onde Jae estava. No segundo em que cheguei, meu corpo todo paralisou, ao ver a figura toda de preto, agachada à frente de Jae.

A figura do homem que eu um dia amei e que de repente, sequer conseguia reconhecer.

— É bom ouvir alguém que sabe coreano.

O tom de voz me acertou por inteira, e tive que usar tudo o que aprendi como uma Kang, para não desabar ali mesmo. Por anos eu imaginei e repensei como seria vê-lo novamente. Porém, nada me preparava para o fato de que ele ainda estava vivo, e que aparecia bem ali, à minha frente. À frente do nosso filho.

— Minha mãe me ensina as duas línguas — Jae falou animado, e sorriu para ele, sentado na parte de espera, com Luís ao seu lado. Luís que assistia a cena, claramente curioso. — Omma!

Sorri para meu filho e segui até ele, ignorando por completo o olhar que eu sabia que recebia. O olhar que eu tanto busquei por mais de dez anos, mas que agora parecia apenas machucar.

— Tive que fazer uma ligação, Luís — avisei-o, e ele assentiu.

— Pensei que fosse algum parente seu, então, não achei problema de conversar com Jae.

— Não o conheço, na verdade — falei, ainda encarando meu amigo, enquanto Jae vinha com um sorriso para perto de mim. — Podemos ir?

— Sim, e qualquer coisa...

— Mamãe, sabia que o moço fala coreano e que tem o nome igual ao meu? — a pergunta de meu filho me fez levantar o olhar para Kalel. E

finalmente, encará-lo de frente.

Olhos que antes eram estrelados pareciam sem qualquer vida. Mesmo assim, por trás do que parecia dor, eu vi a sua curiosidade. Eu conseguia ver o sorriso em seu rosto, que estava no canto da boca. Cabelos longos, presos no alto da cabeça, e uma barba aparada. As roupas pretas escondiam quase tudo de si, mas era claro que ele ficou ainda mais musculoso ao longo dos anos.

— Coincidências — falei simplesmente dando de ombros e segurei a mão de Jae com carinho. — Eu sou Hari Kang, e você?

Notei o olhar de Kalel se modificar, e ele pareceu quase se perder.

— Kalel — respondeu, e notei que acertei em um ponto que ele não esperava. — Apenas Kalel.

— Eu sou Jae Kalel Park Kang — meu filho falou animado, e virei-me para ele. — Estou com fome, omma. — Reclamou baixinho, em coreano, como se fosse um segredo.

— Vamos para casa. — Pisquei um olho para ele. — Obrigada por hoje, Luís.

— Sempre que precisar, querida.

Sorri para meu amigo e não voltei meu olhar para Kalel. Sequer sabia se conseguiria olhar para ele novamente, sem deixar que toda a ira

ou dor tomassem conta do meu corpo. Então optei pelo correto – sair dali, e ir para longe com meu filho.

KALEL

Eu não sabia o que estava fazendo, mas eu tinha certeza para onde estava indo.

Fui para aquela praia.

Parei à beira das pedras, e sabia que o caminho que deveria seguir, era na direção oposta. Perto da casa dela. Onde agora eu sabia, que ela vivia, e que nosso filho também.

Eu tinha... tinha um filho.

Caí de joelhos, a areia se espatifando em meus joelhos e minhas mãos na cabeça. Como se por um momento eu não soubesse como ir para perto novamente. Como se toda a culpa caísse sobre mim, e eu mal soubesse por onde começar.

Como recomeçar?

Como eu conseguiria ser o pai de alguém?

— Descobriu, não foi?

A voz de Vincenzo perto de mim, fez-me levantar o olhar e ele trazia um guarda-chuva consigo. Eu mal notei que caía uma leve garoa, de tão longe que minha mente estava.

— Por que agora, hyung?

Por que ele estava ali, aparecendo à minha frente daquela maneira depois de todo aquele tempo?

— Porque sabia que ia precisar de mim, que ia precisar de nós...
— desviei o olhar, sabendo que eu não merecia aquilo. — E nós sempre precisamos de você.

Voltei meu olhar para ele.

— Sei tudo o que fez nesses últimos anos. E todos que quiseram saber da nossa família, também sabem. — Eu sequer conseguia ficar de pé à frente dele. — Menos Hari.

— Por quê?

— Ela não quis saber, Kalel. — Aquilo despertou uma nova dor em meu peito. — Os Kang têm suas escolhas, e nós as respeitamos, sabe disso?

— E por que apareceu para mim, agora?

— Porque você encontrou Jae — respondeu simplesmente, agachando-se e ficando na minha altura. — Jae é um presente para todos nós, Kalel. É um presente que você nem sabia que tinha, mas é parte de você.

— Eu não posso ser o pai dele. — Fui honesto, por mais que eu quisesse outra coisa. — Eu não posso simplesmente aparecer e querer ser o pai dele, hyung.

— Não é sobre poder algo, é sobre tentar. — Sua mão veio para o lóbulo da minha orelha esquerda, e fiquei incrédulo.

Como poderia?

Como meu irmão ainda poderia me amar, depois de tudo?

Depois de eu quebrar o coração de todos eles, e os deixar para trás?

— Se quiser saber como cada Kang se sente sobre o que fez, basta perguntar a cada um deles.

— Eu não posso voltar, hyung. — Uma lágrima desceu, tudo se misturando em meu interior.

— Você nunca se foi, Kalel. — Encarei-o ainda mais perdido. — Como um Kang?

E como da primeira vez que o vi, quando eu encontrei um irmão mais velho e um lar, tudo me acertou por inteiro. Meus braços foram ao redor dele, como se implorando por aquele abraço. E eu chorei, como uma criança.

Chorei por todas as minhas escolhas.

Chorei por todos aqueles anos.

Chorei pela realidade de agora.

Chorei pelo mal que causei a cada um deles.

Chorei por não ser digno, mas ainda querer ser.

Talvez tivéssemos ficado por horas ali, eu não sabia. Mas Vincenzo segurou cada lágrima minha, como se fosse sua.

— Então? — falou no momento em que meus soluços diminuíram, e meu choro começou a cessar.

— Como um Kang, hyung.

Notei o brilho em seus olhos, e ele tocou meu rosto.

— Bem-vindo de volta ao seu lar.

Não uma casa. Não um lugar para se esconder. Mas sim, o lugar onde você confia e era todo errado – o seu lar. E depois de seis anos, eu encarava nos olhos do meu irmão, que meu lar sempre esteve ali, olhando por mim, e eu, olhando para ele.



“Eu gostaria que não fosse quatro da manhã

Parada em frente ao espelho

Dizendo para mim mesma: Você sabe que tinha que fazer isso”^[27]

HARI

— Boa noite, gotinha — falei, beijando a testa de Jae, que já estava perdido em seu sono. — Eu te amo... — afastei a franja de seus olhos, e vi-o agarrar o ursinho que era seu favorito, desde quando começou a engatinhar.

Foram tantas fases.

Foram tantos momentos.

Caminhei para fora do quarto e fechei a porta, indo em direção à cozinha. Uma garrafa de vinho em minha mão, do mesmo sabor que eu tomava naquela noite, no passado.

Tudo voltando com um turbilhão.

Ele estava vivo.

E ele agora sabia que tinha um filho.

Ele tinha descoberto só agora? Era a pergunta que se passava em minha mente, e eu me segurava ao máximo, para não a fazer para qualquer um dos meus irmãos. Era claro que eles sabiam sobre Kalel, de alguma forma. E era óbvio que eu me mantive longe de tudo que era sobre ele.

Enchi a taça de vinho e fui para perto do meu piano, bebendo um longo gole antes de me sentar ali. Encarei a noite, a escuridão na praia que agora parecia ter a resposta. Ele estava ali? Ele estava ali o tempo todo?

Eu queria maldizê-lo de todas as formas, mas respirei fundo para não deixar que todo o ódio se apoderasse de mim. Fazia tanto tempo que eu pensei em alguma curva que a vida fez, que não sentiria mais nada. Nem mesmo a presença dele. Mas lá estava a sensação atormentadora de lar que ele me trazia. De uma história de amor.

Meu telefone tocou e fui rapidamente até ele para não acordar Jae. Encarei o nome de Baldur na tela, e trouxe-o para minha orelha.

— Como vai a mãe do garotinho mais lindo desse mundo?

— Esse cumprimento costumava ser só meu. — Provoquei, e poderia visualizar seu sorriso no canto da boca. — Meio da noite, me ligando?

— Um homem pode sonhar, princesa — rebateu, e eu ri, bebendo mais do meu vinho. — Só queria saber se posso visitá-los nos próximos dias.

— Por que o padrinho do meu filho precisaria me avisar sobre?

— Porque eu sou um ótimo padrinho, mesmo que não tão presente. — Revirei os olhos. — E aliás, acredito que a qualquer momento, algum dos meus irmãos vai me socar, pelo fato de Jae me chamar de dindo.

— Jae gosta de você, e eles morrem de ciúmes por isso.

— Jae tem bom gosto. — Revirei os olhos, porque Baldur sempre tinha uma piadinha para fazer, como um cafona irrecuperável. — Será apenas uma visita rápida, mas estou com saudade de Jae.

— Ele também comentou que o dindo não aparecia há um mês — falei, lembrando-me da reclamação de meu filho. — Boa sorte em

explicar o que fazia nesse meio tempo.

— Sempre posso falar que sou um homem de negócios.

— Ilegais... — complementei, provocando-o.

— Apenas diga que sentiu saudade de mim também. — Revirei os olhos.

— Você sabe que sim — rebati. — É o melhor padrinho que Jae poderia ter, mesmo sendo mafioso.

— Vou fingir que não ouvi a última parte. — Ri baixinho, e ouvi alguém chamar seu nome ao fundo. — O trabalho me chama, mas... A qualquer momento, estou disponível para vocês.

— Eu sei. — Sorri para o nada. — Obrigada por tudo, Baldur.

— Obrigado a você, Hari.

Ele desfez a ligação e eu encarei o celular por alguns segundos, sabendo o quanto ele se tornou uma parte da nossa vida. Não era como se imaginasse que Baldur Hansen seria o padrinho do meu filho, mas foi algo natural, que o próprio Jae acabou por escolher. Como eu iria contra?

Voltei para o piano, sentando-me ali, encarando as teclas.

— Seria tão mais fácil, se eu tivesse me apaixonado por outra pessoa... — suspirei fundo. — Se eu tivesse sentido tudo o que apenas ele conseguiu, nem que por um segundo, por qualquer outro alguém... Eu

teria entrado de cabeça, e esquecido tudo. Esquecido dele. E não estaria tão abalada, mesmo depois de tudo.

Eu falava sozinha para o piano ou talvez para o mar escondido pela noite, do outro lado do vidro.

O que viria a seguir?

O que seria a seguir?

Eu não sabia, mas eu esperava por qualquer coisa. Até pelo inesperado, de que Kalel aparecesse em minha casa, no meio da noite.

Mesmo que no fundo, eu já o tivesse avisado que ele apenas continuaria morto para nós. E no fundo, nada de mim o abalaria.

KALEL

— Esse é meu lugar favorito do mundo todo... — ela falou, girando pela sala vazia, mostrando as paredes de vidro.

— Não conheceu nem metade do mundo para dizer isso, querida.

— Por isso é o meu favorito. — Sorriu de lado, indo para perto da maior parede de vidro, e colocando as mãos sobre ela. — Não preciso conhecer mais nada para aqui ser o meu lugar.

Eu sabia que era o lugar dela.

Eu sabia por que eu o evitei por todos aqueles anos.

Ela sabia?

Ela sabia que eu estava vindo?

Eu deveria ter vindo?

Mesmo com o escuro do lado de fora e até de dentro, eu conseguia ver alguns pontos de luz quente pela casa, que mostravam quadros, e me vi indo diretamente para eles. Então era ali que eles estiveram por todo aquele tempo?

Minha mão foi diretamente para um dos quadros, onde Hari estava com a barriga grande, e sorria para a fotografia.

— Acha que aqui é um dos seus trabalhos?

A voz soou fria às minhas costas, e por um segundo, me indaguei como não percebi que ela estava naquela sala, comigo. Virei-me aos poucos, e fiquei ainda mais inerte, quando vi uma arma sendo apontada para o meu peito.

— Não vai aparecer na minha casa e do meu filho no meio da noite... — aquela era uma clara ordem.

— Ele também é meu filho, Hari.

— Seu? — ela riu de lado, a arma ainda pressionada sobre meu peito. — O que você fez para chegar a tal conclusão? — ela negou com a cabeça. — Você está morto, e deveria permanecer assim.

— Hari...

— Nunca mais apareça na minha casa sem ser convidado ou eu vou fazer ser real a sua história de seis anos atrás. — Ela então afastou a arma do meu peito, e deu passos atrás, ainda me encarando.

— Eu não sabia como aparecer ou...

— Não sabe bater na porta no horário comum? — rebateu, e a encarei perplexo. Parecia tão simples, ouvindo-o dizer algo assim. — Ah, claro, você morreu, então não pode aparecer querendo me visitar... — sua voz era tão fria, que me assustou. — Por que diabos está aqui, Kalel?

Nada de querido.

Nada parecido com a Hari que deixei para trás.

— Eu... Eu descobri sobre ele — falei com cuidado, e fazia tanto e tanto tempo que não me sentia acuado, que estava quase paralisando diante da situação.

— E?

— Eu...

— Vai voltar à vida e tentar ser um pai para ele? — ela riu de lado, do jeito que eu tanto conhecia, que ela fazia apenas quando sentia ódio. Ela tinha ódio por mim? Foi aquilo que causei em Hari? — Vincenzo, Chae e Jeon Oppa são ótimos com ele, pode ter certeza de que ele não sente falta de uma figura masculina.

E ali ela me acertou em cheio.

Eu sabia que eles eram melhores do que eu, mas ainda assim... O que eu estava tentando fazer?

— Continue fazendo o que faz de melhor — falou, guardando a arma na cintura. — Esqueça daqueles que te amam, e daqueles que um dia te amaram... — e eu então entendi, que ela estava na segunda opção. — Se esqueça de Jae.

— Eu voltei, Hari.

Vi a surpresa em seu rosto, pela pouca iluminação que pairava sobre ela.

— Que bom para um Kang. — Senti a dor em cada palavra dela. — Mas não muda nada para mim, e nem para meu filho.

— Só preciso de uma chance, eu juro que...

— Eu também precisava de uma, e adivinha? — seus passos foram em minha direção, parando bem próxima. — Você não me deu, nem a si mesmo. Por que acha que eu faria diferente de você?

— Porque você sempre foi melhor.

— Em me machucar em seu nome? — negou com a cabeça, afastando-se. — Isso, pode ter certeza, eu era. Mas hoje, eu sou mãe, e protejo meu filho de tudo que possa machucá-lo. E isso inclui, você.

— Eu não vou...

— Até quando?

Fiquei em silêncio, sem saber o que dizer. Eu não estava preparado em momento algum para o turbilhão que me acertou, bem ali, com ela.

Eu só conseguia pensar na falta que ela fazia. Na saudade que eu sentia. No que ela tinha de mim. Tudo que ela tinha de mim.

— Omma!

O chamado baixinho me fez paralisar.

— Vá embora, Kalel! — sua ordem era clara. — Agora!

E tudo o que pude fazer, foi respeitar sua vontade. Quebrando uma parte de mim pelo pedido dela. E pela primeira vez, em todos

aqueles anos, entendi parte da dor que ela sentia, toda vez que eu a colocava à margem.

Aquilo era se sentir morto, mesmo ainda vivo.

E eu deixava para trás, mesmo sem querer, a mulher que me amou. E que agora claramente me odiava.



“Eu fiz de você meu templo, meu mural, meu céu

Agora estou implorando por notas de rodapé na história da sua vida

Desenhando corações na assinatura

Sempre ocupando espaço ou tempo demais”^[28]

KALEL

Eu não sabia por onde começar.

Mas sabia que tinha que começar de algum lugar.

Era uma cidade pequena, tão pequena que foi fácil descobrir em qual escola Jae estudava. Jae... Era um nome tão bonito. Suspirei fundo, encarando a parede de tijolinhos parecendo quase que um fantasma

parado ali. A ansiedade tomava conta do meu ser, de como seria olhar para ele, tendo toda atenção e a certeza de que era meu filho.

Além de que, eu poderia olhar para Hari novamente.

Levei um cigarro à boca, tentando me acalmar. Não sentia euforia por algo há muito tempo. A realidade era que não me recordava, da última vez que estive animado por alguma coisa. E de repente, eu não pensava mais em nada, que não fossem eles.

Eu sabia do porquê fiquei longe de Hari por todos aqueles anos.

E agora, sabia que poderia ser anda mais massacrador se a visse antes.

Porém, como eu poderia consertar as coisas?

Existia algum jeito de ela me ouvir ou querer, quem sabe, me deixar falar por alguns segundos?

Joguei o cigarro no chão e pisei em cima, passando as mãos pela nuca. Mantinha em mente o que Vincenzo falou. Não era sobre poder, era sobre querer. Porém, até que ponto eu poderia querer Hari de volta?

Uma sensação se espalhou por todo meu corpo como se me alertando de que ela estava se aproximando e antes mesmo que eu pudesse me virar e cumprimentá-la, sua voz me alcançou.

Como sempre, ela sabia o que dizer.

E eu, não sabia onde encontrar as palavras certas.

HARI

— O que faz à espreita na escola do meu filho? — perguntei, parando às suas costas, e colocando as minhas mãos dentro dos bolsos do casaco.

— Não sei o que fazer, Hari.

Sua confissão me pegou desprevenida. Quando seu olhar se virou para o meu, o vislumbre do homem que ele um dia foi parecia presente ali. Porém, não era como se eu pudesse reconhecê-lo.

— Sabe sim. — Respirei fundo. — Está tocado por que Dove construiu uma família? E agora está em busca de algo assim?

Seu olhar mudou por completo e eu dei um passo à frente, ficando bem próxima.

— Meu filho não é uma aposta para a felicidade de uma pessoa morta — falei, encarando-o. — Que isso fique bem claro.

— Eu não vou usá-lo — falou, como se fosse uma presa que foi atacada, e estivesse tentando reagir. — Eu jamais faria isso.

— É mesmo? — a pergunta soou tão amargurada, quanto o que carregava dentro de mim. — Há em minha memória a passagem de que é ótimo em usar pessoas.

— Hari, nós precisamos conversar — falou, aproximando-se com um passo, e eu permaneci no lugar.

Não era como se a proximidade de Kalel Kang ainda não me afetasse. Ela ainda o fazia. O que era um grande infelizmente em minha vida.

Mas eu não era mais a garota que corava e sorria feito boba quando ele o fazia ou imaginava tantos cenários diversos, sobre como seria se ele fosse como um mocinho de livro.

Ele não o era.

Eu não tinha qualquer vocação para ser a protagonista.

— É o que eu esperava, seis anos atrás, quando acordei e em vez de te ver encontrei seu relógio e recebi uma ligação de Dove sobre você ter morrido. — Forcei um sorriso. — Eu devia ter te escutado... De que não éramos para ser.

— Omma!

E ali estava a razão para que eu não me arrependesse de ter ignorado o que sentia por Kalel anos atrás. Virei-me para meu filho, que corria em minha direção, e notei o homem ao meu lado ficar apenas estático.

— Como foi o dia, pequeno? — perguntei, abaixando-me, e tocando seus cabelos.

Ele tinha o nome de Kalel.

Ele carregava o mesmo olhar que o dele.

Por mais que quisesse varrer tudo o que existia daquele homem de minha vida, era simplesmente impossível. Porque uma parte de Kalel sempre estaria comigo, em nosso filho. Porém, era uma parte verdadeira, aquela a grande diferença;

— Ele é seu amigo, mamãe? — perguntou em português, e eu neguei com a cabeça.

— Nem perto disso. — Fui honesta e me levantei segurando a mão do meu filho. — Até nunca, senhor.

Vi o momento em que meu filho encarou o homem à sua frente, como se curioso, e sabia que era algo que eu não conseguiria controlar. Em que momento eu poderia contar para que Kalel apenas desaparecesse de minha vida de novo? Por que ele não desaparecia logo?

— Eu sou Kalel, do hospital!

Meu filho parou e se virou para olhar sobre o ombro.

Jogo baixo.

Jogo muito baixo.

— Ah, o senhor está sem barba. — meu filho respondeu animado.

— Kalel! — falei, encarando meu filho, que parou de falar e voltou sua atenção para mim. — Pode esperar a mamãe no parquinho aqui perto?

— Mas mamãe...

— Só cinco minutos, por favor — pedi, segurando suas mãos e ele assentiu, mesmo que contrariado. — Obrigada, querido.

Ele ainda deu um leve tchauzinho para o homem parado a passos de nós, que sorriu e fez o mesmo.

Eu não imaginava que pudesse ver um sorriso de Kalel Kang tão cedo.

— O que quer com isso? — aproximei-me, segurando-me para não perder a cabeça. — O que quer com toda essa insistência?

— Ser um pai para o meu filho, Hari.

Sua expressão era de completa sinceridade, mas então por que eu não conseguia acreditar em nada? Absolutamente nada.

— É tão simples assim? — indaguei, falando em coreano. — Morrer, abandonar a própria família, reaparecer seis anos depois, descobrir um filho e ser o melhor pai do mundo?

— Não é simples, eu sei, mas... Pode me culpar por tentar?

— Posso te culpar por muitas coisas — a voz soou cortante de minha boca. — Sabe como descobri que estava grávida? — indaguei, pensando que se fosse para jogar sujo, que ambos o fizéssemos. — Eu estava interrogando a mulher que você amava e te traiu... Mas de alguma maneira, eu passei mal e foi um de nossos irmãos que me segurou para que não desabasse no chão. É o que me lembro, antes de acordar no meu quarto, após sonhar que estava grávida.

— Hari...

— Eu não tinha feito nenhum teste, nem mesmo a família pensou que seria, mas eu senti... Senti lá no fundo. — Engoli em seco, tentando permanecer indiferente. — Mas ainda estava em negação, mesmo que eu tivesse descoberto meu sexto sentido de mãe ali. Mas eu fiz o teste, e o positivo veio com um grito de dor, ao mesmo tempo que de felicidade.

— Hari, por favor...

— Por favor, o quê? — olhei-o profundamente. — O que quer que eu faça? Sorria? Dance? Cante para você? — neguei com a cabeça.

— Você matou a Hari que eu costumava ser, Kalel. Ela morreu junto ao Kalel que eu amava, mesmo que não merecesse.

Notei uma lágrima descer por seu rosto, e tudo dentro de mim se revirou, porque não esperava qualquer reação do mesmo.

— Eu te pedi muitas coisas quando ainda éramos jovens, e eu, uma boba apaixonada, mas você não correspondeu a nenhuma delas... Pode fazer isso agora?

— O que quer de mim, Hari? — era uma pergunta tão quebrada, que quase me fez parar.

— Que permaneça morto.



“Porque você nunca foi meu

Nunca foi meu

Mas você se lembra?”^[29]

HARI

— Ele parece ser legal, mamãe.

Rita se virou para mim, enquanto eu tentava entender de quem Jae falava. Minha mente um pouco fora de órbita, ao encontrar, quem menos esperava, do lado de fora da escola do meu filho.

— Quem, gotinha?

— Kalel.

Nunca pensei, que depois de dar aquele nome ao meu filho, de repente, ele se tornaria esmagador. Mas o era, porque não se tratava de Jae.

— Menina Hari...

Rita segurou minhas mãos, fechando a torneira, e só então notei que me perdi completamente, quando deveria estar enchendo uma garrafa de água.

— Desculpe, eu... — soltei o ar com força. — Por que acha que ele é legal, filho?

— Porque ele tem um nome legal como o meu.

Suspirei fundo, e Rita me lançou um olhar preocupado, mas que ao mesmo tempo dizia: você consegue.

— Nunca pensei, que além do papai, alguém teria esse nome. — E ali estavam as questões que eu não queria levantar, mas mesmo que inconscientemente, Kalel o fez.

Como eu diria a Jae?

Como eu contaria a verdade para ele?

Eu deveria contar?

As perguntas me levavam para onde eu não gostaria: a ter uma conversa com Kalel.

Porque não era somente sobre nós. Há muito tempo, quando ele simplesmente me abandonou, tudo deixou de ser apenas sobre nós. Era sobre o meu filho. Era sobre não machucar a pessoa mais preciosa do mundo para mim.

— Lembra do que eu disse sobre o seu pai, certo?

— Que ele podia ser uma estrelinha ou uma gotinha do mar, como eu. — Meu filho sorriu. — Mas que só ia saber, quando fosse maior.

Sorri pra ele, e beijei sua testa. Eu não sabia como, mas Jae era um ótimo entendedor. Segundo meus irmãos, ele tinha puxado a mim. Ele simplesmente confiava e entendia o que eu dizia, sem questionar, na maioria das vezes. E eu sempre me preparei para qualquer questionamento.

Contudo, e se ele perguntasse, agora, se o homem que conheceu, que coincidentemente tem o mesmo nome que ele, era seu pai?

— Sabe que pode me perguntar qualquer coisa, não é? — ele assentiu, enquanto comia seus morangos, claramente não pensando tão profundamente quanto eu.

— Ritinha... — fui até ela, que estava encostada contra os armários. — Eu preciso resolver uma coisa, hoje ainda.

— Vai voltar tarde, menina?

— Só vou ficar fora o suficiente, mas...

— Eu fico com Jae...

— Vamos ver Moana, dinda? — meu filho indagou animado, e ela sorriu para ele. — Estamos assistindo até decorar as músicas em inglês, português e coreano.

Olhei para Rita, que apenas sorria. Algo em Jae, parecia deixá-la ainda mais viva, e eu era grata pela pessoa incrível que Vincenzo colocou em nossas vidas, e que não tinha como não ser a madrinha de meu filho.

— Eu volto logo, mas sabe que pode me ligar, a qualquer momento, certo? — perguntei, parando à frente de Jae, que assentiu. — Cuide bem da sua dinda, e não a deixe tomar refrigerante.

— A diabetes não deixa, dinda.

— Isso é um complô. — Ela semicerrou os olhos, aproximando-se de mim. — Vou te levar à porta, menina.

Suspirei profundamente, e quando ia me virar para ela, para explicar o mínimo, ela me abraçou. Quebrou minhas barreiras ali, e aceitei seus braços.

— Seu coração é tão grande, que eu sempre tenho medo de que ele possa ser quebrado, menina — falou, afastando-se no segundo

seguinte. — Se tem algo que você e o menino Vincenzo têm em comum, é isso.

— Vou voltar com ele intacto. — Forcei um sorriso. — Fighting! — falei, levantando os braços, e ela sorriu, repetindo a fala.

Toquei meu ponto, enquanto caminhava pelo calçadão que ficava em frente à minha casa, e logo saí do mesmo, colocando os pés na areia. O mar parecia agitado, o sol terminando seu dia, e eu esperei a resposta de Chae, do outro lado da linha.

— Como vai a rainha dos mares?

— Preciso de um favor, Chae. — Suspirei fundo. — Pode me dizer onde Kalel está?

O silêncio durou um minuto do outro lado da linha.

— Tem certeza disso, irmã?

Eu tinha?

Talvez nunca tivesse.

Mas por Jae, eu precisava ter.

— Por favor — pedi, e esperei por alguns segundos.

— Vincenzo deixou um rastreador com ele novamente, então posso te dar com precisão... — ouvi seu suspiro profundo do outro lado da linha. — Ele está do outro lado da praia, Hari.

— Dessa praia? — indaguei confusa.

— Sim. — O tom dele parecia desconfiado. — Nem acredito que estou dizendo isso, mas... tome cuidado, ok?

— Como uma Kang, irmão. — Sorri para o nada, pensando em como Kalel estava mais perto do que nunca. — Obrigada.

— Sempre que precisar.

Desfiz a ligação, e comecei a andar em direção às pedras, no fim da praia. Eram alguns quilômetros, mas nada desgastante, e a cada passo que eu dava, uma barreira se erguia em meu peito.

Era apenas sobre Jae.

Apenas sobre o meu filho.

Fechei os olhos por alguns segundos, e respirei fundo, parando para sentir os últimos raios solares tocarem minha pele. Quando voltei a abri-los, sua voz me alcançou.

A voz que eu reconheceria em qualquer lugar.

E pela primeira vez, desde que o encarei, eu quis chorar por tudo o que não fomos. E por tudo o que poderíamos ter sido.

KALEL

— Querida?

Eu deveria estar alucinando.

Eu tinha bebido um pouco, mas não o suficiente para esquecê-la, como sempre. Porém, também não era o suficiente para que pudesse visualizá-la por completo, na minha frente, naquele lado da praia.

— Hari. — Corrigiu-me, seu tom nada ameno, e um olhar firme.

— Precisamos conversar sobre Jae.

Um sorriso veio para o meu rosto no mesmo instante. Porém, no segundo seguinte, se desfez. Se ela veio até mim, poderia não ser algo bom.

— Ele está bem? Aconteceu alguma coisa? Eu...

— Ele está bem e em casa, com a madrinha dele — cortou-me, cruzando os braços e seu olhar preso ao meu. — Eu preciso saber o que quer com tudo isso.

— Isso...?

— Aparecer na minha casa, ir à frente da escola dele, estar aqui na praia... O que quer com meu filho, Kalel?

— Eu... — suspirei fundo, engolindo em seco. — Eu cometi muitos erros na minha vida, Hari. E não quero que meu filho ache que foi um deles.

— Sem enigmas ou metáforas, direto ao ponto — ela falou, como se já cansada de estar ali. — Vou ser direta: não vai poder simplesmente decidir que não quer mais ser pai, se ele souber que você está vivo. É para sempre, Kalel. Não vem com um botão de desliga, e você some. Não vou deixar, de forma alguma, que quebre o coração do meu filho.

Era claro que ela não ia deixar que eu fizesse, o que fiz com ela. E tudo o que queria poder fazer, era pedir-lhe perdão.

— Eu sinto muito. — Fui honesto, e notei seu olhar mudar. — Sinto muito que tenha tamanho medo de que eu machuque algo tão precioso. — Então ela parecia surpresa, e por um segundo, foi como se eu a reconhecesse. — Eu tenho muitas coisas a dizer, muitas coisas a pedir, e outras mais a explicar. Mas no meio disso tudo, queria que soubesse, que desde o momento em que vi vocês no hospital, eu só consegui pensar nisso. Nada mais.

— E então? — indagou como se buscando a certeza, que eu duvidava que pudesse lhe entregar, e ela confiaria. — Preciso que prometa, Kalel.

Meu nome em sua boca, era como se bênçãos recaíssem sobre mim.

— Eu prometo que vou fazer de tudo para que nosso filho seja feliz, Hari.

Ela pareceu pensar, e negou com a cabeça em seguida, o que me deixou confuso.

— Vai ter sua chance de estar perto dele — falou, e meu coração se encheu de algo que não conseguia explicar. — Aos poucos para que ele não desconfiasse de nada.

— Obrigado. — Foi tudo o que consegui dizer. — Sei que não mereço, nem que olhe para mim, Hari, mas... obrigado por isso.

— Não por mim, mas por ele. — Deixou bem claro. — Ele quer começar a aprender a lutar, algo livre mesmo, para a idade dele... Chae tinha se candidatado, mas com a correria do trabalho, não pôde aparecer. Então, pode ser que assim comece a se conectar com ele.

Assenti, um sorriso se abrindo em meu rosto.

A lua cheia acima de nós, e eu fiquei perplexo pelos cabelos descoloridos de Hari, que agora não tinham cor alguma, mas que mesmo assim, combinavam tanto com ela. Ela sempre foi bonita, e eu sempre soube. Mas seria mentira dizer que nada mudou naquela noite.

— Quando eu começo?

— Quando você pode? — indagou, como se tentando descobrir algo.

— Eu não vou mais fazer o que fazia, Hari — expliquei, notando seu olhar interrogativo. — Quer dizer, somente se for extremamente necessário.

Apenas se eu tiver que torturar e matar meio mundo para te proteger. Eu o farei, sem pensar duas vezes.

— Bom, então é um desempregado? — sua pergunta me pegou desprevenido. — Vou pagar pelas aulas de Jae, para que fique justo.

— Não precisa...

— O que é certo é certo — cortou-me. — E para deixar claro, eu não estou na máfia há seis anos, e esse assunto não chega até Jae, de forma alguma. Ele sabe das empresas fachadas dos tios, e só. Nada mais.

Eu só soube assentir, notando que ela se protegia e protegia nosso filho a cada novo segundo.

— Então é isso. — Suspirou fundo. — Tem algum telefone?

Fui tentar ser rápido, pegar o celular na bolsa da jaqueta e assim, ele caiu na areia e eu soltei um palavrão baixo. Quando me agachei para

pegar, talvez por puro impulso, Hari tentou pegá-lo também, e então, sua mão encostou na minha.

E depois de tantos anos atropelados, sem respirar fundo, eu senti todo meu mundo parar. Um toque dela, e tudo fazia sentido novamente.

Seu olhar encontrou o meu e ela se afastou no segundo seguinte, e eu senti falta do pouco que tive naquele momento.

Se ela soubesse...

Se ela soubesse o que realmente se passou em minha mente e meu peito, ela seria capaz de entender?

— Aqui. — Entreguei-lhe o telefone, e ela fez questão de pegar, sem que seus dedos se encostassem nos meus.

Eu causava algo tão ruim a ela?

— Pronto — falou, após digitar algo e me direcionou o aparelho.
— Marcamos essa semana, para começar.

Peguei o celular e sorri para ela.

Eu tinha sorrido naquele meio tempo, mais do que fiz em seis anos.

— Uma boa noite, Kaleb.

Vi-a se virar, e foi como se uma parte de mim se quebrasse, a cada passo que ela dava para longe.

— Hari...

Ela parou, encarando-me sobre o ombro como se apenas esperando.

— Obrigado. — Foi tudo o que eu poderia dizer, sem que estragasse tudo.

Sinto sua falta, não vá, era o que queria dizer, e guardei.

Guardei, porque a visão dela indo para longe, era melhor do que não ter visão alguma.



“Às vezes, no meio da noite

Eu posso te sentir de novo

Mas eu só sinto sua falta

E só queria que você fosse um homem melhor”^[30]

HARI

— Está em qualquer lugar, menos aqui.

Pisquei algumas vezes, encarando os papéis à minha frente, e pedi desculpas a Talita, que me encarava pela chamada de vídeo.

Eu tinha economias para o resto da vida, mas ainda assim não era como se pudesse ficar parada, apenas olhando para o mar. Na verdade, eu podia, porém, eu queria mais que aquilo.

Queria saber como era a vida normal. A vida que agora eu levava e que parecia ter vindo no momento certo. Desde que me tornei uma Kang, sabia que chegaria no ponto em que eu pararia, e apenas viveria a minha vida. Talvez até fizesse como Dove, de viver no nosso mundo, e mesmo assim ter sua família.

Porém, algo em mim mudou quando descobri sobre Jae. E talvez tudo tenha se transformado quando eu percebi que finalmente, o sentimento de vingança que eu sentia e que sempre me motivou a lutar pelos outros, era compartilhado com meus irmãos. E eles poderiam lutar por mim. E eu, lutaria por eles, a qualquer momento, se precisassem.

Eram escolhas a serem feitas, e dentre elas, ser uma mãe com um emprego normal, em uma casa bonita, e buscar meu filho na escola, era algo que poderia até ser monótono para algumas pessoas, mas para mim, era o paraíso.

— Acho que ainda não sabe — falei, e respirei fundo.

Talita era uma Kang, mas assim como eu escolhi não criar Jae na máfia, seus pais fizeram o mesmo. Ela era a mais nova de nós, que seguia sua vida comum, desde sempre. Mesmo com toda a proteção que ela tinha, ela nunca chegou perto de um por cento do que nós fazíamos.

— Odeio quando vocês parecem saber de tudo, e eu nada. —
Reclamou, e eu sorri. — O que tirou sua atenção dessas joias lindas que
estou mostrando, Unnie?

— Kalel — respondi simplesmente, ainda voltando a entender
como era chamar pelo seu nome.

— Ele está bem? O que houve com...

— Não o nosso Jae. — Sorri para ela, notando sua preocupação.
— Kalel Kang, que morreu há seis anos.

— Ele...

— Ele apareceu novamente e sabe sobre Jae agora.

Seu olhar estava arregalado e ela claramente estava incrédula.

— Eu nunca vou entender esse negócio da máfia. — Negou com
a cabeça. — Como ele morre e aparece vivo?

— Não posso te explicar sobre isso. — Fui honesta, porque ela
não deveria estar envolvida naquilo. — Apenas gostaria que soubesse da
real razão de eu estar tão aérea.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, como se pensando.

— Ainda o ama, Unnie?

Fiquei em choque, porque esperava por qualquer coisa, menos
uma pergunta tão direta.

— Assim, não precisa me responder, mas... Talvez precise responder para si — comentou, dando de ombros. — De alguém que passou dezesseis anos odiando o ex-melhor amigo, para acabar em um casamento por contrato e se apaixonar por ele novamente... Sei que não é fácil, Unnie. A gente se julga.

— Eu só consigo pensar e me preocupar com Jae agora. — Fui sincera. — Só me preocupo com o coração do meu filho.

— Bom, esse ponto não é o que tive que enfrentar, mas... — fez uma careta. — Não consegui ver Kalel Oppa o machucando, para ser sincera.

— É o que espero. — Suspirei fundo.

— Vamos remarcar a reunião e vemos tudo sobre o marketing para daqui a duas semanas, pode ser?

— Não precisa...

— Qual é, Unnie? — piscou um olho. — Sei quando precisa do seu vinho e seu piano.

Sorri para ela, sabendo que construímos aquela proximidade e fraternidade no decorrer daqueles seis anos.

— Obrigada por isso, Talita.

— Eu que agradeço sempre, por ser parte da minha família.

Mandou um beijo, desfazendo a chamada por vídeo, no segundo seguinte. Encarei a tela sem nada, e a fechei. Era tarde, e eu estava naquele ciclo de encarar a realidade ou deixar passar. Porém, vi-me caminhando até meu quarto. Olhei para a caixa colocada sobre o armário, e puxei-a, trazendo-a para perto.

“Para que ele saiba que você é um sonho que ele deveria viver.” Foi a nota que escrevi, e sabia que foi no momento em que comecei a montar aquela caixa. Jae depois que começou a desenhar e escrever, também tinha suas contribuições para ela.

Abri-a e encarei os cartões de memória, as fotos reveladas, e as cartinhas de meu filho. Todas elas tinham um destino: Kalel. Não sabia se foi a ideia mais inteligente, ou mais burra que tive, porém, eu encarava como uma forma, de não deixar que uma parte que Jae sempre buscou, se desfizesse.

Mesmo que Kalel nunca pudesse vê-las, um dia, eu diria a Jae, que fizemos nosso melhor para que ele o fizesse. E se não fosse possível, elas seriam entregues ao meu próprio filho, porque eram sobre ele. Tudo sobre ele.

— Por que voltar e tirar toda minha paz, Kalel? — perguntei para o nada, fechando os olhos.

E toda vez, era como se eu fosse transportada para quando tudo era mais simples. Pelo menos, era como eu definia as coisas, naquela época. Até mesmo, quando ele me deixou, ainda era simples. Porque a dor, a raiva, o repúdio, era tudo tão recente, que não me permitia pensar. E agora?

Agora era diferente.

Era uma mistura de quem eu fui, para quem eu me tornei, e para quem eu era de fato... Não sabia o que esperar do que viria, mas sabia que precisava deixar acontecer, pelas lembranças que Jae colecionava, e pelo melhor que eu queria para ele.

E se existisse ainda um por cento do Kalel pelo qual me apaixonei, eu sabia que ele seria bom para Jae.

KALEL

Dove Kang era uma parte de mim, que mesmo com todo aquele tempo, permaneceu intacta. Nós entramos naquela vida nova, juntos.

Ambos fugindo de seus cativeiros, lutando para sobreviver e esbarrando um no outro. Com os Kang para nos salvar no fim do dia.

Olhando para o seu telefone em meu celular, suspirei fundo, pensando no que deveria dizer ou como me explicar, mas tudo ficava branco. Eu sabia que deixei para trás, vários corações quebrados, e principalmente, o dos meus irmãos. E de todos eles, Dove era a mais próxima. Eu estava feliz, por saber que ela estava feliz. E eu sempre quis que ela sentisse orgulho de mim.

Cliquei em tocar e deixei no viva-voz, esperando.

Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa-posta...

Segurei o celular e cancelei a ligação, sabendo que ela poderia estar trabalhando. Não era como se tudo mudasse, apenas porque Vincenzo me colocou de volta. O fato que talvez ele nunca tivesse me deixado ir.

Batidas na porta do quarto que alugava, sempre que estava na cidade, fizeram-me paralisar. Andei até ele, por um segundo, sem saber o que esperar, porém quando abri a mesma, dei de cara com a pessoa para quem eu tentava ligar.

Minha irmã.

— Apenas uma tentativa?

— Dove...

— Só não diz nada — pediu, e meus olhos se encheram de lágrimas.

Ela era mais velha do que eu, e a pessoa que sempre segurou todas as minhas fases. Das mais fáceis, às mais difíceis. Porém, naqueles seis anos, eu tive que fazer sozinho, e vê-la de novo, trazia à tona a parte de mim, que sempre pediu por cuidado. E que de alguma forma, tentou cuidar deles. De todos eles.

Seus braços vieram para os meus, apertando-me com força, e eu quase desabei.

— Quem mandou colocar nas costas uma culpa que não é sua? — afastou-se, e me encarou. — Quem mandou tentar consertar o que não precisava?

— Dove, eu precisa...

— Nós precisávamos de você — falou, e notei a mágoa em cada palavra. — Eu precisava, Kalel.

— Eu sei, Noona.

— Eu sabia que quando soubesse de Jae ou visse Hari de novo, que eu poderia então, olhar para você... — suspirou fundo. — Por que demorou tanto?

— Como pode me conhecer tão bem?

— Eu sabia o que sentia, antes mesmo de você saber. — Tocou meu rosto, como se tentando acreditar que era real. Nem eu mesmo acreditava. — Está fodido, sabe disso, não é?

— Eu só preciso ver todos vocês e... — Uma lágrima desceu. — Eu senti saudade todos os dias, Noona.

— Bem-feito. — Empurrou meu ombro, como se descontando a frustração. — Não tem como deixar de ser de uma família, a qual você protege, sabia, não é?

— Eu tive que ser mais rápido do que a lógica que temos, e eu precisava...

— Soube sobre os Park — assenti, e respirei fundo. — Sabe que Hari tem o direito de saber, não é?

— Ela não vai querer saber por mim — assumi. — Não sou o príncipe encantado em um cavalo, que espera por ela, Noona. Não mais.

— Ela nunca quis um príncipe, Kalel. — Olhei-a, com toda minha culpa. — Ela apenas quis você.

— Eu sei... — suspirei fundo. — Eu deveria ter enxergado antes.

— Bom, nada volta. — Deu de ombros, fechando a porta atrás de si. — Mas sempre podemos ser melhores.

— Obrigado por me aceitar de volta, Noona.

— Para mim, você nunca se foi. — Um sorriso de lado em seu rosto, enquanto ela encarava o quarto em que eu estava. — Seria mentira dizer que respeitamos seu pedido e não sabíamos de nada. Ainda mais, com as pistas que deixava.

— Eu fiz o que tinha que ser feito.

— Mas não precisava, não sozinho. — Virou-se para mim. — Nunca mais sozinho, lembra?

Eu lembrava.

Foi o que prometemos um ao outro, quando fugimos do nosso inferno e fomos resgatados ainda crianças.

— Me desculpe por quebrar essa promessa.

— Não quebrou. — Olhou-me profundamente. — Sabia que ia voltar. Um cara muito inteligente e sonhador, um dia me disse: *A gente volta para quem a gente ama.*

— Não sou mais aquele cara, Noona.

— Olhando para você agora, tirando as novas cicatrizes e o que finalmente enxergou, continua o mesmo. — Aproximou-se. — O meu irmão. Um Kang. — Sorriu novamente. — Um pai?

Assenti, sorrindo abertamente.

— Nunca pensei que... que teria essa chance — assumi, e ela parecia ansiosa por aquilo. — Uma mãe, Noona?

— A vida me preparou uma família inesperada. — Deu de ombros. — Eu, aquele por quem você tanto torcia, e uma garotinha que é a própria luz.

— Estou feliz por você e sua família nova, Noona.

— E eu estou animada para vê-lo ser o pai de Jae. — Respirei fundo, como se sentindo o medo de não fazer o certo. — E ver Hari te colocando no seu lugar.

— Ela me odeia, Noona?

— Nem mesmo os piores casos que ela enfrentou... lembra-se de Hari odiar alguma coisa? — neguei com a cabeça. — Ela é mais do que qualquer sentimento assim. Sabe disso, Kalel.

— Sei... — soltei o ar com força. — É por isso que ela é a única mulher que eu já amei.



“E sei que isso foi há muito tempo
E que não havia mais nada que eu pudesse fazer
E eu esqueço de você por tempo suficiente
Para esquecer a razão de precisar te esquecer”^[31]

HARI

— Gotinha...

— O quê, mamãe?

— Lembra sobre as aulas de luta que seu tio Chae te daria? —
indaguei, e notei seus olhinhos brilharem, desviando o olhar do danone
que comia.

— Ele vai vir agora?

— Então, sabe Kalel, aquele tem o mesmo nome que você... —
era claro que tinha o mesmo nome, Hari. Por que era tão difícil sugerir
aquilo para o meu filho? — Ele é lutador e...

— Ele vai me ensinar? — meu filho pulou da cadeira, correndo
até mim.

— O que eu disse sobre deixar a comida assim? — perguntei, e
ele voltou correndo para a mesa, e pegou a colherzinha na mão. — Então,
o que acha de ele ser seu professor?

— Aqui em casa?

— Sim, na academia que eu fiz, mas fíco menos tempo que
deveria. — Mordi a língua, e meu filho riu. — O que pensa?

— Ele parece ser legal. — Sorriu abertamente. — Mas você vai
estar junto, né?

— Quer que eu esteja?

— Claro, mamãe. — Mordi o lábio inferior, pensando sobre. —
Vai ser legal, finalmente vou aprender a como derrubar o titio Chae, igual
a senhora fez no último aniversário.

— Jae... — levei as mãos ao rosto, morrendo de vergonha.

— Sei que a senhora diz que não sabe ensinar, mas é a melhor.

Levantei-me da poltrona e fui até ele, dando um beijo em seus cabelos.

— Sabe o quanto eu te amo, não é? — perguntei, misturando português, coreano e as vezes até inglês. — Você é tudo para mim, gotinha.

— Também te amo, Omma. — Sorriu lindamente. — Eu posso chamar Kalel de hyung?

Olhei-o sem saber o que responder.

— É algo que você tem que perguntar a ele, não acha?

— Sim, igual eu perguntei a Saron Noona, se eu podia chamá-la de Noona, não é?

— Exatamente. — Pisquei um olho, e ele apenas voltou a comer seu danone, como se não fosse nada demais. — Tudo bem se marcar para ele vir mais no fim da tarde, logo após a escola?

— Mas hoje é domingo.

— Quer que ele venha hoje? — indaguei surpresa.

Jae não era uma criança realmente interessada sobre as pessoas que não conhecia, o que me surpreendia, desde o começo, a forma como ele reagiu e se interessou por Kalel. Talvez fosse pelo nome?

— Ele não deve trabalhar no domingo, não é? — parecia realmente decepcionado, e uma parte de mim, acabou brigando para que eu tomasse algum partido sobre.

— Posso ligar para ele, o que acha?

— Jura?

— Mas não pode reclamar das aulas de piano no próximo final de semana. — Tentei o combinado e ele semicerrou os olhos, idêntico a como eu fazia.

— Eu gosto do piano, mamãe.

— Você sempre reclama, gotinha.

— É que eu... Eu ainda não sou tão bom.

— Por isso a gente treina, lembra? — peguei meu celular em mãos, e suspirei fundo. — Vou tentar falar com seu futuro professor de luta, ok?

— Obrigada, Omma — respondeu, engolindo seu danone, e eu sorri.

Um toque no meu ponto, fez-me saber que meus irmãos estavam ali. Alguns deles, pelo menos.

— Tem alguém importante na porta...

— É o Kalel hyung? — indagou animado, pulando da cadeira, e eu neguei com a cabeça.

— Eu ainda nem tive tempo de ligar — esclareci. — Por que não vai lá ver?

— Aposto que é o titio Vincenzo.

Correu em direção à porta, e vi-o soltar um gritinho de *Vincenzo hyung*, quando braços o pegaram, e Dove adentrou a nossa casa. Logo atrás dela, vinha Vincenzo que encarava tudo com uma certa preocupação no semblante.

— Isso é algo novo — falei, abraçando-o, e logo ele foi puxado por Jae, enquanto eu fui beijar o rosto de minha irmã. — Aparecerem de surpresa, juntos?

— Ficamos preocupados — Dove falou, e me afastei, para notar que ela tinha o mesmo semblante que Vincenzo.

— Não fiquem — falei, e sorri para os dois. — Sentimos a falta de vocês — comentei, enquanto Jae puxava Vincenzo até a mesa, fazendo-o sentar-se.

— Eu vou fazer aula de luta com o Kalel. — Foi então que dois pares de olhos surpresos me encararam. — Ele é sul-coreano e tem o

mesmo nome que eu, igual ao papai — meu filho falou, parecendo genuinamente animado, e fui até ele, dando um beijinho no seu rosto.

— Isso é ótimo, gotinha — Vincenzo falou suave, mas ainda me encarava. — Por que não busca aquele livro que eu fiquei de terminar de ler para você da última vez?

Os olhos de Jae pararam em mim, e eu assenti, vendo-o correr pelo corredor.

— Como isso surgiu? — Vincenzo perguntou, a preocupação clara em sua voz. — Está certa disso, Hari?

— Kalel é um Kang de novo, não é? — indaguei, e vi-o assentindo, assim como Dove.

— Nunca deixou de ser, mas não posso entrar em detalhes que ele deveria falar com você.

— Isso não muda nada, não para mim. — Fui honesta. — É mais sobre a segurança de Jae, que ele não vai simplesmente... — diminuí meu tom de voz. — “morrer” de novo.

— Nós queríamos falar com você, porque sabemos que a sua história com Kalel ficou inacabada e queremos a nossa Hari bem — Dove falou, encarando-me. — Nós estivemos ao seu lado, mas não sabemos, nem de perto a dor que sentiu quando tudo aconteceu.

— A história acabou quando ele morreu, Unnie. — Sorri sem vontade para ela. Não era costume meu falar mentiras, mas de repente parecia que aquela afirmação o era. — Só quero que Jae possa ter o pai por perto, mesmo que lá no fundo algo me diga que Kalel não mereça. Não sou eu que devo julgar isso, mas sim, meu filho.

— Seu coração sempre me surpreende — Vincenzo falou, e pisquei um olho para ele, tentando descontraír um pouco.

— Bom e inteiro, tem coisa melhor? — provoqueei, e Dove negou com a cabeça, sabendo que eu brincava. — Passaram aqui apenas para ver se eu estava bem?

— Não se ache tanto — Vincenzo falou, usando o ar de ironia que raramente víamos. — Vim para terminar o livro com Jae — falou, e se levantou, vindo até perto de mim, tocando levemente meu lóbulo da orelha esquerda. — Jae vem em meu primeiro lugar.

Saiu então, pelo corredor, com certeza atrás de meu filho, que deveria estar perdido em meio a tantos livros que ele tinha e Dove me encarou.

— Não me olhe, porque eu não sei o que deu nele ultimamente para estar tão leve...

— Será que vamos ver Vincenzo se casar? — perguntei, como se pensando sobre.

— Mais fácil vermos você, pequena. — Fiz uma careta, e neguei de imediato. — Baldur consegue um anel em segundos se você pensar em dizer sim perto dele.

— Seria tão mais fácil se eu gostasse dele. — Suspirei fundo. — Mas às vezes é melhor não gostar de ninguém.

— Fala isso para Hinata, que causou quase a terceira guerra mundial quando comentou sem querer que já dormiu com Baldur. — Franzi o cenho, totalmente confusa.

— Ninguém sabia?

— Ninguém incluindo Jeon, que quase começou uma guerra com os Hansen. — Ri de lado, e neguei com a cabeça. — Deveria ter gravado a cena de tão cômica que foi.

— Eu achei que todo mundo soubesse, quer dizer... Eu sabia. — Ri abertamente. — Jeon está sem falar com ela?

— Estão os três em campo, juntos – Chae, Jeon e Hinata, e Chae passa nos seus relatos diários, que vai acabar trancando os dois em um quarto, e fazê-los conversar.

— Ele é protetor demais com ela, sejamos honestas. — Neguei com a cabeça. — Por isso eu dizia para Kalel, que a tentativa de unir Chae e Hinata não fazia sentido.

— Kalel sempre foi um péssimo romântico. — Naquilo eu tinha que concordar. — Desculpe, Hari, eu...

— Não é sobre mim, Unnie. — Sorri para ela. — Sei diferenciar essas coisas, e concordo plenamente. Quer dizer, ele sabia de você e Flávio.

— Ao menos nisso. — Sorriu para mim, e se aproximou, tocando meu rosto, surpreendendo-me. — Não precisa nem olhar para a cara dele, se quiser. Não precisa dirigir a palavra a ele, se desejar. Nós fazemos Kalel se afastar, se for necessário. Pelo seu bem.

— Obrigada, Unnie. — Meus braços foram para seu corpo. — Mas estou certa do que estou fazendo. Jae merece isso, essa chance de ter um pai. — Afastei-me, e ela me encarou. — Eu tive os meus por um tempo... — notei a clara mudança em seu olhar, mas talvez fosse pelo peso das palavras. — E acho que ele pode escolher isso, sabe?

— Ser um filho para Kalel?

— Sim. — Suspirei fundo. — Assim como eu escolhi ser a irmã de vocês.

— Então ele vai fazer no estilo: como um Kang?

Sorri de lado.

— Com certeza, como um Kang, Unnie.

Peguei então o telefone em mãos novamente e sabia o que precisava fazer. Eu precisava ligar para o homem que um dia amei, e que agora tinha um recomeço como pai do meu filho. Em que dorama eu estava inclusa que ainda não sabia? Seria cômico, se não fosse tão complicado.



“Eu sei
Que provavelmente estou melhor sozinha
Do que amando um homem que
Não sabia o que ele tinha
Quando ele o tinha”^[32]

KALEL

Minhas mãos suavam.

Encarei a porta de entrada, como se fossem os próprios portões do paraíso. Diferente da noite em que simplesmente invadi a casa, eu agora, tinha sido convidado. Suspirei fundo, esperando dar o horário certo, para bater, mas a ansiedade me corroía por dentro.

Tantas coisas se passando por minha mente, como se soubesse que não era digno daquilo. No fundo e em cada pensamento que se passava por minha mente, eu me culpava. Porque meu filho não tinha ideia de quem o pai dele realmente era. E eu nunca poderia dizer-lhe. Eu jamais o levaria para aquele lado, que destinava todo o ódio que tinha dentro de mim e que ao mesmo tempo, fazia-me estar são no dia seguinte.

Ele tinha uma vida normal.

Ele parecia ser um garoto feliz.

E eu seria eternamente grato a Hari por proporcionar isso a ele.

No momento em que levei a mão para bater, a porta se abriu e tive a visão de Hari à minha frente.

Ela estava com os cabelos presos no alto da cabeça, o rosto sem maquiagem alguma, e reparei que desde que a revi, ela não usava suas lentes na cor verde, que escondiam seus olhos castanhos. Uma camisa grande na cor azul e com o nome do boygroup Stray Kids, que tampava até o short que ela deveria usar por baixo.

Ela sabia que era linda, de qualquer maneira?

Teria alguém que lhe disse aquilo? Existiria essa pessoa?

— Jae está te esperando na academia — falou, e abriu a porta por completo. — Pode entrar, Kalel.

— Obrigado — falei, e tirei meus sapatos, deixando-os do lado de fora. — Eu não sei onde deixar isso...

Foi então que Hari encarou minhas mãos como se me olhando de fato naquele dia.

— Isso seria? — indagou, para a sacola de mercado.

— É... Eu não sabia o que ele gostava, então olhei na internet que tipo de chocolate garotos de quase seis anos gostam, e... — Vi-me me enrolando. — Eu nem sei se ele pode comer chocolate. — A ficha então caiu. — Desculpe, Hari, eu...

— Jae gosta de qualquer chocolate — falou e fez menção de pegar a sacola. — Obrigada por pensar nele.

Sabia que ela estava sendo sincera e tentando seu melhor, e eu só conseguia pensar em trazê-la para meus braços e nunca mais deixá-la sair.

Era assim que ela se sentia?

Era exatamente essa sensação incomparável, de que a qualquer momento tudo dentro de você via colapsar, apenas por olhar para o que é intocável?

Para a pessoa que se tornou intocável?

Em todos aqueles anos, desde que a olhei novamente, tive a percepção do que era sentir-me como ela. Porque eu podia vê-la, mas não realmente. Porque eu podia senti-la, mas não como queria. Porque eu podia querê-la, mas não de verdade.

— Ele está realmente animado, e... — Vi-a suspirar fundo. — Sei que Jae só tem cinco anos, mas... eu o conheço bem, Kalel. Ele é um garoto esperto, e desconfio que ele ache que você é o papai dele.

— Acha que ele está animado por pensar isso? — assentiu, fazendo-me ficar sem fala.

— Jae está juntando os pontos que eu entreguei a ele, durante todos esses anos, e bom... Ele sabe sobre o pai que ele nunca conheceu. — Engoli em seco. — Sabe que era um Kang, que tem o nome de Kalel, e que um dia, talvez, ele poderia vê-lo.

— Contou a ele sobre mim? — indaguei, completamente perplexo.

— Por que não faria? — deu de ombros. — Jae merecia o melhor que eu podia doar, e nisso, tinha a visão de quem você era antes de tudo... — suspirou fundo, e vi um sorriso forçado em seu rosto. Os seus detalhes, ainda tão claros para mim. — Mas é isso, só queria te preparar

pra caso, ele diga algo sobre... Não tem por que esconder dele, nem eu acredito que consigo por tanto tempo. Então, vamos no tempo dele.

— Claro — falei, pensando em cada coisa que ela dizia. — Vou ser o meu melhor, Hari. Essa é uma promessa... e eu vou cumpri-la.

Ela assentiu e me indicou com a cabeça para onde deveria seguir, mesmo que eu já soubesse. Olhei ao redor e reconhecia cada canto daquela casa, meu olhar pairando na direção em que o seu piano ficava, e lembranças de nós dois, jovens e cheios de vida me vieram à mente.

— E eu posso tocar e cantar para você, sempre — falou, sua voz me deixando imerso em tudo o que me acertava. Não poderia comparar a nada. A forma como Hari me fazia sentir, era diferente de tudo o que eu sentia por minhas outras irmãs. Eu nunca a encarei de tal forma, nunca. Nem por um segundo.

— E eu estarei aqui para ouvir — falei, e sua cabeça se encostou em meu ombro. — Feliz aniversário, querida.

— Feliz aniversário, querido. — Olhou-me, um sorriso no rosto, como se entregando tudo o que deveria ser só nosso. O nosso mundinho particular, impenetrável.

E foi ali que eu sabia que ela era como o mar. Ela era o meu mar.

— Kalel hyung!

Um gritinho animado me tirou dos pensamentos, e então meu mundo se tornava outro. Ele se tornava mais completo do que um dia pensei que poderia ser. Longe de toda a dor, solidão e gritos em que se Transformou. Ele parecia preenchido de um olhar igual ao meu, um sorriso igual ao dela, e luvas grandes em mãos que pareciam ansiosas para aprender.

— Posso te chamar de hyung? — indagou baixinho, aproximando-se, e eu assenti.

Ele poderia me chamar de papai, e eu seria a pessoa mais feliz do mundo. Em qualquer língua que ele desejasse.

— Estou aqui como mera espectadora, então, lerei. — A voz de Hari soou, ela encostada contra alguns colchonetes e o celular em mãos.
— Não pegue leve, Jae.

— Pode deixar, Omma! — ele falou, e então seu olhar ficou semicerrado, assim como ela fazia.

E eu quis cair de joelhos e chorar.

Chorar pela honra de estar ali, vivo, para presenciar aquilo.

Chorar pelo melhor presente que a vida poderia ter me entregado, mesmo não sendo merecedor.

Chorar por todos os sentimentos que eles traziam até mim, que me faziam sentir eu mesmo de novo.

— A gente separou tudinho que pode precisar, hyung. — falou meu filho.

Meu filho.

Duas palavras que eram um novo mundo para mim. Que significavam o mundo para mim.

— Obrigado — falei, aproximando-me dele, e encarando as luvas e outros acessórios. — Vamos começar pelo que você sabe.

— Nada? — ele indagou, e ouvi Hari rir ao fundo.

O som que eu senti tanta falta e que iluminava tudo ao seu redor.

Olhei de canto de olho para ela, que logo desviou o olhar e encarou nosso filho.

— Boa sorte, meninos.

E eu sabia que eu precisava de mais do que sorte, para que aquele tom doce e aquele sorriso, pudessem ser meus novamente.



“Agora, de repente, você está pedindo para voltar

Você pode me dizer onde conseguiu essa coragem toda?

É, você pode dizer que sente falta de tudo o que tínhamos

Mas eu realmente não me importo com o quanto dói

Quando você me quebrou primeiro

Você me quebrou primeiro”^[33]

HARI

— Mamãe, agora eu tô uma gotinha mesmo!

Jae se jogou contra o chão acolchoado e eu ri, levantando-me, e indo até ele.

Seria mentira dizer que eu não fiquei os observando por toda aquela hora que passou, porém, quem poderia me julgar? Você! Minha mente gritou, e eu tentei ignorar.

Eles eram bonitos juntos.

Como eu poderia não reparar naquilo?

— Gotinha... — fui até ele, e sorri, encarando seu corpo todo ensopado. — Um banho?

— Sim! — falou, e ajudei-o a levantar, sentindo a cada segundo um olhar sobre meu corpo. — Obrigado, Kalel hyung — falou cansado, fazendo uma reverência de noventa graus.

Eu me orgulhava em cada detalhe de como Jae era quando o via fazer de forma natural, coisas que eu o ensinei há muito tempo.

— Até... — então o olhar de Kalel parou no meu.

— Até amanhã, Omma? — a pergunta de Jae me fez olhá-lo.

— Vamos ver como vai chegar da escola, e combinamos, certo? — indaguei, e mesmo não concordando muito, ele assentiu.

— Até a próxima aula então, hyung.

Jae subiu as escadas devagar, claramente cansado, e eu fui atrás dele, vendo-o ir para o seu quarto, mas ele se jogou no chão antes contra o piso de madeira.

— Banho?

— Cinco minutos, Omma — pediu e levou uma das mãos sobre os olhos.

— Só vou ver como seu professor está e já volto — falei e o encarei desconfiada. — Cinco minutos e contando, Jae.

— Sim, Omma.

Desci de volta para a academia, e encontrei Kalel terminando de colocar a jaqueta que retirou quando começou a ensinar Jae. Eu queria dizer que não olhei e ignorei por completo, mas não pude evitar. Além de todos os músculos novos e a forma como seu corpo parecia esculpido, pude notar as recentes cicatrizes profundas que ele continha, descendo para perto de suas costas e nos braços.

Por um segundo, eu quis apenas perguntar: por onde você esteve?

Pelo meu próprio bem, aquele segundo se passou.

— Tem um banheiro atrás daquela porta, e pode usá-lo quando quiser. — Ofereci, vendo que ele não estava tão suado quanto Jae, mas poderia ficar, com o tempo. — Obrigada por hoje, Kalel. Vou colocar o dinheiro na sua conta, que Vincenzo me passou.

— Ele abriu essa conta... — negou com a cabeça, mas um sorriso se abriu no canto de sua boca.

Era claro que ele estava feliz por estar de volta.

— Bom, é isso — falei e indiquei-lhe as escadas com a cabeça.

— Hari, eu... Eu queria saber se podemos tirar um tempo para conversar. — Olhei-o, com a resposta pronta para sair. — Qualquer dia, qualquer hora, em que você se sinta confortável. Só queria que soubesse que eu quero ter essa conversa. Mais do que consigo demonstrar, de fato.

Ele então deu alguns passos para perto, e seus olhos estavam presos aos meus. Segurei um suspiro porque meu corpo não poderia falar mais alto do que qualquer parte do meu racional. E por mais que despertasse tudo dentro de mim, eu sabia que nem eu mesma estava preparada para aquele tudo. Envolvia todos os sentimentos que eu tentei enterrar por aqueles anos. Enquanto eu buscava a indiferença, que infelizmente, nunca veio.

O barulho da campainha me fez calar e subi as escadas, usando como a saída perfeita.

Era final de tarde de um domingo, e meus irmãos não eram de tocar a campainha. Quem seria àquelas horas?

Olhei rapidamente pela câmera e um sorriso se abriu em meu rosto.

— Jae... — meu filho continuava estatelado no chão e vi Kalel oferecer sua mão para levantá-lo, a qual ele aceitou. — Lembra de alguém que estava com muita, muita saudade?

— Dindo! — ele gritou animado, correndo em minha direção e parecendo reviver toda sua energia. Vi-o então abrir a porta, e os olhos azuis de Baldur encontraram os meus.

— Por que meu afilhado favorito está me molhando de suor? — indagou, pegando meu filho no colo, e parando ao meu lado, para me dar um beijo no rosto.

— Eu sou o único afilhado, dindo. — Meu filho respondeu, descendo de seu abraço. — Aqui, o Kalel hyung está me ensinando luta. — Meu filho correu até o pai, empurrando-o para perto de Baldur, como se querendo apresentá-los. — Ele é muito legal, dindo.

E ali estava uma bagunça entre inglês, português e coreano, enquanto meu filho falava. Mas Baldur já estava acostumado com aquilo.

— Kalel — ele falou, meneando a cabeça em direção ao homem, que o encarava com uma expressão indecifrável.

— Baldur — Kalel assentiu, e então parou ao meu lado. — Está na minha hora. — Virou-se então para Jae, que parecia ter se animado novamente ao ver seu padrinho. — Até a próxima aula, então?

— Até, Kalel hyung.

Meu filho foi para os braços de Kalel, o que claramente o surpreendeu, já que demorou alguns segundos para corresponder. E eu assistia à cena toda, enquanto sentia os olhos de Baldur em mim. Virei-me para ele e sabia que era clara sua pergunta silenciosa: está tudo bem?

E eu assenti, mesmo que ele já me conhecesse o suficiente para saber que não, não estava.

— Pode levá-lo para o banho? — perguntei para Baldur, que assentiu, já indo para perto de meu filho, que pulou em seu colo. Ele sempre adorou o fato de o padrinho ser tão grande quanto seu titio Chae. — Eu te levo até a porta, Kalel.

Ele então pareceu cair em si e piscou algumas vezes, me seguindo.

Abri a porta e encarei o pôr do sol que se escondia de trás das ondas. Sorri por um segundo, antes de voltar para minha realidade. A realidade que Kalel Kang estava ali, olhando para mim.

— Baldur é... — Vi-o engolir em seco. — Acho que não quero ter uma resposta para isso.

Olhei-o sem entender.

— Tenha uma boa noite, Kalel.

— Acho que não vou te desejar o mesmo — falou e parecia estar com os pés pregados contra a minha varanda. — Se eu te sequestrasse hoje, seria uma péssima ideia?

Encarei sua pergunta como se tivesse sido levada pelo tempo e espaço. Aquele tipo de coisa, apenas o homem que eu era encantada, um dia faria. Não o Kalel que me usou, deixou e simplesmente morreu para nós. Não ele.

— Não temos mais esse tipo de ligação, Kalel. — Fui honesta. — Nem mesmo piadinhas assim parecem a mesma coisa.

— O pior de tudo é que eu sei... — admitiu, olhando para o chão. — Eu sei que estou atrasado em muitos anos.

— E sobre sua pergunta de mais cedo, eu acho que não tem nada que possamos conversar. A não ser que seja sobre Jae. — Fui franca. — O que passou passou, Kalel.

— Não para mim, Hari. — Seu olhar voltou para o meu. — Nunca passou para mim.

— É, o karma vem quando menos esperamos — falei, mesmo que tivesse um turbilhão de sensações me acertando. Eu sabia que era um erro. Eu sabia que tudo que um dia nos envolveu, foi apenas um erro. Jae

era o único acerto naquilo tudo, nada mais. — Não sei o que realmente quer, mas seja lá o que for, se for sobre mim, não tem como ter.

— Eu quero você. — Fiquei inerte diante da sua sinceridade.

— Está atrasado em quase seis anos para isso — falei e neguei com a cabeça.

Não quis dizer mais nada, nem sequer me permitir ficar perto dele por mais algum segundo. Porque eu sabia do poder que ele tinha sobre mim. A forma como as palavras dele sabiam me envolver e me fazer acreditar. E eu não podia deixar acontecer, não mais.

Então, eu me vi entrando e fechando a porta atrás de mim, como se para me salvar.

Salvar-me da confusão que Kalel sempre causou em minha vida, como uma ressaca no mar mudando tudo de forma anormal, com resultados certos de destruição. E eu não podia permitir ser destruída. Não mais. Nunca mais por ele.



“Acho que, às vezes, todos nós recebemos
Algo que nos assombra, algo que nos assombra
E eu nunca penso nele
Exceto nas meias-noites como essa”^[34]

HARI

— Quando disse que apareceria... — falei, servindo uma taça de vinho para Baldur.

Era costume, sempre que ele vinha ver Jae, de ele ficar em casa, nem que por pouco tempo.

— Não imaginei que daria de cara com Kalel Kang — falou, sorvendo um pouco da bebida, enquanto eu me servia. — Como está,

realmente?

— Preciso mesmo dizer algo assim para você? — indaguei, e me sentei na poltrona à sua frente, enquanto ele parecia ler minha alma. — A gente se conhece melhor do que isso, Baldur.

— Ainda o ama. — Não era uma pergunta, e ele continuou. — E não sabe o que fazer com isso.

— Não é como se pudesse arrancá-lo do meu peito, ainda mais, tendo-o tão perto. Eu só... Só não quero mais me iludir por esse amor. — Fui honesta e sabia que Baldur me entendia, melhor do que ninguém. — Não tenho como dizer isso aos meus irmãos, porque somos partes da mesma família e não quero que eles tenham que escolher um lado. Nunca. Mas eu sinto que todos sabem mais do que eu.

— Kalel Kang vivo... — Baldur passou as mãos pelos cabelos, que já caíam sobre seus olhos. — Isso explica muita coisa.

— Como?

— As várias famílias ligadas ao Cartel de Guillermo Ottis. — Olhei-o, notando que ele falava de tudo aquilo que eu pedi para não saber. Mas ele parecia notar do que eu precisava, ao menos naquele instante. — Incêndios fáceis de serem rastreados, com todas as evidências de quem o fez e quem não fez...

— Ottis ainda vive?

— Ottis foi morto pelo próprio Cartel. — Baixei o olhar, tentando processar aquilo. — Quem fez tudo isso, soube como fazer. Então, como Ottis não conseguiu proteger quem ele deveria, acabou sentenciado. — Tomou mais um pouco de vinho. — Mas há boatos de que ele não morreu apenas por isso, e nem apenas ele morreu.

— Existia alguém por trás do Cartel Ottis?

— O México é cheio de surpresas, princesa. — E eu tinha que concordar. — Há quanto tempo Kalel apareceu na vida de Jae?

— Desde a quinta passada.

— Não há incêndios há duas semanas. — Olhei-o perdida. — Faz tempo que não escuta nada parecido?

— Estou tentando entender. — Suspirei fundo. — Por que ele estaria aqui novamente? Por que agora?

— Pode ser uma grande coincidência de se verem justamente agora e ser bem na época em que Ottis foi condenado, e os Kang estão tentando ajudar o novo líder do Cartel, a manter tudo em ordem.

— Acredita que Kalel destruiu o Cartel de dentro para fora?

— É a única pessoa que faz sentido ter conseguido fazer sem nunca ter sido rastreado ou morto... Kalel Kang tem sua fama, como o

melhor torturador que os Kang criaram.

— O diabo dos Kang...

Soltei o ar com força pensando sobre. Na realidade, era que eu nunca o vi de tal forma. Nunca. Ele era meu amigo. Depois, meu melhor amigo. E depois, o homem que eu amava. Agora, o homem que eu não sabia como olhar.

— E como vai Hari Kang? — a pergunta de Baldur, fez-me encará-lo.

— Bagunçada — admiti, e sorri sem vontade. — Aliás, bagunça foi o que você causou entre meus irmãos.

— Como?

Caminhei até o sofá em que ele estava sentado e coloquei meus pés sobre suas pernas, e ele sorriu, fazendo um leve carinho com as mãos livres.

— Jeon descobriu que dormiu com Hina. — Baldur me encarou como se aquilo fosse um absurdo. — Eu tive a mesma reação. Todo mundo sabe, não sabe?

— Todos acham que eu desejo você, Hari. — Negou com a cabeça. — Mal sabem que eu te enxerguei de verdade, e encontrei a irmã que eu nunca tive.

— Que seus irmãos não te escutem. — Provoquei e ele apertou meu pé. — Sei que eles me adoram também.

— Por que a sua família é tão complicada?

— Poderia fazer a mesma pergunta. — Rebatí e ele sorriu, jogando a cabeça para trás no sofá. — E eu sei que você tem estado ocupado, esses anos todos com a escrita vermelha que encontrei naquele dia. Não foi Ottis, então?

Ele negou com a cabeça.

— Esperamos chegar a quem devemos, um dia.

— Eu tive minha vingança contra quem mais me aterrorizava, todos meus irmãos tiveram... Não sei realmente, como seria viver sem encontrar o problema que me atormentava no meio da noite.

— Por isso fazemos amizade com nossos próprios demônios, princesa. — Sorri sem vontade. — E tentamos destruí-los no dia seguinte.

— Espero que consiga os seus, Baldur.

— Eu sempre consigo. — Piscou um olho, e vi seu olhar mudar de repente, como se ouvindo algo. Sabia que ele tinha um ponto, com seus próprios irmãos e equipe, e então, não era como se não estivesse acostumada. — Podem deixá-lo.

— O que houve? — perguntei, vendo o sorriso enorme no rosto de meu amigo.

— Sabe a história de que só somos vistos se queremos ser vistos? — indagou e eu assenti. Vincenzo nos ensinou algo bem parecido, quando ainda era apenas uma iniciante na família. — Kalel Kang está vigiando a sua casa, mas precisamente, a sua porta.

Olhei-o incrédula.

— Chae deveria ter me falado — disse, sabendo que tínhamos seguranças pelo lugar, vinte e quatro horas justamente para a segurança de Jae.

— Sua família é um perigo? — a pergunta de Baldur me calou, e sabia que o fato de não delatar o que Kalel fazia, e de com certeza, a equipe ter reportado a Chae, significava que Kalel realmente queria ser visto.

— O que ele pensa que está fazendo? — indaguei, pronta para me levantar e mandá-lo embora, mas Baldur segurou meus pés, fazendo-me parar.

— Ele quer chamar sua atenção.

— Como...

— Ele sempre te olhou do mesmo jeito, e sabemos disso. — Olhei-o confusa. — Não sei o que houve para que ele quebrasse o seu coração, porque nunca quis falar sobre, mas... Mas Kalel está tentando voltar e colar os pedaços.

— Ele... — suspirei frustrada. — Já conheceu alguém que consegue despertar o pior em você, apenas por respirar?

— Já.

— E o que fez?

— Exilei numa ilha. — Bati contra seu ombro, e ele sorriu de lado. — Apenas beba seu vinho e ignore-o. Deixe-o pensar e sofrer por não saber o que acontece entre nós.

— Não é como se eu quisesse provocá-lo, Baldur.

— Então está admitindo em voz alta que ele pode ser provocado por você?

Neguei com a cabeça.

— Isso era algo que a Hari do passado imaginaria em seus mil cenários de declarações nada inesperadas que Kalel faria. Hoje, eu apenas queria seguir, sem ele.

— Não há a opção, então...

— Então, eu vou ignorá-lo. — Dei de ombros. — Deixe-o se iludir sobre um sentimento que sabemos, ele não sente. É um sentimento, que não tirará mais de mim.

— Tem certeza?

— Apenas beba o vinho.

Bati em seu braço e ele sorriu, levando a taça à boca, enquanto eu repassava tudo o que aconteceu nos últimos dias, até aquele momento.

Por que diabos Kalel estaria vigiando a minha casa?

— *Eu quero você.*

Por que ele estaria falando coisas como essa?

Dei um gole no vinho e deixei para lá. Fosse o que fosse, eu deixaria para a Hari do amanhã lidar. No hoje, eu só queria pensar que era mais um final de domingo qualquer. Sem a volta do pai do meu filho. Sem a volta do homem que um dia amei.



“Só dói tanto assim agora

É o que eu estava pensando o tempo todo

Inspire, respire fundo, expire

Eu vou levar a vida toda para te superar”^[35]

KALEL

Eu já tinha passado mais do aquelas horas acordado, atento e esperando por algo. Porém, era diferente. Ainda mais, quando se tratava dela. Olhando ainda para a porta da frente, com o auxílio de um pequeno binóculo, tudo em mim, se remoía.

Cenas como ela com seus pés sobre o colo dele.

Cenas como ela sorrindo e bebendo seu vinho favorito com ele.

Suas expressões mudando para sempre terminarem em um sorriso terno. E era claro o carinho, e até amor que ela sentia por Baldur Hansen. Seria o mesmo de antes? O mesmo que ela sentia por ele? Ou os anos tinham modificado o sentimento? Os anos tinham transformado tudo para que ela encontrasse em outros braços, o que os meus não entregaram?

Encarei o sol que nascia no horizonte, entre as ondas como se um lembrete de que outro dia surgia, de que a vida continuava. Eu não sentia que a minha o tinha feito em todos aqueles anos. Parecia que apenas voltei a viver, no momento em que meus olhos a encontraram, naquele hospital.

Eu estava como em uma das infinitas músicas que ouvi naqueles últimos anos, porque me lembravam sobre ela.

“Você me deixou sem escolha, a não ser ficar aqui para sempre”

— Devia tentar ser menos óbvio, a não ser que...

Sua presença era sentida, antes mesmo de sua voz, e me virei para encará-la. Ela usava um robe grosso sobre o corpo, como se evitando o ar frio da manhã.

— A não ser que queira ser visto? — indagou, como se tentando me ler.

E ela podia.

E ela sempre pôde.

Ela sabia ler cada parte de mim.

Cada minúsculo acerto, até os expressivos erros. Ela podia ler tudo.

— Como foi a noite? — minha boca foi mais rápida que meu cérebro. — Jae dormiu bem? — indaguei, antes que estragasse tudo.

— Foi boa. — Seus olhos eram frios e incomunicáveis, lembrando-me de como aprendemos a ser assim, de frente para um inimigo. — E a sua?

— Não uma das melhores. — Fui honesto. — Baldur dorme sempre na sua casa?

— Quando ele vem visitar o afilhado, sim — respondeu simplesmente. — Eu faço questão que ele fique. Algum problema?

— Não acho que quer uma resposta sincera sobre isso. — Ri sem vontade alguma. — Eu sempre quis quebrar a cara de perfeitinho dele... — Soltei baixinho, tendo uma ideia. — Hoje terei aula com Jae?

— Ele só acorda às oito, e depende de como ele vai estar após a escola.

— Posso levá-lo para a escola? — perguntei ansioso, guardando aquela ideia em minha mente. — Quer dizer, tem como eu fazer isso, sem

ser estranho?

— Pode tentar aparecer bem na hora em que ele vai, e nos acompanhar... — sugeriu, como se desconfiada. — Não sei se é a melhor ideia.

— Eu posso aparecer quando me mandar mensagem.

— Pelo menos não vai ficar de tocaia à frente da minha casa novamente? — indagou, como se me julgando. — Isso é ridículo, Kalel.

— De todas as coisas ridículas que eu já fiz, observar você, não é uma delas.

— Não é normal — falou, dando um passo à frente. — Está sendo irracional.

— Estou mais racional do que nunca, querida. — Minha fala saiu, antes de que eu pudesse pensar realmente, e notei os olhos machucados de Hari. — Desculpe, eu...

— Tem que parar com isso. — Sua voz soou como uma exigência. — Pare de achar que existe alguma chance de sermos os mesmos de antes.

— Hari...

— Não tem o direito de voltar depois de quase seis anos e agir como se importasse comigo — falou, olhando-me profundamente. —

Como eu disse ontem, você está muito atrasado. Eu não espero mais que se importe. Eu não quero mais que se importe comigo.

Eu fiquei sem palavras, diante da explosão fria que veio dela.

— Eu sei que fodi com tudo, Hari — assumi, e seu olhar não mudou. — Mas não pode me impedir de tentar.

— É uma perda de tempo. — Deu de ombros.

— Era isso que pensava, quando tentava comigo? — indaguei, e ela olhou para o lado, rindo friamente. — Que era uma perda de tempo?

— Eu amava você.

Nunca, um verbo no passado me doeu tanto.

— Acha mesmo que existe alguma comparação com o que eu fiz para você com o mínimo que está fazendo agora? — negou com a cabeça. — Não existe.

— Valida seus sentimentos invalidando os meus?

— E o que você sente, Kalel? — perguntou, como se eu estivesse atacando uma presa ferida. — Quer viver aquilo que nunca quis, por tanto tempo?

— Acho que não está pronta para que eu responda isso, não a verdade — falei e suspirei fundo. — Eu espero sua mensagem, que... Hari.

— É apenas por Jae, nada mais.

Assenti para suas palavras jogadas ao vento, dei um leve aceno, vendo-a voltar por seu caminho e não pude parar para pensar, sobre como eu explicaria tudo para ela. Eu conseguira explicar? Não.

Eu tinha que encontrar um jeito de conquistar a mulher que me amou. E ainda mais, a mulher que eu amava.

HARI

Aproveitei para caminhar pela praia.

Encarei meus pés contra a areia, enquanto ia para mais perto da água. Aquele lugar era minha paz. Aquele lugar era o meu lar. E eu sabia que o fiz ser assim, e por muitos anos, pensei como seria ter Kalel ali. Se tudo aquilo não tivesse acontecido. Se nós dois fôssemos para ser, como teria sido?

Ele só precisava ter ficado.

Tudo que ele tinha que fazer era ficar.

Por que ele não o fez?

Por ela?

Por que ele foi traído por ela?

Um peso que ainda atormentava meu peito, mas que eu ignorava, porque ele não mais existia. Como se sente falta daquilo que não existe? Era basicamente assim. E agora, ele voltava a existir e todo aquele peso junto.

Ainda tinha tantas perguntas em meu coração. Por mais que eu tentasse ignorar a todas elas. Por mais que tentasse não pensar em nenhuma delas.

— Omma!

Um gritinho mudou minha mente e eu senti o momento em que braços envolveram minhas pernas. Virei-me para sorrir para meu filho, que tinha os pés descalços e ainda estava de pijamas.

— Acordou cedo...

— Já sou grande para ver o sol nascer com você, Omma — reclamou, e eu o trouxe para mais perto, enquanto encarava o sol já brilhando no seu. — Acho que tinha que ser mais cedo... — sussurrou, e eu me virei para olhá-lo.

— Acho que foi no momento perfeito.

Joguei-me contra a areia e puxei-o para ficar em meu colo.

— É meu lugar favorito do mundo, Omma — falou e meu coração se encheu. — A senhora me ensinou a amar aqui e amar cada parte da praia...

— Eu sempre me surpreendo em como você é esperto — falei, suspirei fundo e seus olhinhos vieram para os meus. — O quê, gotinha?

— Eu me pareço com o papai?

Ali estava uma pergunta que ele fazia, de vez em quando e eu sabia que era em momentos que ele sentia falta do que ele nunca teve.

— Os seus olhos são iguais aos dele... — falei, e toquei seu rosto com carinho. — O jeito que você finge não gostar de piano. — Provoquei, mas era a mais pura verdade. — A forma como você faz uma covinha bem aqui... — toquei sua bochecha esquerda, e ele sorriu. — O jeitinho como ama seus tios... — suspirei fundo. — Você os ama, como seu pai ama.

— O papai, ele... — se calou, como se parecendo desistir.

E então, eu tomei coragem.

— Pode perguntar o que quiser, filho. — Toquei seu rosto, e sorri para ele. — O que quiser.

— O meu papai é o Kalel hyung? — indagou e me atingiu por inteira. — Eu sei que sou novo, Omma. Posso estar confundindo as coisas, mas ele... ele tem o meu nome. O nome que o papai tinha e ninguém mais apareceu com ele.

— Por que está se explicando tanto? — perguntei, o que o fez calar. — Sou eu quem deveria estar explicando, gotinha.

— Então ele é?

— Sim. — Seu olhar passou por vários sentimentos e foi como se eu pudesse sentir cada um deles. — O que acha disso?

— Por que ele não me disse? — perguntou, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Ele não quer ser meu papai? Por que, Omma?

— Ei, ei! — limpei as lágrimas que desciam. — Ele não disse, e nem eu disse, porque os adultos são complicados. Não é nada com você, gotinha. E ele não sabia que era seu papai, até aquele momento no hospital.

— Então ele... ele quer ser meu papai? — seus olhinhos brilharam de animação, e eu senti o quanto aquilo era importante para ele.

— Ele quer.

Falei, e queria dizer que não sentia medo de afirmá-lo, mas eu sentia. Eu não conseguia imaginar como seria, quando o mundo

quebrasse o coração de Jae pela primeira vez. De certa forma, eu nunca estaria preparada. Então pedi aos céus para que não fosse por Kalel.

Jae então pulou sobre mim, fazendo-me cair deitada na areia, e ri, com seu peso sobre meu corpo.

— É o que pedia, todos os anos, no meu aniversário, Omma. — Confessou, e o olhei com a dor que sentia. — Meu papai de volta... Meu *appa*^[36].

— Sinto muito por não ter conseguido isso antes, filho.

— Não é sua culpa, mamãe — falou, como se pudesse ler por completo a história, mesmo que ele fosse apenas uma pequena parte dela. — Você é a melhor Omma do mundo todinho, e até me trouxe meu papai. Obrigado.

Seu abraço foi ainda mais forte, e eu o apertei contra mim.

Por ele, eu sabia que qualquer coisa valeria a pena.

Até mesmo, o meu coração em risco à frente do homem que deveria odiar. Mas que eu não poderia, porque de certa forma ele era uma parte da felicidade do meu filho.



“É agri doce pensar sobre os danos que causamos

Porque eu estava me afundando, mas eu estava fazendo isso com você

Sim, tudo que quebramos e todos os problemas que criamos

Mas eu digo que te odeio com um sorriso no rosto

Oh, olhe o que nos tornamos”^[37]

KALEL

A mensagem de Hari me confirmando o horário que Jae iria para escola, fez-me correr para o quarto alugado, e tomar um banho rápido. Não poderia aparecer com a cara de quem virou a noite para o meu filho. Não mesmo.

Enquanto eu terminava de prender os cabelos no alto da cabeça, encarei a pasta na cor azul, envolta pelo plástico transparente, que eu sempre carregava para onde fosse. Suspirei fundo, sabendo que não era a hora daquilo. E talvez, nunca fosse.

Coloquei minha camiseta e corri para pegar meu novo celular, relendo pela décima vez a mensagem de Hari para ter a certeza de que estava na hora certa. Saí em direção à sua casa, que ficava a dois quilômetros daquele hotel e pensei sobre tudo o que deveria deixar guardado.

Não poderia usar aquilo, de forma alguma para me explicar. Não era justo.

Continuei caminhando, colocando a música que se tornou minha fiel amiga naqueles anos, porque sempre me lembrava dela. Qualquer playlist com Taylor Swift me lembrava dela. Até mesmo, pensava sobre um dos vários shows que ela me fez ir consigo, quando ainda éramos jovens.

Ela deveria ter comprado ingressos para aquela nova turnê, e certeza que iria, em qualquer lugar do mundo. Jae iria com ela? Eles costumavam viajar para fora do país?

Eu tinha tantas questões sobre eles. De como eles eram juntos, até como eles viviam. Desde o mais simples dia a dia até o dia mais complexo. E eu queria desvendar cada detalhe deles. Cada um.

No momento em que parei próximo à avenida que daria para sua casa, notei que Baldur e ela se abraçavam, e ele seguia para seu carro, parado não muito longe dali. O simples toque dele sobre ela, me criava dúvidas que eu não deveria jogar sobre ela.

Ela merecia mais que aquilo.

Mais do que eu podia proporcionar.

Ela se voltou para dentro, e Baldur caminhou tranquilamente, em direção ao seu carro, até que pareceu me notar. Seu olhar mudou, assim como sua rota.

— Kang — falou, com as mãos nos bolsos e encarando-me convencido.

Ele tinha um sorrisinho no rosto, que sempre tive vontade de tirar. Principalmente, quando o destinava para ela.

— Hansen.

— Ela não sabe, ainda... — olhei-o sem entender. — Mas cedo ou tarde, a verdade sempre chega.

— Do que está falando?

— Dos Park e o Cartel — falou, surpreendendo-me pelo assunto.
— Não acho que outra pessoa deveria contar a ela a verdade que você descobriu.

— Como sabe que fui eu?

— Bom, além de que reviveu dos mortos? — riu de lado. — Ninguém teria a competência de descobrir tudo isso de forma tão sutil, Kang.

— Como soube sobre isso?

— Vincenzo Kang foi quem me preparou para que eu não dissesse nada demais para Hari. — Olhei-o de cima a baixo. — Somos amigos íntimos, sou o padrinho do filho dela, e então ele pensou que pela nossa proximidade, eu poderia soltar algo.

Semicerrei os olhos diante de suas palavras e da forma como enfatizou íntimos. Ele queria mesmo entrar naquilo?

— Não gosto de esconder coisas, ainda mais das pessoas que eu amo — falou, fazendo-me travar o maxilar e se pudesse, o derrubaria.

Quem era ele para achar-se no direito de amar Hari?

Quem é você, Kalel? Minha mente rebateu.

— Não estoure uma veia da testa por minha causa, Kang. — Olhou-me com deboche. — Apenas saiba do tesouro que tem em mãos.

— Eu sempre soube, Hansen.

— Então está na hora de ela saber, não acha?

— Quer mesmo me ensinar como devo agir com a mulher que eu amo? — indaguei, dando um passo à frente, e olhando-o mortalmente. — Fique fora disso, Hansen.

— Ou o quê? — indagou, subindo uma sobrancelha. — Não é como se eu tivesse medo de você, Kang.

— Mas deveria... — olhei-o com toda a raiva que sentia. — Quando se trata dela, qualquer um deveria ter medo de mim.

Ele sabia sobre o que eu fiz.

Ele sabia sobre o inferno que movi.

E se Vincenzo lhe contou parte, sabia que a razão tinha um nome: Hari.

Ele apenas negou com a cabeça e deu um leve aceno saindo em seguida. Vi-o entrar em um carro e esperei o tempo de ele sair dali para seguir meu caminho. Respirei fundo uma, duas e até três vezes, para esvair o sentimento ruim que se apoderou de mim.

Não era como se eu pudesse mudar aquele traço do meu ser, mas eu sabia controlá-lo. Aqueles longos anos sozinho, me ensinaram uma coisa. Eu era o diabo, e o diabo era eu. Nada além disso. A diferença era

de quando eu conseguia controlá-lo e usá-lo a meu favor. Ele sempre estaria ali, como uma lembrança de quem fui criado para ser, mas que destinei a coisas maiores.

Como agora: a proteger Hari e de toda as formas, o nosso filho.

Bati em sua porta, e aguardei, tentando não entrar em outro conflito interno. No momento em que pensei que a olharia, um Jae, carregando uma grande caixa, quase maior que ele, me pegou totalmente desprevenido.

— O que...

— Eu não sei enrolar, sou igual a mamãe nisso... — falou, e parecia me encarar ansioso. — O senhor quer ver a caixa que a gente preparou todos esses anos... appa?

A forma como ele me chamou.

A forma como ele me olhava.

Levantei meu olhar para encontrar Hari perto da mesa da sala de estar com um sorriso sem dentes, mas assentindo como se me incentivando.

— Filho?

Então eu caí de joelhos e o corpo de Jae se chocou contra o meu, num abraço que nem em mil anos poderia ser substituído. Mesmo que as

perguntas gritassem em todo meu interior, eu apenas aceitei a verdade, de que meu filho sabia que eu era o pai dele. E do jeito que ele me abraçava, ele também queria aquilo.

Quando afastei seu pequeno corpo do meu e limpei suas lágrimas, que encontravam seu sorriso, eu me vi completamente rendido.

Eu poderia ser o que quisessem de mim.

Eu poderia ser o que for e por muito tempo não ter aceitado.

Mas de uma coisa eu tinha certeza, eu era o pai dele.

E eu seria o melhor pai do mundo, para ele.

HARI

— Eu te disse que ele era esperto... — falei, aproximando-me da bagunça em que Kalel se encontrava, ainda olhando para Jae como se ele fosse o seu mundo todo, ali mesmo. — Ele me perguntou e eu disse a verdade.

— Eu sabia... desde o dia no hospital — Jae falou, indo para perto da caixa com um sorrisinho no seu rosto. — Foi o dia mais legal de fazer vários exames.

Ele então agarrou minhas pernas e eu passei as mãos por seus cabelos tomando conta de sua ansiedade.

— Estamos matando aula hoje, conscientemente, para... — incentivei meu filho ao que ele me pediu para fazer e vi-o voltar para perto da caixa e mostrar para Kalel.

— Para mostrar a caixa que a gente montou para o meu papai — falou, e indicou-a para Kalel. — É para você, appa.

O olhar de Kalel parou no meu e eu dei de ombros, enquanto apenas os assistia. Era um momento todo deles e eu estava apenas assistindo, de forma que uma realização pessoal também acontecia, que era ver Jae com seu pai, de uma maneira tão leve como aquela.

— Eu... eu nem sei o que dizer. — Kalel pegou a caixa e a levantou, com a ajuda de Jae, que o guiou até o tapete da sala. — Obrigado, filho.

— Mas o senhor ainda nem abriu... — Jae parecia inconformado. — Precisa ver tudinhooooo! — fez um sinal de grande com as mãos, e sorriu, arrancando um sorriso de Kalel. — Abre, abre!

Vi-o fazer, e a primeira coisa em sua mão, foi o álbum de fotos que mostrava todas as etapas da gravidez de Jae até o primeiro aniversário, e agora apareciam fotos de todos os seus aniversários como complemento.

— Aqui, eu tava na barriga da mamãe ainda... — meu filho falou, mostrando para Kalel, que tinha uma das mãos na boca, como se segurando.

Eu podia lê-lo tão bem, que me assustava.

E me assustava ainda mais, acreditar que eu realmente o fazia de forma correta.

— Ainda era só uma gotinha... — falei, sem conseguir me segurar e o olhar de Kalel parou no meu.

— Gotinha? — indagou, e eu assenti.

— Uma gotinha do mar. — Sorri, olhando para o nada. — Foi assim que o chamei a gestação inteira...

— E é meu apelido em casa até hoje — Jae contou animado. — Eu gosto desse apelido, papai. Você tem algum?

— Vários, mas só tem um que eu realmente gosto. — Kalel falou, encarando Jae.

— E qual é?

— Sua mãe que me deu... — contou, e fiquei perplexa, sem acreditar que era aquele apelido. — Querido... Uma das primeiras palavras que gostamos do português brasileiro.

— Minha mente às vezes dá um nó.

Jae começou a contar para o pai sobre como ele pensava em uma língua e às vezes falava em outra, e como sempre tentava se entender. E eu, bom, fui até a geladeira e fingi procurar por alguma coisa para tomar.

Talvez, vergonha na cara.

Eu não deveria me sentir tão atingida apenas por ele falar sobre o nosso apelido. Porque era nosso, e ele sabia muito bem daquilo. E talvez aquele fosse o real problema. Kalel sabia exatamente os pontos em que apertar para atingir qualquer parte de mim.

E infelizmente, ele atingia onde não deveria. Onde eu me negava a aceitar – os pedaços que ele mesmo deixou, do meu coração.



“Porque lá estamos nós outra vez, quando eu te amava tanto
Antes de você perder a única coisa real que conheceu de verdade
Era raro, eu estava lá
Eu me lembro disso tudo muito bem”^[38]

KALEL

Eu olhava cada detalhe dentro daquela caixa.

As horas iam se passando, e eu me via, cada vez mais apegado a cada detalhe.

O fato de que Jae junto a Hari fizeram aquilo, me tocava de uma forma sem comparação. Porque mesmo com tudo o que houve ela ainda

pensou em mim e na forma como eu me sentiria, um dia, se conhecesse nosso filho.

E agora, eu tinha a oportunidade de ao menos olhar para tudo que perdi.

“Para que ele saiba que você é um sonho que ele deveria viver.”

Aquela frase, sobre a tampa da caixa, se repassava em minha mente, a cada segundo. A cada foto que eu olhava, a cada desenho do meu filho. Os cartões de memória guardados por ano, que deveriam conter tanto dele. O tanto que eu perdi. E que de jeito algum, poderia recuperar.

O tempo não andava para trás.

Levantei o olhar encarando Jae, que agora tomava sua água, enquanto Hari preparava um lanche da tarde para ele e a dinâmica que tinham, explodia em sentimentos. Era claro que ele era uma criança feliz, e ainda mais que Hari doava tudo de si para que ele o fosse.

Ela abandonou quem ela era, por ele.

E de certa forma, eu também o tinha feito, sem saber que ele existia.

— Appa...

De repente, aquela era minha palavra favorita.

— O quê, filho?

Eu estava quase chorando novamente, apenas por poder chamá-lo de tal maneira.

— Você quer conhecer o meu quarto?

— Claro que sim — falei animado, foi quando me levantei e dei a mão para ele, que me esperava claramente ansioso. — Tudo bem, Hari? — indaguei, vendo-a distraída, cantarolando algo baixinho na cozinha.

Ela apenas assentiu, parecendo presa em seu próprio mundinho e eu segui com Jae até o seu quarto.

Era todo cheio de cor e vida. Um desenho lindo do mar com vários animais nele, que parecia quase como um sonho.

— Omma disse que quando eu crescer, vai derrubar uma das paredes e eu vou ter uma visão do mar maior do que apenas a janela — contou, parando ao lado da janela e sorri ao ver a vista que ele já tinha dali.

Era um lugar que eu antes não entendia o porquê Hari tanto amava até que durante todos os anos que se passaram, era minha única ligação com ela, e eu finalmente consegui entender.

Hari era como o mar.

O mar era como Hari.

— Aqui, papai — Jae falou, enquanto pulava e se sentava na cama, batendo ao seu lado para que eu o fizesse.

Sentei-me ao lado dele, que logo se aconchegou na cama, abraçando um ursinho e me encarando.

— Sempre sonhei que meu papai viria e cantaria para mim como a mamãe sempre faz — falou, em toda sua inocência e eu toquei seus cabelos, tirando um pouco da franja de seus olhos. — Você sabe cantar, appa?

— Não tão bem quanto sua mãe. — Fui sincero. — Mas eu posso tentar, filho.

Ele assentiu, como se esperando, pensei em que música faria sentido e de repente, fui levado a uma canção antiga, que me lembrava de ser a que havia em minha mente nos dias mais difíceis de minha infância. Eu não podia compartilhá-la com Jae, mas podia ao menos, trazer a parte mínima que foi boa para mostrar quem eu era para ele.

Cantei baixinho, vendo-o com um sorriso no começo e seus olhinhos tornando-se pesados até o final dela. Ele parecia realmente cansado, uma das mãos segurava o ursinho, e a outra, estava perto da minha como se me deixando claro para que não fosse embora.

Eu não iria.

Eu nunca mais iria.

E me doía saber que ele pudesse temer tal atitude.

— Mesmo que seja para te proteger, você vai saber... Vai saber que o papai sempre vai voltar para casa — sussurrei, enquanto ele respirava fundo em seu sono claramente sonhando com algo bom, com uma expressão de quase sorriso no rosto.

Não saberia dizer quantos minutos eu fiquei ali, apenas olhando para ele e memorizando cada detalhe. De todas as coisas que eu fiz na vida, ele, com toda certeza, era a que eu mais me orgulhava.

Isso era ser pai?

Minha indagação encontrou o barulho da porta se abrindo e Hari colocando apenas a cabeça para dentro, como se já soubesse o que aconteceu.

Ela fez um sinal para que eu a seguisse e me afastei aos poucos de Jae, puxando um lençol mais leve sobre seu corpo. Ele sequer se mexeu como se precisando daquele descanso. Segui Hari para fora do quarto, e encontrei-a apenas na cozinha, já com frutas e pães sobre a bancada.

— Ele estava muito animado e ansioso — falou, sorrindo de lado.
— E acordou muito cedo hoje, só para me perguntar se você era o pai

dele. — Olhei-a surpreso. — Imaginei que ele tiraria alguma soneca a qualquer momento.

— Ele é sempre assim, tão... — soltei o ar com força. — Precioso?

— Uma gotinha do mar teria como não ser? — ela indagou, e era clara a mudança em sua voz, expressão e trejeitos quando falava sobre o nosso filho. — Jae é o bebê que fez a vida de todos nós mudar, da família toda. — Olhei-a interessado. — Pode ver as filmagens agora, se quiser, e vai entender...

— Não quero atrapalhar você, Hari. — Fui honesto, enquanto ela me oferecia a comida. — Eu sei que não é bom, sequer olhar para mim.

— É o pai do meu filho, Kalel. — Deu de ombros, como se apenas aquilo importasse. — Não posso odiar você, nem que eu queira. Porque você me deu a melhor coisa que eu nem sabia que precisava.

— O sonho que você não sabia que poderia viver?

— Exatamente — respondeu com um sorriso, claramente pensando em nosso filho. — Se eu tivesse que voltar e mudar algo, não faria. Porque eu não correria o risco de perder a chance de ser a mãe dele. — Sua sinceridade, assim como no passado, me abalava. — Mesmo que tenha me machucado, valeu a pena, por ele.

— Mas poderia ter tido ele, sem se machucar... — falei com pesar, e ela pareceu apenas não ouvir. — Eu gostaria de poder conversar com você, Hari.

— Não vamos estragar o momento ou as coisas — falou, olhando-me profundamente. — Não vai mudar o que fomos e o que somos, então para quê? Colocar um dedo numa ferida que já está cicatrizada?

Apenas me calei, sem querer discutir sobre. Minha mente viajando para o passado a cada segundo, mesmo que tentando evitar.

Eu me lembrava de cada detalhe daquela época.

Eu me lembrava de quem eu era quando estava com ela.

Eu me lembrava de enxergar o que era amor, no momento em que deveria apenas aceitar uma traição.

Mas ela estava lá.

Ela sempre esteve.

E eu sentia uma saudade que me consumia, todos os dias, de cada um daqueles dois mil e oitenta e oito dias.

— Eu vinha aqui, no nosso aniversário... — falei, enquanto aceitava um potinho com frutas e ela me encarou. — Eu vinha até a parte

das pedras e ficava esperando que por um segundo talvez a gente estivesse compartilhando o mesmo mar, céu e sol.

— Nunca gostou de aniversários — comentou como se tentando fugir do assunto. — Sempre foi sobre mim, mesmo que fosse um bolo para nós dois e velinhas com nossas idades sobre ele...

— E cartas que eu levava meses, até mais que isso para deixar algumas prontas — falei e notei a forma como seu olhar mudou. — Sinto muito não estar em todos esses cinco que se passaram e...

— Vamos parar por aqui, Kalel — cortou-me. — Eu sei lidar com muitas coisas, e tolerar várias delas, mas não vou fingir que aceito algumas. Não vai falar sobre nós como se “nós” fosse algo importante para você. Eu nunca fui. E está tudo bem sobre isso.

— Você sempre foi o meu Norte, Hari — confessei, guardando todo o sentimento que explodia dentro de mim. — Você ainda é.

— E continuei não tendo importância alguma para você, certo? — deu de ombros. — A ponto de que só descobriu sobre Jae por acaso e não porque veio me ver, mesmo que de longe. — Ela parou com as mãos sobre o balcão, como se estivesse pensando. — Apenas pare de fingir que se importa ou se importou comigo, é tudo que eu te peço. Pare!

No momento que abri a boca para tentar explicar, a voz sonolenta de Jae tomou o ambiente e me virei para ele.

— Appa!

Ele então veio correndo até mim ainda coçando seus olhos.

— Cuidado, Kalel!

Olhei para Hari, mas de repente notei que ela falava com nosso filho, que eu trouxe para o meu colo notando que ele gostou de ser tratado assim. Eu não pude segurá-lo antes e enquanto pudesse, o faria, agora.

— Mamãe só usa meu segundo nome quando está brava — ele comentou, e então meu olhar parou em Hari, que apenas desviou o seu.

Eu a tinha machucado, mais do que tinha real noção.

E eu nunca me perdoaria por tal coisa. Nunca.



“Bem, talvez nós tenhamos nos perdido na tradução

Talvez eu tenha pedido por muito

Mas talvez isso fosse uma obra prima até você rasgá-la por completo

Fugindo assustada, eu estava lá

Eu me lembro disso tudo muito bem”^[39]

HARI

Jae já dormia e Rita estava com ele como boa madrinha babona que era, que sempre aparecia para sondar se eu precisava de um momento. Ela era mais do que a madrinha dele, e sim, uma amiga mandada pelos céus. Ou melhor, mandada por Vincenzo Oppa, que acertou em cheio na maneira que ela sabia nos ajudar.

Eu tentava meu melhor.

Eu tentava não deixar à flor da pele.

Porém, eu estava a um fio de estourar. Então fui em busca da única coisa que me fazia estar sã novamente e me equilibrar: o mar.

Corri pela beirada, indo de uma ponta à outra na praia, mesmo já sendo tarde da noite.

Minha mente a mil e tentando não pensar que Kalel poderia estar ali. A realidade era que eu queria poder fugir dele e por isso eu buscava a paz que apenas o mar me entregava. Como se a gente se entendesse por completo. Como se o mar fosse o meu melhor amigo. De certa forma, ele era.

Depois de cinco voltas completas por toda a extensão eu parei, e caí na areia, bem perto das pedras. Fiquei ali, encarando na direção em que minha casa ficava e sabendo que Kalel sequer tinha uma visão dela quando estivesse ali.

Por que então ele vinha, todos os meses, durante todos aqueles anos naquele local?

Por quê?

Por que ele tinha que voltar e me iludir com todas aquelas sensações e atitudes desconexas?

Por quê?

Eu vinha até a parte das pedras, e ficava esperando que por um segundo, talvez a gente estivesse compartilhando o mesmo mar, céu e sol.

Por quê?

Eu senti a sua presença perto de mim, como se pudesse compreender por completo tudo o que ele representava. Tudo o que ele causava em mim. O seu poder e domínio sobre cada célula do meu corpo, deixava-me com ainda mais raiva de tudo.

O que antes era fantástico, hoje era desanimador.

— Hari...

— Por quê? — perguntei encarando o mar à minha frente, apenas com a pouca luz da lua e a baixa iluminação que vinha do calçadão que ficava a metros dali. — Por que, Kalel?

Eram tantas perguntas, mas eu poderia resumi-las daquela forma. Já que todas elas começavam com a mesma palavra.

— Porque eu te amo, Hari.

Ri sem vontade alguma, e me levantei, encarando-o.

Antes mesmo que eu pudesse pensar novamente ou que ele o fizesse, minha mão direita encontrou seu rosto, com toda força que eu não usava em um soco há anos. A não ser, contra meu saco de areia.

Mas ali estava eu, descontando a dor que eu sentia, na pessoa que foi a maior causadora dela.

— Eu quis fazer isso desde o momento que te vi de novo. — Fui honesta, vendo-o cambalear e quase cair para trás na areia.

— Só isso? — ele cuspiu algo, limpando a boca em seguida. — Só isso, querida?

Ele estava mesmo... mesmo me provocando?

Não precisava de muito para que eu realmente caísse naquilo. E eu caí, porque eu precisava colocar para fora, de uma forma que nunca mais precisasse fazer novamente.

Então meus socos foram para o seu corpo. Toda minha raiva, angústia e mágoa, sendo descarregadas nele. Como se eu pudesse descontar cada noite mal dormida, cada pergunta sem resposta, cada lágrima que caiu, cada lembrança dolorosa... Tudo. Como se eu pudesse descontar tudo, exatamente naquele que me fez ficar daquela maneira.

Eu sempre pensei que amar Kalel Kang fosse algo natural, até perceber o quanto aquele sentimento, parecia ter me deteriorado.

Talvez, eu simplesmente gostasse de me iludir? De que fomos feitos um para o outro? De que eu o conquistaria e seríamos felizes para sempre? De que ele era o mocinho na minha história de amor?

E a cada soco que ele não desviava ou segurava, vi a minha força sendo drenada. Não pelo cansaço, mas sim, pela ferida que nem de longe estava cicatrizava. Era como se ela sangrasse.

— Se eu tivesse te visto após aquela noite, eu teria te dado essa surra... — assumi, dando mais um soco e acertando seu ombro. — Eu teria, de alguma forma, te colocado no lugar e te feito ficar... Era isso que eu pensava... — ri sem vontade alguma, deixando uma lágrima descer. — Era com isso que me iludia. — Meus socos ficando mais fracos, assim como minha vontade de lutar. — Eu nunca pensei que me cansaria desse sentimento, mas essa é a verdade... eu cansei.

— Hari... — tentei me afastar, mas suas mãos seguraram as minhas contra seu peito como se não pudesse permitir. — Eu sei que eu não mereço qualquer chance, eu sei que... que eu deveria ter visto antes. Que estou mais do que atrasado, mas eu... Eu não posso fingir que não te amo.

— Amor, Kalel? — perguntei derrotada. — Amor não te usa e te abandona... — fui honesta, outra lágrima descendo. — Amor não te deixa e nunca te procura.

— Eu não podia.

Sua voz era quase como se quebrasse a cada respiração.

— Por que não? — indaguei, tentando me soltar dele, mas ele não permitiu. — Por que pode ver todos os nossos irmãos, durante os anos que se passaram, mas nunca, em momento algum, pôde me ver? Por quê? O que tem de tão errado comigo?

Surpreendendo-me, suas mãos soltaram as minhas e foram para o meu rosto, fazendo-me olhá-lo. Ele parecia um reflexo meu: quebrado.

— Porque se eu te visse de novo, eu desistiria — falou, olhando-me profundamente. — Porque apenas a visão de você me faria voltar atrás e não seguir o que devia.

— E por que não voltou?

— Porque eu precisava proteger você. — Olhei-o com pesar como se querendo me soltar e apenas sair. — Sei que talvez nunca entenda, mas... Eu precisava te deixar segura, mesmo que isso fizesse com que eu perdesse tudo. Incluindo você.

— Não faz sentido algum, Kalel. — Levei minhas mãos às suas, tentando afastá-lo. — Nós nunca fizemos sentido, e me mata por dentro saber disso, só agora.

Ele encostou nossas testas, e eu me senti mais viva do que nunca, como se aquele fosse o lugar a que eu pertencesse.

— Mesmo que não tenha sentido algum, você soube antes de mim, e antes de qualquer outra pessoa... que nós, somos um do outro, Hari. — Neguei com a cabeça, como se pudesse ir contra a realidade de meus sentimentos. — Você sabia e ainda sabe disso.

— Não vou deixar que quebre meu coração novamente... — assumi, e dei um passo atrás, finalmente me afastando dele. — Não vou permitir que toda essa bagunça de “nós” me faça sofrer de novo.

— Querida, eu não vou, nunca mais...

— Do que estava me protegendo? — indaguei, e ele pareceu paralisar. — DO que estava me protegendo, Kalel?

— Hari...

— Não pode me proteger de você, mas me protegia do quê, então? — perguntei, todo meu corpo a ponto de desabar. — Do quê, Kalel?

— Eu não devia... — suspirou fundo. — Eu não devia ter falado sobre isso.

— Por quê? — ri sem vontade alguma. — Para me proteger?

— Porque não quero que me queira, apenas por isso.

— Eu te amei antes de fazer qualquer coisa, Kalel. — Fui honesta. — O que fez ou deixou de fazer, não muda meu sentimento.

— Você ainda me ama? — sua pergunta me fez abraçar a mim mesma, e querer chorar.

Porque a resposta era tão simples como há quase seis anos atrás.

Eu o amava.

E eu o odiava por não conseguir deixar de amá-lo.

— Você sabe a resposta — falei e dei um passo atrás, sem coragem de deixar aquilo sair em voz alta. Como se o fato de admitir em palavras, fizesse com que eu me sentisse mais fraca. — Então...

— Eu sinto muito por tudo, querida — falou, olhando-me profundamente. — Eu sinto muito por ter feito o que fiz.

— O que você fez, Kaleb?

— Eu achei que eu era aquele que o Ottis queria, porque me enxergavam com o ponto fraco dos Kang e então, me usariam contra nossos irmãos, mas na verdade... — suspirou fundo, encarando-me. — Eles me queriam para poderem me usar contra você.

— Eu?

— Eu era o seu ponto fraco, e eles sabiam disso. — Vi que ele parecia pensar em cada palavra que usava. — E eu demorei para colocar tudo em ordem, mas quando fiz, enxerguei os detalhes... de que você sempre foi o objetivo deles.

— Deles quem?

— Dos Park. — Sua resposta me fez quase perder o equilíbrio.

— Eu matei todos os responsáveis pela morte dos meus pais,
Kalel.

— Mas ninguém os matou, Hari.



“Só é cruel assim agora

Perdida no labirinto da minha mente

Termina, se liberta, cai a ficha, desmorona

Você quebraria suas costas para me fazer abrir um sorriso”^[40]

KALEL

Ela caiu sobre um joelho como se perdendo completamente o sentido e corri até ela, segurando-a no lugar.

— O que quer dizer com isso?

— Não acho que deva falar mais, Hari — falei, preocupado com ela e sabendo que talvez já tivesse sido demais. — Estou te fazendo mal e...

— Por favor, Kalel.

Olhou-me como se precisasse daquilo e eu sabia que não negaria.
Não a ela.

— Os Park arquitetaram isso desde muito tempo, que um deles, seria um Kang. — Então seu olhar paralisou no meu.

— Meus pais? — indagou, parecendo pesar a palavra. — Eles não morreram pelas mãos dos próprios Park?

Neguei com a cabeça, vendo a dor estampada em seu semblante. Era por isso que eu não queria trazer aquela história para ela, porque tinha certeza do quanto a machucaria.

— Eles foram encobertos pelo Cartel de Ottis, e... e usariam você na hora certa. — Seu olhar parecia ter se apagado. — Foi aí que entrou Lea e tudo ao meu redor. Para que de alguma forma, me usassem para atrair você.

— Como descobriu isso? Como... Como soube que era sobre mim?

— Depois que Lea acertou três tiros nas minhas costas, que foram para o colete que eu usava porque você praticamente me obrigou... — falei, sabendo que ela salvou a minha vida, e o quanto lhe devia tudo. — Eu apenas saí sem rumo algum até encontrar um lugar vazio e tentar

colocar a cabeça no lugar... Lembrava-me de estar tão perdido pensando sobre como foi perigoso ter confiado facilmente nela e que eu queria apresentá-la a vocês e teria talvez os matado, ao fazer isso...

— Kalel...

— A culpa me corroía e eu só queria um fim para aquilo — admiti, sabendo que a carregava até hoje. — Mas foi então que me lembrei de um detalhe, da cena que me aguardava na casa de Lea, quando estava lá... Tinha um envelope ao lado do sofá dela, com o sobrenome Park escrito à mão.

— Os Park sempre enviavam cartas com sua própria assinatura... — Hari falou e eu sabia daquilo, justamente porque ela me contou no passado.

— Foi então que parei para pensar do porquê Ottis fez toda uma emboscada comigo e foi quando corri até o hotel em que estava. — Soltei o ar com força. — Eu não sabia que te amava naquela hora, mas eu sabia que te queria. — Fechei os olhos com força. — A mínima ideia de que algo ali te envolvesse, me fez sentir ainda mais quebrado por não ter percebido os sinais... Eu poderia ter perdido você, enquanto você era quem me fazia sentir vivo.

— Kalel...

— Quando eu decidi pedir a morte de um Kang, foi justamente porque eu percebi o quão fraco era, em comparação a cada um de vocês... — admiti deixando uma lágrima descer. — E então, eu precisava de algum jeito, encontrar um caminho mais rápido do que os próprios Kang para te proteger... — seu olhar parecia perdido. — Eu pensei que seria rápido, confesso... — suspirei fundo, negando com a cabeça a minha própria ilusão. — Quanto mais eu descobria sobre o Cartel e suas razões, menos fazia sentido aquele envelope com o sobrenome Park... Até que cheguei a Guillermo Ottis, e vi-o torturando duas pessoas — confessei. — Eu soube que eram seus pais por conta de suas fotos, e... Ouvi tudo o que eles tinham para dizer para tentar entender e foi quando descobri que o objetivo deles, desde que pensaram em um filho era para derrubar os Kang. — Hari parecia inerte. — Eles queriam o poder que os Kang tinham e sabiam que o único jeito de alguém ser um Kang era da forma como colocaram você... Para um dia, na hora certa, usá-la contra os próprios Kang e eles tomarem o poder. Todos os Park concordaram em morrer por isso e assim, arquitetaram para que seus parentes fossem os culpados. — Soltei o ar com força. — Cha hyung era amigo do seu pai, então... não foi como se ele pudesse desconfiar de algo assim. Sabemos que todos estamos sujeitos a erros, e o erro de Cha foi ter confiado neles e chorado a morte que nunca existiu.

— Então... — ela soltou o ar com força, as mãos se apoiando em meus ombros. — Eles estão vivos?

— Eu ouvi tudo isso, durante uma sessão de tortura que Guillermo Ottis fez com eles e eu estava infiltrado. — Neguei com a cabeça. — Ottis os protegeu durante todos esses anos, pelo fato de eles serem pais de uma Kang até que ele precisou descartá-los, já que ele estava perdendo o poder no próprio cartel pelas mortes sem explicação dentro dele.

— Mortes que você causou? — indagou e eu assenti, desviando o olhar. — Kalel... olhe para mim. — Voltei-me para ela e busquei a sua culpa sobre mim, mas apenas encontrei o pedido silencioso para que eu continuasse. Então, o fiz.

— Eu fiz o que tinha que fazer para descobrir a verdade quando estava lá e após ouvir toda a história eu pensei em intervir, Hari. Eu pensei em fazer alguma coisa, mas... Eles tomaram o veneno que traziam, antes mesmo de Guillermo realmente os machucar. — Desviei o olhar. — Guillermo queimou os corpos e eu já tinha visto e vivido o suficiente com aquilo.

— O que houve depois?

— Eu vim para cá, buscar minha paz como sempre fazia... — confessei. — Foi quando me machuquei em uma das pedras e acabei indo para o hospital.

— E então nos viu...

— Então os vi. — Fechei os olhos com força. — Eu poderia ter feito tudo isso sendo um Kang, mas se demorou quase seis anos para fazê-lo, usando dos meios mais baixos e nada honrosos para descobrir, demoraria muito mais sendo um Kang.

— Guillermo foi morto pelos próprios membros do Cartel, segundo o que Baldur me contou — assenti e ela respirou fundo como se aliviada. — O que sobra agora?

— De mim? — indaguei, suspirando fundo. — Pensei que não sobraria nada até o momento em que te vi e ouvi a voz de Jae.

— Isso é tudo tão fodido, Kalel — assenti, vendo que ela parecia incrédula. — Me faz querer que eles estivessem vivos para que eu pudesse matá-los. — Sua voz soou fria e quebrada. — Como podem colocar alguém no mundo apenas para... para usar dessa maneira?

— Eu sinto muito, Hari — falei, tocando seu rosto e senti o molhar de uma lágrima. — Eu sinto muito mesmo, querida.

E então a trouxe para o meu colo, ali sentados na areia e seu choro explodiu. Como se toda a dor que ela nem sabia que existia, se apoderasse dela. E deixei-a ali, presa a mim para colocar tudo para fora. E se pudesse, eu retiraria toda dor dela e traria para mim.

Foi o que tentei fazer por todos aqueles anos, para no fim, falhar miseravelmente. Mas não podia ser como eles. Não. Não com ela. Não podia esconder a verdade que lhe pertencia. E não poderia esconder mais nada dela nem mesmo, o pior de mim.



“Só dói tanto assim agora

É o que eu estava pensando o tempo todo

Inspire, respire fundo, expire

Eu vou levar a vida toda para te superar”^[41]

HARI

Tudo que eu poderia supor.

Tudo o que eu poderia ter acreditado, se desfazendo.

Tudo o que eu deduzi sobre, não chegando nem perto da realidade.

— Pensei em um jeito melhor para me declarar, e nunca trazer essa história à tona. — falou, sua voz tão baixa, enquanto nossa

proximidade era máxima. — Mas você merecia a verdade, querida.

Eu estava em seu colo, após chorar tudo o que deveria e não deveria, por aqueles que um dia acreditei que me amassem.

— Eu não sou mais a sua querida. — falei, mesmo que estivesse presa ao corpo dele, e não quisesse sair. — Eu sabia tantas coisas quando mais nova, e agora, parece que não sei mais nada.

— Eu nunca soube nada, então... — sorriu de lado, e tocou meu rosto, afastando os cabelos que caíam em meus olhos. — Sempre deixei todas as certezas para você.

— Eu não tenho mais certeza de nada. — Fui honesta. — Mas eu preciso perguntar, Kalel. Por que você me ama? Por que agora?

— Eu descobri tarde demais, que foi desde sempre. — Sua resposta me acertou em cheio. — Desde o momento em que meu corpo caiu sobre o seu, nessa mesma praia... — ele pareceu lembrar-se da cena, com o olhar longe dali. — Quando me encontrei sozinho, e pensando no que fiz. No porquê eu fui direto a você, eu entendi. Lea me chamou de querido, no primeiro dia que a conheci. — Desviei o olhar, sem poder disfarçar que aquilo me afetava. — Mas eu a corriji de imediato, e disse que não poderia usar esse apelido. — Olhei-o surpresa. — Eu sempre pensei mil e uma vezes, antes de tocar nela, quando... quando para tocar

você, sempre bastou estar perto. — Sua mão encontrou a minha, segurando-a com força. — E foi quando juntei todos os pequenos pedaços, de forma como o Hansen sempre me incomodou a ponto de eu querê-lo longe de você. E eu apenas não admitia que era ciúmes, até agora... — negou com a cabeça, e sorriu. — E eu me vi sendo a pessoa que entraria no inferno por você, mas jamais o levaria para si. Vindo até aqui todos os meses, na busca cega de ter algo em comum com você, e sempre relembrando todas as nossas conversas, sentindo falta da sua sinceridade, do seu sorriso... — tocou meu rosto, e suspirou fundo. — Dizem que só damos valor quando perdemos, mas a realidade era que eu te tive, e me deixei perder, para só então entender que é a melhor coisa que já foi minha.

— Não vamos citar Taylor Swift numa hora dessas. — falei, tentando amenizar o momento, e não ir de cabeça naquilo. — É um mafioso, temido por tantos...

— Mas eu sei todas as músicas que ela lançou de lá para cá, porque eu precisava ter mais em comum, de alguma forma... Buscando rascunhos de você, sem mais estar na história. — Olhou-me profundamente. — Mas o porquê eu te amo? A pergunta seria: por que não amaria?

E ele usava minhas palavras do passado, sobre mim.

— A forma que é leal com aqueles que ama. O jeito como não tem medo algum de mudar, e sempre acredita em algo melhor. A maneira como ama o que tem que amar, e não tem vergonha alguma de esconder. O sorriso que se abre no seu rosto, sempre que escuta alguma música tocando, seja qual for, em qualquer lugar. A maneira como sempre tenta ser atenciosa e carinhosa com nossa família. O jeito como corre como se ainda fosse uma criança pela areia. A forma como nunca deixou que o seu passado te definisse. O fato de não ter medo algum do que é, e de quem é. O quanto consegue sempre encontrar um lado bom, mesmo na dor. O jeito como sorri e seus olhos se fecham, e você fica perdido em seu rosto. A companhia silenciosa que você entrega, nos momentos que sabe que é tudo que preciso. A companhia barulhenta, quando tentava me tirar de mim mesmo, e da minha melancolia. — Suspirou fundo, olhando em direção as ondas, e uma lágrima desceu por meu rosto. — Eu sabia de tudo isso, mas eu não queria enxergar. Eu sempre pensei que o amor seria imediato, até eu entender que ele é construído. E nós fomos construídos para ser, um pelo outro. — Fechou os olhos, e sentiu a brisa lhe atingir. — Você é como o mar. As ondas quebram e se modificam a cada segundo, barulhento a cada instante. Até que você mergulha... e lá no fundo, você encontra o silêncio, o abraço que apenas a água pode te dar. E você é exatamente assim.

— Kalel...

— Acho que esse é o momento de eu dizer que “eu sei, querida”.

— Abriu os olhos e me encarou. — Eu sei que é muito para assimilar. Eu sei que pode não retribuir tudo isso. E eu entendo. Mas não poderia guardar porquê... porque pensei que nunca teria a chance de dizer em voz alta.

— E resolveu quando nos viu?

— Eu sabia que quando te visse, eu voltaria. — Suspirou fundo.

— Essa era a única certeza que não mudou, e que realmente se concretizou. — Sorriu de lado. — Naquela noite, eu te disse, enquanto dormia, que se eu pudesse escolher no amor, eu escolheria você. Eu só não tinha ideia, que já tinha te escolhido há tempos.

— Eu sempre imaginei como seria, se você tivesse ficado...

— Se eu estivesse lá quando me levantasse, eu não deixaria me levar pelo que sentia ser o certo. Mesmo que o certo, quebrasse o meu próprio coração, ao quebrar o seu. Ao quebrar o de cada um dos nossos irmãos.

— Obrigada por me proteger. — falei, sendo totalmente sincera.

— Apesar de tudo, obrigada.

— Obrigado por me ouvir, querida. — Encarou-me profundamente.

Afastei-me com cuidado do seu corpo, levantando-me, e senti falta do seu toque no mesmo instante. Ele se levantou, e eu o encarei por completo. Em todo aquele tempo, pude enxergá-lo novamente. Mesmo com todos os sentimentos confusos, eu tinha uma verdade: a de que, nós dois, se fosse para ser, seria.

Porém, ainda era apenas um dia após o outro.

Então nós caminhamos lado a lado, na areia, como no passado.

Mãos a poucos metros uma da outra, mas sem se tocar.

Olhares procurando um do outro, como se não pudesse evitar.

E eu me vi pensando, se estávamos em solo sagrado novamente.



“Dizem que o fim está próximo

Todos estão tramando algo

Eu me peguei correndo para casa, para as suas palavras doces”^[42]

Dias depois...

HARI

— Vamos, filho. — falei, e Jae entrou na minha frente, dançando perfeitamente o refrão. — *Run bulletproof, run, yeah, you gotta run...* — cantei junto a música, e Jae fazia carão, enquanto dançava perfeitamente.

O que eu não sabia fazer quanto a luta, eu fazia em respeito da dança. E nós nos divertíamos e muito durante aqueles momentos. Sorri, seguindo-o, e senti um olhar sobre nós no segundo seguinte, enquanto

Jae fazia seu solo, que combinava perfeitamente com a forma fácil que ele pegava as coreografias.

Levantei meu olhar, para encontrar Kalel deixando sua bolsa ao lado dos aparelhos, e prendendo o cabelo no alto da cabeça, aproximando-se com um sorriso no rosto, enquanto nos olhava.

Vi-o parar ao lado de Jae, que já se viraria para abraçar o pai, mas ficou surpreso, assim como eu, quando o viu começar a dançar a coreografia também. Eu sorri, sem poder evitar, vendo-os entrar naquele mundinho, e meu filho pareceu adorar compartilhar aquele momento com o pai também.

— Preciso de água. — falei, sentindo todo meu corpo suado, e Jae fez seu momento dramático, deitando-se contra o chão, e dizendo que era uma gotinha pura.

Eu nunca poderia ter acertado tanto em apelido como naquele.

— Cheguei um pouco antes da hora da aula. — Kalel falou, e entreguei uma garrafa de água para ele, que logo levou até Jae, que fazia seu melhor em dramatizar. — Isso é melhor que qualquer exercício.

— Preciso concordar. — falei, enquanto Jae bebia sua água. — Algo novo?

— Vou para casa, em alguns dias... — comentou, e eu o encarei de cima abaixo. — Gostaria de saber, se gostaria de ir comigo?

— A Mansão Kang? — indaguei, e ele assentiu. — Faz tempo que não vamos até lá.

— Chae, Jeon e Hinata vão chegar essa semana, e pensei que seria o mínimo, estar lá...

— Prepare-se, porque os mais novos são sempre os piores. — falei, e franzi o cenho. — Jeon Oppa é mais velho, mas sabemos que ele as vezes, parece ter a idade de Hina.

— Eles ainda brigam muito?

— Estão sem se falar há quase um mês. — Kalel parecia surpreso. — Tudo porque ele descobriu que Hina... ficou com Baldur. — Sussurrei o resto, e seus olhos se arregalaram.

— Pensei que Baldur tinha interesse em você. — Pareceu realmente incrédulo.

— Esperava essa reação de alguém que está há anos fora, não de Jeon Oppa. — Revirei os olhos. — Ele e Hina vivem nesse pé de guerra, e Chae reclama todos os dias. Quando tiver seu novo ponto, vai entender o que estou dizendo.

— É estranho estar tão fora das situações assim. — suspirou fundo, como se pensando sobre. — Mas é bom estar de volta, e sentir que nada mudou.

— Pelo menos, nenhum de nós. — Dei de ombros, olhando para Jae, que bebia sua água aos poucos, e parecia que sua vida dependia daquilo. — Tirando as novas pessoas em nossa vida, como Jae, Saron... — sorri de lado. — Está devendo uma visita a casa de Dove Unnie, e sabe disso, não é?

— Sei. — Assentiu, levando uma mão a nuca, como se nervoso. — Pelo menos, com eles, eu acertei.

— O único acerto de um romântico, digamos que seja ruim nisso. — Provoquei, e senti uma de suas mãos encostarem perigosamente em minha cintura, no momento que ele foi pegar algo em sua bolsa.

Ele era bom em fazer aquilo sem que ninguém ao redor notasse, principalmente, o nosso filho, porém, eu sentia tudo. O que não deveria. Ou deveria?

— Trouxe algo. — falou, e sua boca raspou minha orelha, e eu o olhei incrédula, meus olhos prontos para julgá-lo. — Não é o que deve estar pensando... — rebateu, e o olhei indignada.

— Não estou pensando nada. — Fui sincera. — A não ser, que está ficando sem noção do perigo. — Bati em sua mão, e ele se afastou com uma risada. — O que trouxe?

— Isso. — Entregou-me uma pasta na cor azul, e fiquei confusa ao encará-la. — Eu sempre escrevia antes, e dessa vez, não foi diferente.

— Uma carta para o meu aniversário?

— Com o acréscimo de cinco. — Sorriu de lado, como se envergonhado. — Eu escrevi, todos esses anos, mesmo que não pudesse entregar. Então, serão seis.

— Ainda falta um mês para o nosso aniversário.

— E eu acho que finalmente acertei, sem fazer tantos rascunhos, e resolvi te entregar. — Sorriu envergonhado. — É de coração, querida.

— Preciso reclamar sobre esse “querida” de novo?

— Sabe que não adianta reclamar. — Piscou um olho, e apenas foi até nosso filho, que parecia ter voltado a vida depois de suar como eu.

— Omma, quero ir para a praia.

Virei-me para Jae, que sorria para o pai, como se tentando convencê-lo.

— E sua aula de luta?

— Posso ter duas amanhã? — indagou, e seria domingo, mas eu conhecia bem o suficiente, para saber que se ele convencia o chefe da máfia Kang, com toda certeza, convencer Kalel seria fichinha.

— Vá se trocar...

Ele soltou um gritinho animado, e correu em direção as escadas, parando para andar devagar, quando chegou nelas. Ao menos ele não corria nelas, já era um avanço.

— Ele parece estar nos deixando sozinhos, de uma forma nada sutil.

— Culpada! — levantei a mão, como se me entregasse. — A gente assistiu várias vezes Operação Cupido, e duvido que ele tenha ficado focado apenas na parte de que queria ter um gêmeo.

— Então eu posso te culpar, por estarmos sozinhos? — indagou, num tom baixo e selvagem, que eu não conhecia.

O fato era que a nossa primeira vez, foi em meio a um dilúvio. Não tinha como comparar com nada, e nenhum joguinho de sedução. O fato era que eu sequer sabia jogar aquilo, já que eu não tinha cabeça de fato para pensar sobre querer algo, sendo que estava ocupada demais tentando não o querer.

— Quantas vezes tentou seduzir alguém? — perguntei, deixando a minha sinceridade sair. Não gostava de falar entrelinhas, e tinha sido a forma que fiz com ele, naqueles tempos. Por que eu só não podia ser eu mesma?

Porque você o quer! Minha mente acusou.

Porque você já é dele! Meu coração rebateu.

— Uma. — Olhei-o sem entender. — E acabei tendo a melhor noite da minha vida, e a mais difícil também. — Confessou, parando bem próximo, a um fio de cabelo de distância do meu. — Acho que essa parte da história, eu nunca te contei.

— Não estou entendendo. — Fui honesta.

— Foi a minha primeira e única, Hari. — Olhou-me profundamente, notei a leve vermelhidão em seu rosto, como se o entregando por completo. — Nunca confiei em mais ninguém, a não ser, em você.

— Mas Kalel, eu...

Eu o vi a beijando.

Eu o vi avançando a cada dia, um passo com ela.

— Eu sempre fui bobo em confiar minhas palavras e minha boca.
— Parecia realmente envergonhado. — Mas a realidade daquela noite,

me acertou em cheio, de que eu nunca quis tê-la com mais ninguém, apenas com você.

— Em meio a dor, a traição, a toda aquela confusão...

— Em meio a qualquer coisa que fosse, você. — Sua mão veio para o meu rosto, segurando-o com cuidado. — Isso que demorei a admitir a mim mesmo, mas é a verdade. O meu caminho e o meu lar sempre foram até você... Sempre foi sobre você.

Eu queria duvidar.

Eu tentava ouvir aquela vozinha no interior que gritava: *não o deixe quebrar seu coração novamente.*

— Promete que vamos ser melhores? — indaguei, levando minha mão até a sua, e trazendo-o para mais perto. — Que vamos ser sinceros, sempre?

— Sempre.

Então, minha boca foi para a dele, e ele pareceu se assustar em um primeiro instante, mas no segundo, trouxe-me para si, fazendo-me entrar em um ritmo que nunca, nenhum outro pode estabelecer. Porque era ele. Sempre foi ele.

Era como se eu estivesse esperado a vida toda para ser tocada novamente por ele. Porque era quando eu realmente me sentia viva.

Em meio ao beijo, eu senti seu sorriso, e me tornei uma bagunça em seus braços. Ele tropeçou, fazendo-nos cair, mas foi rápido o suficiente para que eu caísse sobre seu corpo, e ele me segurou contra si.

— Foi assim que literalmente caí por você, da primeira vez. — Notei seus olhos molhados. — E é assim, que me vejo caindo sempre, querida.

— Eu te odeio por não me deixar te odiar. — falei, encostando novamente nossos lábios. — Eu te odeio por ser exatamente o que eu quero, mesmo depois de quebrar meu coração.

— Eu vou fazer de tudo, para colar cada pedacinho de volta...

Ele era real?

Eu estava envolta mesmo, do homem que eu amei a vida inteira, ouvindo aquilo?

— Seja com palavras, com meus beijos, com meus toques... — segurou meu rosto e trouxe para perto. — Seja da forma que você quiser, querida.

— Apenas me queira, isso é o suficiente.

Ele então me deu um sorriso, que eu não tinha visto até então. Não em minha direção. E eu sabia, então, que ele estava feliz, porque

nada se comparava a expressão de paz em seu rosto. E por um segundo, naquele mudinho só nosso, bastava.

Ele então ia dizer algo, e eu neguei, levando as mãos até sua boca.

— Eu sei, querido. — Sorri para ele. — Eu sei agora.

Sabia que ele diria que me amava. Como? Porque era o que me levava aquele momento. De todos os caminhos separados que seguimos, e por todas decisões que tomamos, a gente se encontrou bem ali. No nosso interior. Na nossa verdade.

E nada superava aquilo, nem mesmo a dor e a saudade, que ainda atingi a nós dois. Não era como se tudo fosse resolvido, e nenhuma mágoa existisse. Nós éramos humanos, e ele sabia, apenas por me olhar, que existia uma longa estrada a seguir.

Porém, iríamos segui-la juntos.

E de algum jeito, a gente faria dar certo.

— Eu também sei, querida. — Sorriu debaixo de meus dedos. — Finalmente, eu sei.



“Ah, ah, estou me apaixonando

Ah, não, estou me apaixonando outra vez

Ah, estou me apaixonando

Achei que o avião estivesse caindo

Como você deu meia-volta?”^[43]

KALEL

Aquele era o melhor pôr do sol que eu tive, e não tinha como pensar diferente. Com Hari e nosso filho rindo em meio a água, e as ondas quebrando sobre nós. Com o seu sorriso iluminando ainda mais que o próprio sol, e sendo o meu guia.

O meu Norte.

Ela sempre foi, e ela sempre seria.

— E por que eu não fui convidado?

A pergunta em coreano me fez travar o corpo, e foi quando me virei, e então notei cinco pessoas na areia, e três das quais eu ainda não tinha tido a oportunidade de ver.

— Chae...

Ele foi o primeiro a tirar a camisa social, e ficar apenas de calça, correndo em minha direção, e eu fiz o que qualquer pessoa sensata faria, nadei na direção oposta.

— Está com mais músculos, mas continuo maior que você, hyung!

Parei, apenas pela forma que ele me chamou, e sabia o quanto eu sentia saudade de ser o se hyung.

— Ah, achou que ia escapar.

Ele então me afundou na onda, e sorri, mesmo engolindo água e meus olhos ardendo. Quando voltei, um tapa acertou com força meu peito, e foi quando notei Hinata, que parecia inconformada, enquanto me olhava.

— Um aviso: se a machucar de novo, eu esqueço que é meu Oppa. — Ameaçou, antes de usar o corpo de Chae como alavanca, e me

afundar na próxima onda.

— Precisava ser iniciado como um Kang de novo.

— Hyung... — Jeon tinha seu semblante sério, que várias vezes, poderia assustar a qualquer um.

— A sua sorte é que nosso sobrinho pediu para virmos conhecer o papai... — foi quando virei o olhar em direção a Jae, que corria em torno de Vincenzo, enquanto Dove o acompanhava. — Ou teria quebrado a sua cara no chão de casa, para aprender a nunca mais pensar em proteger a todos nós sozinho.

Ele bateu em meu peito, antes de me abraçar com força.

— Nunca mais. — falou sério, e então me encarou, como se dando uma sentença. — Como um Kang, certo.

Assenti, e lágrimas se formaram em meus olhos.

Tudo o que não chorei por anos, me tornando em uma bagunça completa, porque eu estava diante deles. Aqueles que me deram força, em todos os momentos mais difíceis, sombrios e assustadores. Eu me lembrava dos gritos de Hinata. Eu me lembrava do sorriso de Hari. Eu me lembrava das reclamações de Chae. Eu me lembrava das palavras certas de Jeon. Eu me lembrava da pose superior de Dove. Eu me lembrava do olhar persistente de Vincenzo.

Sempre tentando meu melhor, por cada um deles.

E a minha frente, eu via tudo acontecer, como se naquela ordem novamente.

— Vamos titio Vincenzo.

E então, eu vi Dove nos alcançar junto a Hari, enquanto Vincenzo era puxado por meu filho, e mesmo ainda com seu terno, ele entrou no mar.

— Olhe se não o chefe da máfia, mais perigosa do mundo! — Hinata gritou em coreano, e nunca agradeci tanto por estarmos no brasil e com o sol já se pondo, sem praticamente ninguém naquele lado.

Hari sorria da situação, e parecia acostumada com aquilo, enquanto Chae olhava indignado.

— Quando eu pedi para ir comigo em um rio, ele não se moveu um passo.

— Está ficando fácil demais, hyung.

Jeon falou, enquanto Dove parou ao meu lado, olhando a cena, como se fosse superior a todos eles, do jeitinho que apenas ela sabia ser.

Vincenzo apenas nos olhou, trazendo Jae no colo, e como sempre, seu olhar dizia mais do que suas palavras.

Ele estava olhando para todos nós com orgulho, algo que eu pensei, que nunca mais, teria a chance de ver.

— Bem-vindo de volta, querido.

Levantei meu olhar para Hari, minha mão entrelaçada a sua debaixo d'água, e sorri para ela.

Aquela era uma benção sem tamanho.

E nada me definia melhor do que ser parte daquela família. De ser uma mistura de cada um deles.

— Como um Kang. — Respondi em voz alta para Jeon hyung, que parecia esperar, e sorriu. Mas era para cada um deles, para que soubessem, que eu na verdade, eu nunca deixei de ser. — Sempre, como um Kang.

HARI

— Eu me lembro de quando perguntou sobre eu ter muitos quartos nessa casa. — falei, enquanto Kalel servia nossas taças de vinho,

enquanto o silêncio se espalhava pelos corredores.

Dove e Vincenzo sempre foram de se retirar mais cedo, já os outros três, com certeza deveriam estar exaustos do trabalho. E Jae? Eu nunca pensei que poderia ver meu filho tão feliz, como o vi naquele dia.

— E no fim, agora me parece pouco, já que são oito no total. — falou, e parando ao meu lado, enquanto eu tocava uma simples melodia no piano. — E somos em sete, fora que me disse que queria ter dois filhos.

— Eu te contava em um mesmo quarto que eu. — Admiti, aceitando a taça que ele me ofereceu e bebendo um pouco. — Aí, fica perfeito.

— Sempre a uma certeza à frente... — sorri para ele, sentindo um beijo em meus cabelos. — E onde colocou meu presente do seu último aniversário?

— É o chaveiro do carro que você tanto criticava. — Semicerrei os olhos, encarando-o. — Boa sorte em saber que meu gosto maravilhoso por um fusca verde, ficou ainda mais bonito com uma bússola no chaveiro dele.

— Fico feliz, mesmo no carro feio, que eu estive sempre lá. — Revirei os olhos, sabendo que ele ainda criticava meu gosto por carros.

— E senti falta de te ver assim, a frente do piano, com sua taça de vinho favorito...

— Eu faço isso sempre, para me encontrar de novo. — Confessei, e pensei em quantas vezes o fiz, por todos aqueles anos. — Às vezes, o fiz, para me conectar com você.

— Enquanto eu olhava o mar, você tocava... — falou, e eu assenti, entendendo exatamente o que ele queria dizer. — Nós sempre buscamos um ao outro.

— Eu agora sei, que não estava insana por lutar por esse amor... — fui honesta. — E agora eu sei, que posso cantar essa música, com total razão.

— Vai cantar para mim, querida?

— Até você decorar cada letra, querido. — Rebatí, notando seus olhos se iluminarem. — Como a gente fazia, como a gente ainda vai fazer...

Comecei a tocar, e fechei os olhos, sabendo que uma parte do que tanto busquei naquelas teclas, estava ali, ao meu lado, novamente. E eu me encontrava nele, de um jeito diferente, de como poderia me encontrar em qualquer outro. Não era sobre apenas amar, era sobre perdoar. E eu me permitia, dar a chance de viver os dois.

“Um amigo para todos é um amigo para ninguém

Corra atrás de duas garotas, perca a certa

Quando você é jovem, eles deduzem que você não sabe nada

Mas eu te conhecia

Brincando de esconde-esconde e

Me dando seus fins de semana, eu

Eu te conhecia

Seus batimentos altos como em High Line

Uma vez em vinte vidas, eu

E quando eu senti como se eu fosse um cardigã velho

Debaixo da cama de alguém

Você me vestiu e disse que eu era seu favorito...”

Abri os olhos e encontrei os dele, do outro lado do piano,
encarando-me com total atenção.

“Beijar em carros e bares no centro

Era tudo o que precisávamos

Você desenhou estrelas ao redor das minhas cicatrizes

Mas agora estou sangrando...

Porque eu te conhecia

Entrando no último trem

Me marcou como uma mancha de sangue, eu

Eu sabia que você

Tentou mudar o final

Peter perdendo Wendy, eu

Eu te conhecia

Indo embora como um pai

Correndo como água, eu

E quando você é jovem, eles deduzem que você não sabe nada

Mas eu sabia que você duraria como um beijo tatuado

Eu sabia que você iria assombrar todos os meus e se's

O cheiro de fumaça ficaria por todo esse tempo

Porque eu sabia tudo quando era jovem
Eu sabia que te amaldiçoaria pelo maior tempo
Perseguindo sombras na fila do mercado
Eu sabia que você sentiria minha falta quando a emoção expirasse
E você estaria em pé na luz da minha varanda da frente
E eu sabia que você voltaria para mim
Você voltaria para mim
E você voltaria para mim
E você voltaria...”

Deixei uma lágrima descer, quando sua voz chegou a minha,
cantando a parte do refrão.

“E quando eu senti como se eu fosse um cardigã velho
Debaixo da cama de alguém
Você me vestiu e disse que eu era seu favorito...”

Deixei sua voz sozinha, e permiti-me olhá-lo, da forma como
sempre desejei, sem precisar esconder nenhum sentimento que se passava

por mim.

— Se não tivesse ido visitar a fazenda de Dove e depois não tivéssemos nos esbarrado no hospital, acha que estaríamos aqui, agora? — perguntei, quando ele me levantou com um braço, e se sentou no banquinho, colocando-me sobre seu colo. — Acha eu as coisas seriam assim?

— Acho que de todo jeito, em algum momento, a gente se esbarraria. — Olhou-me profundamente. — Porque eu sempre voltei para você, querida. Sempre.

— Eu sei. — Sorri de lado, e o encarei. — Acho que eu sempre soube.

E minhas certezas, mesmo em meio a tantas revelações, ainda permaneciam intactas. Partes de mim ainda buscavam explicações sobre como tudo poderia convergir exatamente para aquilo. E ainda tentava entender como pais poderiam criar filhos apenas pelo poder. Mas a realidade era, que eu nunca fui de fato apenas uma Park.

Eu era uma Kang, além de ser o amor da vida de Kalel.

Eu era uma Kang, por minha escolha, e pela minha certeza.

E nada, nem ninguém, nunca me faria duvidar disso.

— Omma, eu sonhei que tinha uma irmãzinha.

A voz de Jae nos atingiu, e eu praticamente pulei do colo de Kalel, quase derrubando a taça de vinho que ele deixou sobre o tapete, enquanto via meu filho coçar os olhos, e parar para nos encarar.

— Eu vou ter uma?

Foi então que eu apenas encarei Kalel, que foi correndo até nosso filho, pronto para ajudá-lo a voltar a dormir.

E eu sorri, seguindo-os pelo corredor, porque a realidade era que eu não poderia parar o tempo e processar cada parte de minha vida, para só então escolher o que fazer. Eu não era assim. Assim como, as minhas certezas, também não o eram.

E eu tinha apenas uma certeza naquele momento, de que o amor sempre te leva ao que você pertence e a quem você realmente é. E o que eu poderia dizer para a Hari do passado, era que... ela estava certa. Ela sempre esteve. E lutar pelo que você acredita não era uma fraqueza, não como pensei por vários momentos, mas sim, a sua maior força. Porque era lutando pelo que acreditava, que eu cheguei até ali. E sabia que foi exatamente do mesmo jeito, que Kalel chegou até mim.

E olhando-o, enquanto conversava baixinho com nosso filho, e fazia-o voltar a dormir, eu soube que mesmo que se olhássemos para baixo, estava tudo bem. Porque nós sempre estivemos em solo sagrado.



“Hoje à noite eu vou dançar

Por tudo o que nós passamos

Mas eu não quero dançar

Se eu não estiver dançando com você”^[44]

“Querida Hari,

É estranho apenas conseguir chamá-la assim, pelo papel. É ainda mais estranho, pensar em todo tempo que passamos separados, e que me sentia há um oceano de distância de você, para agora, me sentir tão longe, mesmo tão perto.

Eu sempre soube que minhas escolhas poderiam me definir, mas nunca pensei, que elas pesariam tanto assim. Eu perdi tanto. Eu perdi algo que sequer consigo mensurar: que foi você.

Perdi você em cada curva que eu resolvi fazer, que me levou para longe.

Perdi você em cada rua sem saída que eu criei algum caminho, porque sabia que precisava te proteger.

Perdi você, quando não enxerguei antes, o quanto você significava para mim.

O quanto você significa.

Depois daquela noite, nem por um segundo, eu parei de me questionar, do porquê, mesmo com a dor que eu deveria sentir, eu era inteiro quando estava com você. Por que eu me sentia inteiro quando apenas pensava em você? Por que eu vim a sua praia favorita, quando eu não tinha mais um lar para voltar?

E a resposta era simples, assim como você tratou esse sentimento, por mais grandioso que ele seja. Quando é amor, simplesmente é amor. Não há como duvidar. Não há o que questionar. Não há o que esperar.

Porém, eu tive que esperar.

Tive que esperar a vida me fazer enxergar que eu não podia, mesmo que quisesse, te proteger de toda a verdade. E como você sempre fez da verdade algo simples, ela também é: eu te amo.

Eu não consigo me lembrar, em um momento, que não o tenha feito.

Eu sinto muito por tantas coisas. E infelizmente, elas não são simples assim. Porque nunca, em momento algum, vou me perdoar pelo que te fiz passar. Seja no passado, não entendendo o seu amor. Seja ainda nele, deixando-a daquela forma. Seja no agora, em que tento reconstruir o coração que já foi meu, e que nunca mereci.

Eu não entendia por completo, como você se sentia, até que... até que eu me permiti sentir esse amor, e pude compreender, o quanto a distância que eu coloquei entre nós, mesmo tão perto no passado, te machucou. A distância me matou aos poucos durante os dois mil e oitenta e oito dias que passamos separados.

Eu entendi que eu posso ser o que for, para qualquer um. E pode receber todos os nomes ruins possíveis. Mas nem mesmo, ser um diabo, me faz amar menos você. Porque eu iria ao inferno, quantas vezes fossem necessárias, para que você não tivesse que vive-lo novamente.

Mas eu prefiro ser o pai do Jae.

E com toda certeza, prefiro ser o seu querido.

Ser querido por você.

Ser o homem que você ama.

E se o nosso sobrenome não fosse o mesmo, com certeza, eu carregaria o seu, para deixar bem claro a quem pertença. A quem sempre pertencia.

Você sempre foi a minha dona.

E agora é o momento que você sorri e diz: “Eu sei, querido. Eu sempre soube.” E eu vou sorrir de volta, porque é assim que somos, e sempre fomos, e sempre seremos.

O nosso “eu te amo” também é dito em três palavras: eu te quero; eu sei, querido; eu sempre soube.

Obrigado por sempre nos manter em solo sagrado, e por me querer.

Eu te quero, querida

Sempre.

Com todo amor (e todo meu querer),

Seu Kael”



E chegamos ao fim de #Halel! Espero de coração, de que alguma forma, eles tenham te conquistado. Há várias camadas nessa história, e espero ter feito jus a cada uma delas.

Obrigada por dar uma chance a esse livro.

Mas e os outros Kang em?

E o Jae vai ganhar uma irmãzinha? Pensei muito em fazer para vocês, um bônus especial com todas as cartas de Kalel, e como tudo ficou pós eles decidirem ficar juntos. *O que acham?*

Se você deseja ler histórias sobre os outros Kang, me conta nas redes sociais que estão listadas abaixo, ou até mesmo, aqui na avaliação. Vai ser uma honra saber que está curiosa por mais deles!

E um recadinho importante: a Dove já tem seu livro disponível aqui na amazon, o link é esse [aqui](#).

Caso desejem saber mais sobre os projetos futuros e a respeito de cada um deles, me sigam nas redes sociais listadas abaixo, principalmente no Instagram (@alineapadua). Estou doida para poder compartilhar tudinho com vocês.

Obrigada pela leitura (e por tudo),

Aline



Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

Outros Livros

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa. Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa em que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, de quem ela não suporta a presença um segundo.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir, o tanto quanto, um dia fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olivia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava.

Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olivia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém. Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre. Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos – era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada. Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse

ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação dela. Quando ela estava à sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o

fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO

Família Fontes – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Nas voltas que a vida dá, Talita e Gael se encontram dizendo “sim” no altar.

A rejeição à frente de várias pessoas foi o que Talita Kang vivenciou aos dezessete anos, quando Gael Fontes a recusou e humilhou abertamente sobre o possível noivado dos dois.

Porém, como o carma nunca falha, tudo o que o herdeiro dos Fontes necessita quinze anos depois, quando retorna para recuperar a empresa da família, é justamente um casamento por contrato.

O que ele não esperava era que justamente a mulher que quebrou seu coração seria a candidata perfeita, e mais, que ela o escolheria novamente.

Ele a humilhou por um casamento por contrato.

Ele precisa dela agora, pelo mesmo motivo.

Talita se apegou a esse contrato pela sua família, e por uma promessa que apenas ela pode cumprir. Mas nada lhe impede de se divertir com a infelicidade do homem que estará preso nessa

mentira com ela. Entre o carma, uma rede de mentiras e corações partidos, até que ponto um casamento por contrato significará apenas isso?

GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA

Família Esteves – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Ter um ditado como aquele sendo uma realidade, depois de tanto tempo, apenas fazia Guta duvidar se realmente queria tal casamento. Augusta que amava Juan, que amava Pâmela, que amava Franco, que amava Carolina, que felizmente, o amava de volta.

Deixada sozinha em casa, após finalmente ter o homem que amava da forma que sempre desejou, Guta parou de se questionar do que era necessário para que aquele casamento fosse real, e aceitou que o amor de Juan Esteves nunca seria seu.

Ela então o deixa para trás, e com ele, todo o sonho do primeiro amor que agora ela jurou que esqueceria. Contudo, o que ela não esperava, depois de tanto tempo, era que criaria algum laço real com ele.

Guta apenas quer os papéis do divórcio e distância, mas se descobre grávida do cowboy que não a ama.

UMA FILHA INESPERADA PARA O CEO

Família Esteves – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Júlia Medeiros sempre pensou que para bom entendedor, meia palavra bastava. Entretanto, ela não sabia o que entender, quando o homem para o qual se declarou, a abandonou na cama, na companhia de um chapéu. Ela só não tinha ideia do que mais acabou ficando para si.

Oscar Esteves sempre lutou por sua família, e seus irmãos eram seu mundo, contudo, os olhos bonitos da mulher que o encantou desde que a encarou pela primeira vez, sempre vagavam em suas memórias.

Anos depois e uma coincidência do destino, Oscar descobre que aquele amor não resultou em apenas lembranças que ele não conseguia tirar da mente, mas também, em uma filha.

UMA FAMÍLIA INESPERADA

Família Esteves – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Flávio, sempre teve Dove Kang. O caçula da Família Esteves, tem um sorriso fácil e piadinhas sempre na ponta da língua, mas não consegue fingir que *ela* não desperta nada dele, nem que seja medo. *Diacho de moça bonita!*

Dove Kang é uma mulher que vive pelo legado da sua família. Os Kang são poderosos e intocáveis, e nenhum deles vive para o romance. Contudo, ela não pode negar que existe algo que sempre a surpreende nos olhos claros daquele *menino*.

Duas pessoas de realidades completamente opostas, mas que não conseguem evitar a atração que sentem. E talvez descubram que existe algo muito maior que **o medo e a surpresa** um no outro: **uma família inesperada.**

[1] Brother - Kodakline

[2] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[3] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[4] Treacherous – Taylor Swift

[5] Holy Ground – Taylor Swift

[6] Mastermind – Taylor Swift

[7] favorite crime – Olivia Rodrigo

[8] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[9] illicit affairs – Taylor Swift

[10] Would've, Could've, Should've – Taylor Swift

[11] Atlantis - Seafret

[12] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[13] Would've, Could've, Should've – Taylor Swift

[14] The Moment I Knew – Taylor Swift

[15] High Infidelity – Taylor Swift

- [\[16\]](#) Mamãe em coreano.
- [\[17\]](#) Make me (cry) – Noah Cyrus feat. Labyrinth
- [\[18\]](#) Brother – Kodakline
- [\[19\]](#) Photograph – Ed Sheeran
- [\[20\]](#) favorite crime – Olivia Rodrigo
- [\[21\]](#) All to Well 10 min version – Taylor Swift
- [\[22\]](#) favorite crime – Olivia Rodrigo
- [\[23\]](#) right where you left me – Taylor Swift
- [\[24\]](#) “Mãe” em coreano.
- [\[25\]](#) Midnight Rain – Taylor Swift
- [\[26\]](#) Would've, Could've, Should've – Taylor Swift
- [\[27\]](#) Better Man – Taylor Swift
- [\[28\]](#) tolerate it – Taylor Swift
- [\[29\]](#) august – Taylor Swift
- [\[30\]](#) Better Man – Taylor Swift
- [\[31\]](#) All to Well 10 min version – Taylor Swift
- [\[32\]](#) Better Man – Taylor Swift
- [\[33\]](#) you brooke me first – Tate McRae
- [\[34\]](#) Midnight Rain – Taylor Swift
- [\[35\]](#) Labyrinth – Taylor Swift
- [\[36\]](#) Papai em coreano.
- [\[37\]](#) favorite crime – Olivia Rodrigo
- [\[38\]](#) All to Well 10 min version – Taylor Swift
- [\[39\]](#) All to Well 10 min version – Taylor Swift
- [\[40\]](#) Labyrinth – Taylor Swift
- [\[41\]](#) Labyrinth – Taylor Swift
- [\[42\]](#) Sweet Nothing – Taylor Swift

[\[43\]](#) Labyrinth – Taylor Swift

[\[44\]](#) Holy Ground – Taylor Swift